





JUSTICA DE
KUSHIEL



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Justiça de Kushiel / nº 210 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Jacqueline Carey*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original Kushiel's Avatar © 2003 Jacqueline Carey. Publicado originalmente em Nova

Iorque por A Tor Book, 2003

TRADUÇÃO: *Teresa Martins de Carvalho*

REVISÃO: *Rosa Vilaça*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *DPS - Digital Printing Services*

1.ª EDIÇÃO: *Maior, 2013*

ISBN: *978-989-637-526-3*

DEPÓSITO LEGAL: *359012/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Rua Adelino Mendes, Nº 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

JUSTIÇA DE
KUSHIEL
Jacqueline Carey

Tradução de *Teresa Martins de Carvalho*

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

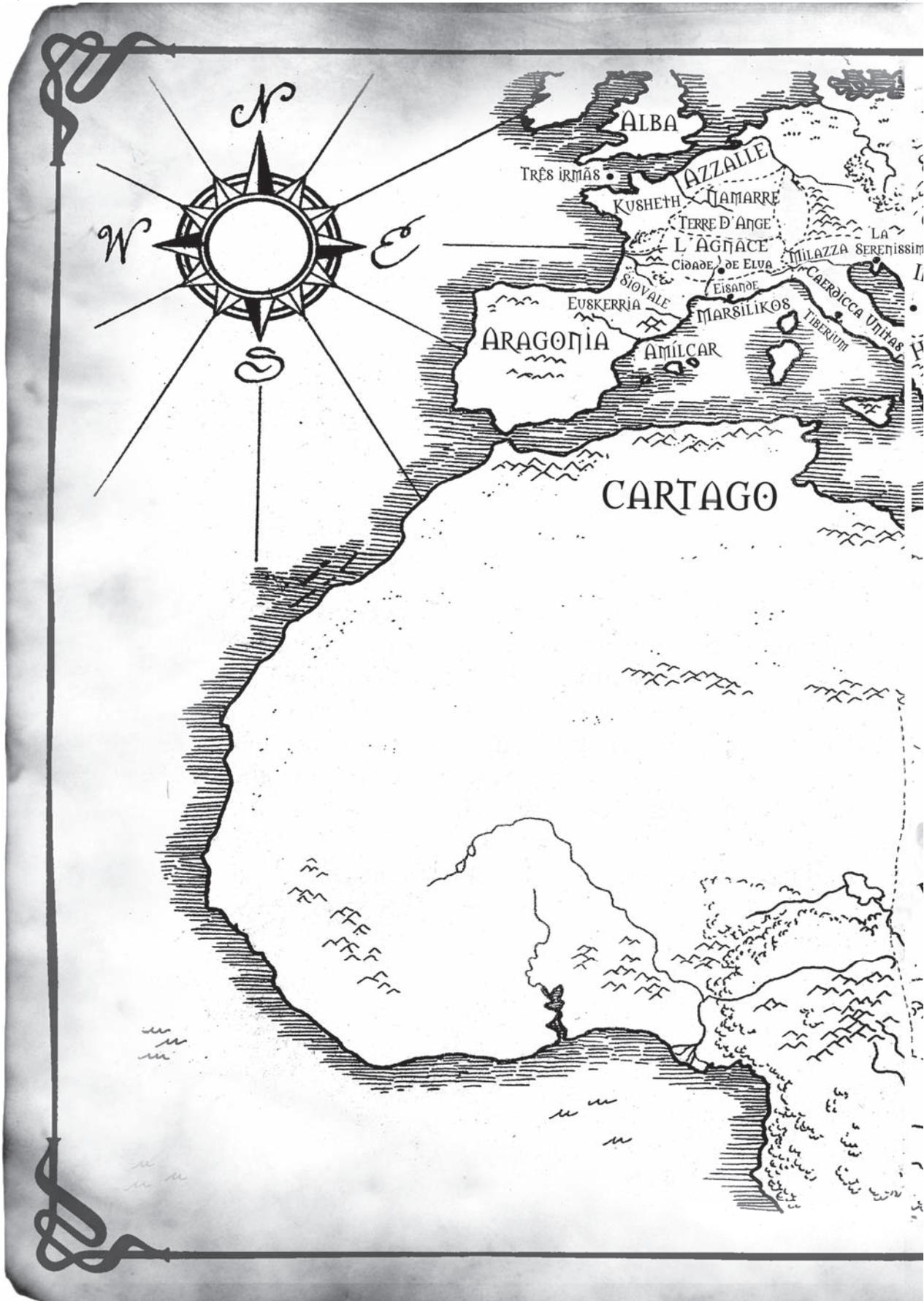


AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão para com todas as pessoas que contribuíram para o sucesso da trilogia O Legado de Kushiel; para com o meu primeiro agente, Todd Keithley, cuja fé nos livros tornou isto possível, e para com a minha agente, Jane Dystel, cujo continuado apoio levou a trilogia à sua conclusão e abriu portas para lá dela. Para com todos na Tor, e especialmente para com a minha editora, Claire Eddy, tanto pela sua competência como pela sua paixão.

E por último, mas nunca, jamais, menos importante: para com os leitores.

Obrigada.







DRAMATIS PERSONAE

CASA DE PHÈDRE

Anafiel Delaunay de Montrève — mentor de Phèdre (*falecido*)
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay (*falecido*)
Phèdre nó Delaunay de Montrève — Comtesse de Montrève;
anguisette
Benoit, Gemma — pessoal doméstico
Fortun, Remy, Ti-Philippe — chevaliers, alcunhados Os Ra-
pazes de Phèdre
Eugènie — cozinheira
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)
Purnell Friote — senescal de Montrève
Richeline Friote — esposa de Purnell

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: TERRE D'ANGE

Ysandre de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange; casada com
Drustan mab Necthana
Ganelon de la Courcel — anterior Rei de Terre d'Ange; avô de
Ysandre (*falecido*)
Isabel L'Envers de la Courcel — mãe de Ysandre (*falecida*)
Rolande de la Courcel — pai de Ysandre (*falecido*)
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe de
Sangue (*falecido*)
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; esposa de
Ghislain de Somerville
Lyonette de Trevalion — tia-avó de Ysandre; alcunhada Leoa
de Azzalle (*falecida*)
Marc de Trevalion — marido de Lyonette; anterior Duc de
Trevalion (Azzalle)
Nicola L'Envers y Aragon — prima de Ysandre

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL:
LA SERENÍSSIMA

Benedicte de la Courcel — tio-avô de Ysandre; Príncipe de Sangue
Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte (*falecida*)
Etaine de Tourais — segunda esposa de Benedicte de la Courcel
Imriel de la Courcel — filho de Benedicte e segunda esposa
Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Marco Stregazza
Severio Stregazza — filho de Marie-Celeste e Marco; Príncipe de Sangue
Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Dominic Stregazza (*falecido*)

FIDALGUA D'ANGELINE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Camlach) (*falecido*)
Marquise Solaine Belfours — fidalga; Secretária do Selo Privado
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*falecido*); adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin
Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)
Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)
Sua Senhoria Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline
Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)
Faragon Shahrizai — Duc de Shahrizai (Kusheth)
Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)
(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)
Ghislain de Somerville — filho de Percy; casado com Bernadette de Trevalion
Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Príncipe de Sangue; Comendador Real
Tibault de Toluard — Marquis de Toluard (Siovale)
Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle); primo de Marc Apollonaire e Diàne — detentores do Marquesado de Fhirze

Vivienne Neldor, Marie de Flairs — damas de companhia de Ysandre
Sua Senhoria Amaury Trente — Capitão da Guarda da Rainha
Sua Senhoria Denise Grosmaine — Secretária da Presença

CORTE DA NOITE

Moirethe Lereux — Cortesã-Mor da Casa Rosa Amarela
Favrielle nó Rosa Amarela — costureira
Raphael Murain nó Genciana — adepto da Casa Genciana

TRÊS IRMÃS

Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange
Hyacinthe — aprendiz do Senhor do Estreito; amigo de Phèdre; tsingano

ALBA E EIRE

Drustan mab Necthana — Cruarch de Alba, casado com Ysandre de la Courcel
Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada (*falecido*)
Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada
Necthana — mãe de Drustan
(Breidaia, Moiread (*falecida*), Sibeal — filhas de Necthana)

LA SERENÍSSIMA

Cesare Stregazza — Doge de La Sereníssima
Marco Stregazza — filho mais velho do Doge
Ricciardo Stregazza — filho mais novo do Doge
Allegra Stregazza — esposa de Ricciardo
Benito Dandi — fidalgo, membro dos Immortali
Orso Latrigan — fidalgo, candidato à eleição do Dogado

Bianca — Sacerdotisa das Eleitas; Oráculo de Asherat
Vesperia — Sacerdotisa de Asherat; aprendiz de Oráculo
Giulia Latrigan — fidalga
Magister Acco — astrólogo
Serena Pidari — esposa de Phanuel Buonard
Felicity d'Arbos — antiga dama de companhia de Maria Stregazza
Carcereiro-Mor de La Dolorosa
Constantin, Fabron, Malvio, Tito — carcereiros

ILLYRIA

Vasili Kolcei — Ban de Illyria, alcunhado o Zim Sokali
Zabèla Kolcei — esposa do Ban
Pjètri Kolcei — filho do meio do Ban
Czibor — comandante da Guarda do Ban
Kazan Atrabiades — capitão pirata
(Epafras, Gavril, Lukin, Nikanor, Oltukh, Pekhlo, Spiridon,
Stajeo, Tormos, Volos, Ushak — homens de Kazan)
Daroslav — irmão de Kazan (*falecido*)
Glaukos — homem de Kazan, antigo escravo tiberiano
Zilje — esposa de Glaukos
Marjopí — governanta de Kazan
Njësä Atrabiades — mãe de Kazan
Janàri Rossatos — Embaixador em La Sereníssima

KRITI

Oeneus Asterius — Hierofante dos Temenos
Pasifae Asterius — a Kore dos Temenos
Demetrios Asterius — Arconte de Faistos
Timanthes — fidalgo, amante do Arconte
Althaia — fidalga, irmã de Timanthes

OUTROS

Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; anti-
go professor de Delaunay

Thelesis de Mornay — Poeta da Rainha
Quintilius Rouse — Almirante Real
Emile — membro da antiga equipagem de Hyacinthe
Jacques Brenin — feitor de Phèdre
Nahum ben Isaac — o Rebbe
Hanna — mulher yeshuíta
Micheline de Parnasse — Arquivista Real
Tarren d'Eltoine — Capitão dos Imperdoáveis, Fortesul (Camlach)
(Octave, Vernay, Svariel, Fitz, Giles — soldados dos Imperdoáveis)
Phanuel Buonard — guarda de Troyes-le-Mont
Louis Namot — Capitão do navio *Darielle*
Brys nó Rinforte, David nó Rinforte — Irmãos Cassilines
Gregorio Livinius — Príncipe de Pavento
Duque e Duquesa de Milazza
Gilles Lamiz — aprendiz de poeta
Micah ben Ximen, Sarae, Teppo — yeshuítas; aliados de Joscelin
Cervianus — ajudante do Templo de Asherat



CINQUENTA E DOIS



A Primavera chegou a Darśanga. No jardim do *zenana*, fez despontar uns poucos rebentos pálios, coisas débeis e esparsas irrompendo através do solo esfarelado nos cantos em que a terra queimada de sal não estava tão estéril. Havia uma rapariga de mente retardada, da ilha de Citera, que deles cuidava sempre que tinha ensejo, embalando-os com canções, trazendo água estagnada da piscina lá de dentro num púcaro de lata para nutri-los. Eu teria julgado mais provável que ela os matasse, mas cresceram ainda assim, teimosos rebentinhos alongando-se aos poucos na direcção do Sol.

Por vezes Imriel ajudava-a, inesperadamente paciente, e recordava-me da acólita simples de espírito do Santuário de Elua, e do seu dom para os animais — Liliane, que tinha o nome de minha mãe. Imriel tê-la-ia conhecido, é claro, praticamente ao longo de toda a sua vida. Recordava-me de como as nossas montadas a haviam seguido sem que lho pedissem. E recordava-me também de como o *Skotophagotis* cavalgara o seu genioso burro sem um cabresto sequer.

Os dons do Abençoado Elua.

O poder de *Angra Mainyu*.

Um deles prevaleceria, aqui em Darśanga. E eu, que carregava este conhecimento sozinha, estremeia sob o seu peso. Fracos e medrosos, chamara Kaneka aos deuses de Terre d'Ange; últimos nascidos, indignos servos. Até mesmo Imriel os desprezava, e Joscelin... não sei no que acreditava Joscelin, já não. Fora sacerdote de Cassiel, outrora. Agora

vivia a danação que acreditava haver aceitado quando escolhera o amor sobre o dever.

A toda a minha volta, o palácio de Darśanga respirava escuridão e ódio, a fome de *Angra Mainyu* despertando de novo para a Primavera e a perspectiva de nova vida a destruir. Os seus números cresciam. De toda a parte em Drujan e mais além, os *Âka-Magi* retornavam ao palácio, ao *Mahrkagir*. Primeiro eram três, no salão de festas, depois cinco, depois oito. Os aprendizes vinham também, os escoteiros com os seus cintos de ossos, preparando-se para a sua ordenação final.

E os homens das tribos tatars vinham em turbas.

Incluindo Jagun dos Tatars Kereitas.

Foi Rushad quem primeiro ouviu o rumor, e rezei para que não fosse verdade, rezei para que o Abençoado Elua intercedesse. De nada valeu. O rosto de Nariman o Eunuco-Chefe contou-me a história, as suas bochechas rotundas tremendo de prazer enquanto sorria, o seu dedo apontado convocando Imriel para o salão de festas. — *Tu* irás atender o comandante de guerra kereita — sibilou. — Trata de que ele se sinta agradado no banquete!

A expressão de Imriel empederniu-se. Ninguém chorou por ele. Eu não ousei fazê-lo.

No longo corredor, ele avançou como um homem condenado a caminho das galés, e o meu coração sangrou por ele. Uru-Azag lançou-me um olhar compassivo de relance. Nada havia que ele pudesse fazer, tampouco.

O salão de festas estava apinhado; haviam chamado uma boa vintena de nós. Tomei o meu lugar ao lado do *Mahrkagir*. Por essa altura, era coisa bem assente. Ele mantinha-me bem junto dele como se fosse sua Rainha, saudando-me mesmo com um beijo cortês, os olhos insanos e adoradores. E, a seu lado, também eu presidia ao inferno.

Os Tatars Kereitas tinham lugar de honra numa das mesas dianteiras. Reconheci Jagun à primeira vista pela deferência que os outros lhe prodigalizavam. Estava resplandecente numa armadura revestida de pele, os ombros largos e as pernas arqueadas de cavaleiro, e berrou a sua aprovação quando Imriel foi enviado a atendê-lo, batendo com uma caneca de *kumis* na mesa.

Pelo menos, pensei, os Tatars não são naturalmente cruéis — não como os Drujani, que seguiam o credo de *Angra Mainyu*. E não, graças sejam dadas a Elua, como o *Mahrkagir*, para quem a noite era dia e o frio era quente e atrocidade era um inocente prazer. Ainda assim, eram ferozes e selvagens, e vi as lágrimas de raiva impotente nos olhos de Imriel quando Jagun dos Kereitas o acariciou, rugindo de riso à sua resistência.

— Jagun quer o rapaz — confidenciou-me o *Mahrkagir*, observando-o. — Se jurar vassalagem, todos os Kereitas o seguirão, e os Kirguizes e os

Uighurs a eles se seguirão! Marcharemos contra Nineve! — Os seus olhos brilhavam. — Khebbel-im-Akkad cairá perante nós, *ishta*, e isso é apenas um começo. Varreremos a terra qual negro vendaval. Verás. — Sorriu para mim. — Os teus temerosos deuses estão impacientes por ajoelhar perante *Angra Mainyu* tal como tu estás por ajoelhar a meus pés. Diz-lhes que eu vou a caminho, *ishta*. Não tardará muito. Quando Jagun e os Tatars concordarem, eu me irei a eles, e farei da sua destruição uma assombrosa má ação.

— Dareis então o rapaz a Jagun, meu senhor? — forcei-me a perguntar-lhe.

— Ainda não. — Encolheu os ombros. — Gashtaham diz que não podemos avançar até depois da *vahmyâcam*, seja como for. Haverá mais acólitos, após a oferenda, e mais *Âka-Magi* serão dedicados, que valem mil guerreiros cada um... e algo mais, diz ele, algo especial. Eu julguei saber, em tempos, mas isso foi antes de... olha, *ishta!* — Riu-se outra vez. — Vê como o teu senhor d'Angeline Jossalin mira o rapaz! Penso que tem inveja, o meu Portador de Augúrios. Eu sabia que ele haveria de desejar o rapaz se o visse!

— Mandai-lho a ele, então. — A minha voz soou-me cava aos ouvidos. Forcei-me a sorrir para o *Mahrkagir*. — E então quedar-se-á Jagun com inveja. Se o seu sangue for feroso, mais lesto será a fazer barganha e acabar com tudo.

— É um pensamento engenhoso — disse ele aprovadamente. — Acaso o farei, brevemente. Quero que Jagun mantenha a sua fome. Algumas licenciosidades lhe concedi neste salão, mas está-lhe interdito o prémio final. Há tempo, antes da *vahmyâcam*. Então, depois de tudo acabado, ele poderá possuir o rapaz em pleno. — Acariciou-me a face com dedos frios. — Vê o quanto me ensinaste no que ao desejo toca, *ishta!* Ganhei sabedoria nos seus modos.

Assenti, fechando os olhos contra o terrível frémito do seu toque. — Quando terá a *vahmyâcam* lugar, meu senhor?

— Oh, isso. — O *Mahrkagir* afagou-me o seio, estimulando o mamilo à erecção e beliscando-o com força, rindo suavemente quando eu reprimi uma lamúria de prazer. Continuava a ser uma brincadeira favorita sua. — Dez dias.

O salão rodopiou-me diante dos olhos quando os abri, toldado de carmesim, o pulsar de desejo martelando-me no sangue. Agarrei com força a toalha da mesa, cravando as unhas na madeira. Um dos *Âka-Magi* veio falar ao *Mahrkagir*; que me largou. O *Âka-Magus* olhou-me pelo canto do olho, um sorriso prazenteiro pairando-lhe nos lábios.

E Joscelin fitava-me sem qualquer expressão.

Levantei as mãos da toalha e espetei os dedos. Dez dias.

Com um breve assentimento, ele desviou o olhar.

O resto da noite ficou-se indistinto, a par das outras, demasiadas outras. Nada se passou de diferente, salvo a presença de Imriel lá — e mais, mais *Âka-Magi*, mais drujani, mais tatars. O que eu não tolerava ver sem me encolher, evitava. Covarde desculpa, bem sei, mas suportara demasiado para me deixar trair agora. A seu tempo, o *Mahrkagir* conduziu-me dali para os seus aposentos e foi-me concedido um alívio de *anguisette*, tudo esquecendo nas refinadas profundezas de dor e humilhação, até tudo acabar e o acordo de mim retornar de supetão, a miséria triplicada pela renovada auto-abominação.

Fui restituída ao *zenana* antes de Imriel.

Dantes, ia sempre para a minha alcova e dormia algumas horas depois de o *Mahrkagir* me dispensar. Desta vez, esperei, ajoelhada no meu tapete, suportando o latejar entorpecido da dor. Tanto Rushad como Drucilla me rondaram, ambos atormentados. Mantive o olhar fito na porta de treliça e ignorei-os.

Mais de uma hora se passou antes que ele retornasse, escoltado por Uru-Azag, e o rapaz Imriel que retornou não era o mesmo que eu conhecera, aquele que me cuspira no rosto e me levava a persegui-lo com espalhafato pelo *zenana*. Este rapaz andava hirto, o rosto inexpressivo de aturdimento, sem um resquício de desafio nos olhos, apenas atónita mágoa. Uru-Azag deixou-o ir, fazendo uma vénia imperceptível quando Imriel cambaleou com passos pesados de chumbo na direcção da sua otomana.

Uma ilha de mulheres chowati jazia no seu caminho. É verdade que Imriel as importunara por mais do que uma ocasião, deitando mão a doces, trocando insultos. Não havia verdadeiro dano nisso... mas, neste lugar, crueldade gerava crueldade. Não me ocorre por que motivo mais Jolanta, a mais geniosa de todas, escolheu atormentá-lo. Apenas sei que o fez.

— Meu galinho — chamou-o maliciosamente em zeniano —, pequeno galo, onde está o teu cocorocó? O que se passa, os tatars tiraram-te os bagos? — Arremessou a cabeça para trás, rindo, face ao olhar inexpressivo dele. — Anda, rapaz — disse, afastando as pernas e esfregando-se —, é bom que lhes dêes uso enquanto os tens, novinho ou não, antes que acabes como o skaldi!

— Eu diria que ele já os perdeu — acirrou uma das outras, levantando-se da otomana. Imriel pestanejou, arredando-lhe as mãos para longe quando ela lhas chegou aos calções. Outra agarrou-o por trás, prendendo-lhe os braços. Tomado de pânico, ele começou a debater-se, emitindo um som terrível e estridente. — Algumas apostas? Ainda mexerá a verga do galinho?

Estonteada de fúria, nem dei por me pôr de pé. O mundo tingira-se de

um familiar escarlate. Os ouvidos tiniam-me com o terrível som que Imriel emitia, e algo mais, algo que soprou qual vento através de mim, uma assoladora borrasca de brônzeas asas.

Tomei um alento que me cauterizou os pulmões como fogo e gritei. — *Deixai-o ir!*

As palavras ressoaram qual zunir de chicote no *zenana*, seguindo-se um silêncio cavernoso. E, no silêncio, cem pares de olhos fitaram-me.

Jolanta das Chowati não era covarde nenhuma. No silêncio, levantou-se da sua otomana e atravessou o *zenana* para me confrontar. — Porque haveríamos nós de fazê-lo? Quem és tu para o ordenar?

Sustive a língua e não dei resposta.

— O nome dela — disse uma voz de homem, esganiçada e áspera, falando um tosco zeniano —, é Phèdre nó Delaunay, e atravessou em tempos uma guerra direita à tortura e à morte certa para salvar a sua nação. — Os lábios de Erich recurvaram-se quando se pôs de pé contra a parede. — Dos Skaldi.

— Sabíeis — sussurrei, de olhos fitos nele.

— Tinha eu seis anos — disse ele. — Os derrotados lembram-se sempre.

Jolanta pestanejou, abrindo e fechando a boca. Qual sombra negra, Kaneka apareceu ao lado dela, fazendo deslizar um alfinete de cabelo de marfim da espessa cabeleira lanosa. Era pontiagudo como uma adaga, e quase tão comprido. Gesticulou com ele, sorrindo prazenteiramente. — Retorna para a tua ilha, chowati.

Fiz menção de avançar. — Imriel.

— Eu examiná-lo-ei. — Foi Drucilla que falou, firme e eficiente. — Nada há que possais fazer por ele agora. Kaneka, Nariman vem aí.

Com um movimento discreto, a jebeana fez deslizar o alfinete de cabelo de volta para o seu lugar, e Jolanta dirigiu-se de mansinho para a sua otomana. Nariman acercou-se, bamboleante e intrometido. — Senhora — disse-me em zeniano, respirando com força, com desagrado nos olhos pequenos —, não *berreis* no meu *zenana*.

A mão de Kushiel não me largara inteiramente.

— Escutai aqui, homenzinho — disse em Antigo Persa. — Apraza-me ou não, sou a favorita do *Mahrkagir*. Se não vos mantiverdes fora do meu caminho, pedir-lhe-ei a vossa cabeça numa bandeja. E se ele estiver na disposição, bem ma poderá conceder. Julgais que ele vos tem tanto amor assim, por abirdes a porta aos Akkadianos há trinta anos atrás? A vossa posição aqui é uma amarga zombaria que já durou mais do que devia.

Ele fez-se lívido. — As favoritas mudam — sibilou. — Ou morrem. Acidentes acontecem, no *zenana*.

— Sim — disse eu, não me deixando impressionar. — E se algum me acontecer, prometo-vos, tereis uma horda de *Áka-Magi* em fúria aqui querendo saber porquê.

Nariman foi-se.

Kaneka cruzou os braços e olhou para mim.

— Erich — disse eu, ignorando-a. — Rushad disse que não faláveis zeniano.

— Um pouco — replicou ele em Skáldico. — Não mais. Apreendi a escutar, observando-vos. E estou aqui há muito tempo. — O seu olhar tinha um brilho sombrio por detrás do cabelo amarelo emaranhado. — Haveis escapado da herdade de Waldemar Selig no rigor do inverno. Eu bem sei. Contamos histórias a esse respeito. Conheci-vos pelos olhos, e pela marca escarlate. Tendes um plano para escapar daqui?

— Porventura — disse eu. — Só que será necessária a ajuda do *zenana* para fazê-lo.

— O sacerdote da espada está convosco? — perguntou ele. — Aquele que derrotou Selig no *holmgang*?¹

Vacilei. — Sim.

— Bom. — Erich sorriu, frio como a morte. — Seja o que for necessário, fá-lo-ei. E não... não vos apoquenteis com o rapaz. Ao que lhe acontece agora, sobreviverá ele, se tiver força de vontade. O Senhor Morte e os seus sacerdotes dos ossos assim lho disseram, se fizer o que lhe for pedido, conservará a sua virilidade. Que ele está a ser guardado para algo especial. — A sua boca retorceu-se. — Não o castrarão até que nisso acredite.

Engoli em seco, com lágrimas nos olhos. — Lamento, Erich.

Os ombros dele encolheram-se. — Estou a pagar pelos pecados de alguém. Porventura os de Selig, quem sabe? Tinha seis anos. Pouco importa para os deuses. Se viver, perguntarei a um sacerdote do Pai Supremo Odin porque fui eu escolhido para isto. Se morrer... — Encolheu os ombros de novo. — Deixai-me fazê-lo com uma espada na mão, e morrerei com o vosso nome nos lábios, sejais minha inimiga ou não. Deveríeis ir, agora, falar à negra alta antes que ela vos estrangule. Poderia dirigir uma herdade, aquela ali. Muitas mulheres lhe acatariam as ordens.

Olhei involuntariamente de relance para Kaneka, que ergueu as sobrancelhas. — Fá-lo-ei. Erich, obrigada. Juro-vos, não sou vossa inimiga. Não aqui, não neste lugar... nem depois, tampouco. Não culparei os Skaldi pela guerra de Waldemar Selig.

¹ Termo que pode traduzir-se por “ir para a pequena ilha” ou simplesmente “ida para a ilha”, referência aos duelos praticados pelos Nórdicos sobre um couro ou um manto estendido no chão, ou possivelmente também numa pequena ilhota. (N. da T.)

— Não importa. — Ele fechou os olhos. — Haveis-me cantado cantigas de casa. Só por isso teria morrido abençoando-vos.

Eu teria dito algo mais, mas por essa altura a mão de Kaneka fechou-se sobre o meu ombro. — Já é tempo, pequenita — disse ela severamente, voltando-me para encará-la. — Tempo de falarmos.

— Sim. — Olhei os seus alfinetes de marfim. — É sim, *Fedabin*.

Conduzi-a à minha alcova e acendi a candeia, debatendo-me com a pedra-de-fogo para fazer lampejar uma centelha. Kaneka puxou do único banco e sentou-se a observar, os olhos brilhando na obscuridade. Por fim a candeia acendeu-se, um brilho cálido alumando o quarto. Afundei-me no meu catre com um suspiro, em carne viva e ardendo de dores, por lavar, ciente disso com cada parte do meu corpo agora que a presença de Kushiel me largara por completo.

— Quem és tu? — perguntou Kaneka. — Porque estás aqui?

Olhei-a bem de frente. — Erich falou a verdade. Sou Phèdre nó Delaunay, Comtesse de Montrève, Serva de Naamah e Eleita de Kushiel. E vim pelo rapaz, Imriel.

— O skaldi conheceu-te.

— A sua nação invadiu a minha, em tempos. Eu fiz algo para a deter.

Kaneka mostrou os dentes num sorriso. — Algo a respeito do qual eles contam histórias.

— Sim — disse eu. — Ao que parece contam.

— Devias ser uma criança na altura. — Olhou-me, avaliadora. — Contam-se histórias a teu respeito na tua pátria, pequenita?

— Algumas — disse eu, pensando no meu lugar no épico de Thelesis de Mornay, o Ciclo Ysandrine, nos poemas de Gilles Lamiz, nos contos da Corte da Noite e nos mexericos do Palácio e das ruas da Cidade de Elua. — Sim, *Fedabin*, contam-se algumas.

— O rapaz não sabe.

— Não. — Abanei a cabeça. — Não sabe. Foi criado por sacerdotes, que tomaram cuidado para que ele não ouvisse tais histórias.

— Ele não te conhece — disse ela. — E contudo vieste por ele. Porquê?

— Porque — disse eu — prometi a sua mãe que o faria. E porque os meus deuses assim me pediram. — Permiti-me um sorriso, velado de amargura. — Os meus deuses fracos e medrosos.

Kaneka encarou-me. — Algum deles deve amar sobremaneira — disse. — Ou os teus deuses, ou a mãe do rapaz.

Ri-me, face àquilo — não pude deixar de fazê-lo. — *Fedabin* Kaneka — disse, passando as mãos pelo cabelo desgrenhado, buscando recuperar o meu autodomínio. — Ponhamos fim a esta dança, pois não tenho tempo para ela. Daqui a nove dias... nove dias!... os *Áka-Magi* de Drujan levarão

a cabo os seus sacrifícios, a *vahmyâcam*. E a menos que muito me engane, o que não acontece tão amiúde como podereis supor, temo que seja intento deles que o *Mahrkagir* faça de mim a sua oferenda. Vedes bem — disse, sustentando-lhe o olhar —, ele aprendeu, contra todas as probabilidades, a amar. E se lhe for permitido oferecer *isso* no altar de *Angra Mainyu*, ele chamará a si tal poder que fará tudo o que o antecedeu antes parecer uma brincadeira de criança.

Sendo escura de pele, Kaneka não podia fazer-se branca; em vez disso, fez-se cinza. Ainda assim, não desviou os olhos. — Não te propões deixar que o faça.

— Não — disse eu, olhando-lhe para o alto da cabeça. — Proponho-me pedir-vos os alfinetes de cabelo emprestados.

As mãos de Kaneka, entrelaçadas entre os joelhos, tremeram. — Matarias o Senhor Morte.

Não logrei dizê-lo. Assenti apenas. Face àquilo, Kanela desviou o olhar. As lágrimas assomaram-lhe aos cantos dos olhos. — O que será feito de nós? — perguntou. — O que será feito do *zenana*? Que *vingança* — a palavra era áspera, em zeniano — exercerão os seus seguidores?

— Nenhuma — sussurrei — se estiverem mortos ou incapacitados. Kaneka, escutai-me. O poder dos *Âka-Magi* flui através do *Mahrkagir*. Se ele for chacinado, restam apenas os soldados. E se o *zenana* ajudasse... — engoli em seco — ...se o fizessem, se fizessem uma reserva de ópio, se o cozinheiro que está enamorado da efesiana o transformasse numa tintura, e as mulheres do *zenana* a servissem à guarnição mesclada em *kumis*, cerveja e vinho, na noite da *vahmyâcam*, quando decerto haverá festim... Kaneka, nós poderíamos tomar Darśanga.

— Nós. — Ela olhou-me de volta, o seu rosto qual máscara, ignorando as próprias lágrimas. — Um punhado de mulheres desarmadas. Um rapaz.

— E Erich. E os akkadianos, que têm facas. Eles lutarão, sei-o.

— Estás tão, tão segura — murmurou ela. — Pequenita.

— Não. — Engoli novamente em seco, tentando consumir o nó de medo que tinha alojado na garganta. — Estou assim tão, tão desesperada, *Fedabin*, porque não posso fazê-lo sozinha, e julgo que, se falhar, seremos todos mortos. Vós e eu e Imriel, e todos no *zenana*, e não sei onde tudo acabará, pois que, se falhar, morrerei às mãos dele, e se isso suceder, não vejo lugar algum nesta Terra onde o poder de *Angra Mainyu* tenha fim, e penso que, embora desesperadamente atemorizada de me poder enganar, foi por isso que os meus deuses me enviaram aqui. *Fedabin* Kaneka, apenas vos contei histórias verdadeiras. Se nas vossas mãos colocar aquilo que estimo mais que a vida, emprestar-me-eis os vossos alfinetes de cabelo?

Kaneka olhou-me sem falar, e num só gesto abrupto, removeu do

cabelo os alfinetes gêmeos de marfim, colocando-mos nas mãos abertas. Fitei-os, as longas hastes afilando-se em pontas de adaga, e fechei as mãos sobre eles. Retinham ainda o calor dela. Fora a única coisa que eu não lograra conceber — como obter uma arma mortífera capaz de passar pelos guardas.

— Eu estava assustada — disse Kaneka abruptamente. — Por demais assustada para tentá-lo.

Assenti, entendendo. — Ele ter-vos-ia matado se o houvésses feito. *Fedabin* Kaneka, mantereí a minha barganha. Dispomos de outra arma ainda. Contam-se histórias a seu respeito na Skaldia, também.

CINQUENTA E TRÊS



Os dias que se seguiram contam-se entre os mais aterrorizadores da minha vida. Difícil que fora carregar o meu segredo sozinho, era pior partilhá-lo, tornando tantos de nós vulneráveis. O sussurrar era constante à medida que a conspiração crescia. Estava segura, a cada instante, de que alguém falaria descuidadamente diante de Nariman, e tudo seria deitado a perder.

Nada daquilo teria sido possível sem Kaneka. Assediando, bajulando, ameaçando — foi ela que converteu as outras à nossa causa, convencendo-as a abdicar das suas preciosas porções de ópio. Não todas, mas muitas; as bastantes. Drucilla disse-se encarregou, carregando a bola cada vez maior de resina no seu cesto de física. Quando alcançasse o tamanho de dois punhos de homem, avaliou ela, seria o bastante para afectar a guarnição inteira.

Rushad provou também ser um inestimável aliado. Embora a perspectiva o deixasse pálido e a tartamudear de medo, ele providenciou não obstante um constante fluxo de informação respeitante à cerimónia de dedicação, e ao festim que a acompanharia. O próprio Rushad levaria a tintura de ópio para o salão de festas, em hora mais tardia, e trataria de que fosse dispersada entre a miríade de jarros de cerveja e *kumis*.

Não penso que ele houvesse encontrado coragem, não fosse Erich. O reemergir do skaldi para o mundo dos vivos enchia-o de júbilo, e considerava-me pessoalmente responsável por isso. Eram um inusitado par de

amigos, o jovem guerreiro skaldi e o esguio eunuco persa. Ainda assim, Rushad era louco por ele, e, por seu lado, Erich levava-o com certa tolerância afectuosa.

Quanto aos akkadianos, eu própria contei a Uru-Azag, e não sem uma boa dose de tremor. Ele ouviu-me até ao fim em silêncio e, por um longo momento, apenas se quedou postado de olhos fitos, com os dedos no punho da adaga curva. — Ópio apenas não é o bastante — disse abruptamente. — Haverá luta. E homens tomados de delírio são perigosos.

— Mas inábeis — disse eu.

Ele assentiu, pensando. — Se pudéssemos chegar aos barcos de pesca, acaso seria o bastante. Drujan não tem frota para nos dar caça. Ainda assim. As adagas de pouco servem contra espadas. E haverá dois guardas postados na entrada superior do *zenana*. Mesmo nessa noite.

— Os guardas estarão mortos — disse eu. — Podereis tirar-lhes espadas, armaduras.

Uru-Azag franziu o cenho, os sobrolhos unindo-se-lhe sobre o nariz aquilino. — Quem matará os guardas? — perguntou. — Vós?

— Não. — Abanei a cabeça. — O *Mahrkagir* chama-lhe o Portador de Augúrios.

O akkadiano riu-se com áspero deleite. — *Esse!* Ah, pois, estou a ver.

— Fá-lo-eis?

Ele olhou o vazio por sobre a minha cabeça, sopesando a questão. — Sois louca, sabeis. É provável que morramos todos.

— É possível — disse eu. Pensei nas palavras de Erich. Tal como o skaldi, os akkadianos haviam sido guerreiros, em tempos. — Seria uma morte de guerreiro, Uru-Azag. Não de escravo.

— Seria. — Olhou para mim. — Nariman será um problema. Eu próprio o matarei. Será um prazer abrir-lhe a garganta gorda.

Reprimi o ímpeto de alívio e apenas assenti. — E os outros?

— Lutarão. — Sorriu lugubrememente. — Envergonhá-los-ia não o fazer. O vosso deus, senhora, deve ser um poderoso guerreiro, para tal coragem inspirar.

Uma risada histórica embargou-se-me na garganta. — Não — disse, quase sufocando. — Mas é um prodigioso amante. Crede em mim, Uru-Azag, neste lugar, isso é o mais perigoso dos dois.

O akkadiano apenas me olhou de soslaio, e foi à sua vida. Não importava. Julgavam-me louca, tocada pelos deuses. Isso fizera de mim uma pária, antes. Agora fazia de mim um ícone, um propulsor. Os sinais haviam falado... os dados de Kaneka, o ressoar da presença de Kushiel, o retorno à vida do skaldi. Era o bastante. Ele lutaria; lutariam todos.

Apenas faltava contar a Imriel. Ainda não o fizera.

No primeiro dia, eu fora vê-lo depois de ter acabado de falar com Kaneka. Drucilla examinara-o — desta vez, ele permitira-o. Fora açoitado com uma vergasta, e tinha marcas de ferro em brasa na pele das nádegas; runas kereitas, indicando posse tal como se marcaria uma peça de gado. Interditado de possuí-lo, Jagun marcara não obstante Imriel como seu. Não estava gravemente lesionado, como era costume no *zenana*, significando isso que não morreria daquilo. Ela besuntara-lhe os vergões e as queimaduras com linimento de cavalo tatar e dera-lhe uma dose de valeriana contra as dores, de uma provisão que normalmente mantinha de reserva para os moribundos.

Imriel estava meio a dormir quando o fui ver, e não tive coragem de acordá-lo. Sentei-me na ponta da sua otomana a observá-lo.

— Phèdre — murmurou ele. — A minha mãe enviou-vos mesmo?

— Sim, Imriel. — Afaguei-lhe o belíssimo cabelo negro-azulado. — Enviou-me mesmo.

— Como sabia ela que eu aqui estava?

— Não sabia — disse eu suavemente. — Mas sabia o Abençoado Elua.

Julguei que ele fosse protestar, mas o seu olhar desfocado limitou-se a vagar. — Quando gritastes — sussurrou. — Quando gritastes... isso fez-me pensar em casa, e na estátua de Elua no campo de papoulas... uma das cabras costumava seguir-me até lá, Niniver chamava-se ela, e ela rastejava por baixo da cerca... era tão pequenina e eu alimentei-a com uma garrafa quando a mãe morreu, e Liliane ajudou-me, e ela rastejava por baixo da cerca e seguia-me...

A sua voz acabara por silenciar-se e ele adormecera. Quedei-me com ele até estar certa de que não acordaria, ardendo de ternura impotente. Eu própria suportara marcas daquelas na pele — mas eu era Eleita de Kushiel, e era de minha própria volição. Entrara ao Serviço de Naamah como adulta, ciente das minhas próprias escolhas. Tal sorte não se destinava jamais a uma criança. Esperei até que a sua respiração se tornasse mais profunda do sono, e então fui por fim banhar-me.

De seguida, ele ficou febril — do trauma, disse Drucilla, e não de infecção, mas falava alto em sonhos, a esmo, e eu temia o que ele pudesse dizer. — Alegrai-vos que seja apenas falar — disse Drucilla obscuramente, e eu não soube o que queria ela dizer, não então.

De nada importava para o *Mahrkagir*, que enviou Imriel para atender o comandante de guerra kereita no salão na noite seguinte, e na seguinte. Os festins continuaram, e os jogos de combate, também. Mais uma vez, Joscelin teve de lutar. Fê-lo com mais presteza, desta feita, ciente, penso eu, do temeroso olhar de Imriel. O rapaz encolheu-se todo para trás, contra Jagun, quando Joscelin passou por ele. Fiquei capaz de chorar ao vê-lo,

embora entendesse. A traição de Melisande assim me deixara. É feito indescrevível para um d'Angeline trair a sua nação.

Após o combate, alguém clamou que Joscelin lutasse contra Tahmuras, e elevaram-se gritos de concordância, foram feitas apostas. Não penso que o gigantesco persa tivesse qualquer repulsa em fazê-lo. Luziu um olhar fulgurante por sob os sobrolhos, brincando com o cabo da sua estrela-d'alva, um sorriso amargo nos lábios. Eu vira-o pelejar, e sabia o bastante para me quedar assustada. Espadachim sem par ou não, aquela não era arma com que Joscelin se houvesse defrontado antes — e o gigante era sobrenaturalmente dotado com ela. Joscelin esboçou calmamente uma vénia para o *Mahrkagir*, atendendo ao seu prazer, apenas um ligeiro crispar da mandíbula dando algum indício de reserva.

— O que dizeis? — perguntou o *Mahrkagir*, rindo. — A Parteira que da Morte me fez Nascer, o meu protector Tahmuras, contra o meu Portador de Augúrios? Seria uma peleja capaz de fazer tremer as vigas do teto! — Esperou que a gritaria cessasse antes de lhes malograr a esperança de um espectáculo, com um brilho diabólico nos olhos. — Não. Destes dois, preciso eu. Encontrai alguém de quem eu não precise para morrer!

Eles assim fizeram. Encontraram um par de mulheres do *zenana* e fizeram-nas lutar, armando-as de adagas e espicaçando-as com lanças até que não tivessem escolha. Uma era Jolanta, a *chowati*; a outra, uma tatar kereita, uma dádiva de Jagun, que muito contara que lhe dessem Imriel em troca. Nem cheguei a saber o seu nome.

Nenhuma das duas queria fazê-lo. Descreveram círculos em torno uma da outra, as saias atadas para liberdade de movimento, enquanto os drujani lhes golpeavam as pernas desnudas. Por fim, lutar para vencer tornou-se preferível a ser espetada por uma lança drujani, e assim o fizeram. Ambas sabiam como usar uma faca. Jolanta sabia melhor.

Vi-lhe lágrimas nos olhos quando se endireitou, com o sangue da rapariga tatar no vestido. Se eu odiara Jolanta por atormentar Imriel, apiedei-me dela agora. Ela susteve-me fugazmente o olhar através do salão de festas apinhado, enquanto os convidados apupavam e gritavam, agradados com a exibição. Quando desviou os olhos, vi a sua mão levantar-se. Cerrando o punho manchado de sangue, encostou-o à frente, e reconheci-o como uma declaração de lealdade.

— Vem — disse o *Mahrkagir*, sorrindo para mim. — Será uma noite mais curta. Os mancebos vão à caça de javali de manhã, para a *vahmyâcam*.

Fui com ele.

Ele não sabia, ainda não. Disso estava eu certa. Interroguei-me quando lhe diriam os *Âka-Magi*, e se rezeariam eles uma recusa se tempo tivesse para considerá-lo. Desejava que assim fosse. Estava segura de que não seria.

Eu era a sua dádiva, a sua preciosa dádiva, enchendo-o de maravilhamen-
to e deleite, disposta a espojar-se na mais vil da depravação. Magoá-lo-ia,
depor essa dádiva no altar de *Angra Mainyu*. Mas fá-lo-ia, e acreditaria ser
isso a sua mais perfeita acção.

Os *Áka-Magi* viram-nos partir, e todos sorriram.

Todos foram restituídos cedo ao *zenana* nessa noite, à conta da caçada
matutina. Quem me dera ter sabido. Acaso teria sido melhor, planejar algo
para quando boa parte dos habitantes se ausentasse. Fora assim que Joscelin
e eu escapáramos da herdade de Selig. Contudo, se houvéssemos usado o
ópio nessa noite, eles não teriam ido caçar... não importa, agora. A data
estava escolhida. A *vahmyâcam*, quando eles menos o esperariam, quando
beberiam a rodos em celebração, quando os *Áka-Magi* estariam distraídos,
e quando, rezei, o próprio *Angra Mainyu* estaria assaz saciado de sacrifícios
para tardar a alarmar-se.

Não me incomodei a acordar Rushad, apenas me lavei à pressa com
água tépida da bacia matinal e rastejei para o meu catre. Ali fiquei, vigilante,
à escuta dos sons dos outros retornando. Não era com frequência que tinha
ensejo de fazê-lo. Conhecia-lhes os passos — as passadas mais pesadas dos
akkadianos; Nazneen a efesiana, que se movia como uma dançarina cansa-
da; o passo lesto e zangado de Jolanta. Ouvi Imriel entre eles, também, a sua
agilidade desaparecida, os seus passos cambaleantes e plúmbeos.

Mas vivo, e a andar. Pousei a cabeça e dormi.

E acordei com gritos estridentes.

O som era indescritível, de ferir os ouvidos, ensurdecedor. Se não o
tivesse visto com os meus próprios olhos, não teria acreditado que uma
garganta mortal, um só rapaz, pudesse articular tal som — e digo-o eu que
suportei os prantos de La Dolorosa por dias a fio. Nada havia de pesar neste
som, apenas absoluto terror. Fez-me sentar de um pulo na cama, o coração
disparado como o de um corredor de longo curso, sabendo sem margem
para dúvidas que era ele.

No *zenana*, as mulheres gemeram, queixaram-se, soltaram impreca-
ções e ordens de silêncio, cobriram a cabeça com almofadas. Trajando ape-
nas camisa, abri caminho através das otomanas.

— Pesadelos — disse Drucilla em Caerdicci, encontrando-me a
meio-caminho. Tinha o xaile aconchegado ao corpo, os olhos baços de
sono. — Teve-os no outono, também. Eu tenho valeriana.

— Não — disse eu. — Eu vou lá. — Passado um momento, ela assentiu
e deu-me passagem.

Estridentes e intermináveis, os gritos ressoaram nas paredes, a ponto
de ter de cerrar os dentes face ao som. Apenas estavam acesas umas pou-
cas candeias, e na obscuridade vi Imriel enroscado numa bola, os punhos

cerrados, os olhos fechados com força, a boca escancarada num esgar de terror. Os tendões da sua garganta retesavam-se como cordas à medida que gritava e gritava, parecendo jamais tomar alento.

— Imriel — sussurrei, falando em D'Angeline, ajoelhando a seu lado, não ousando tocá-lo por medo do que isso pudesse invocar nos seus sonhos —, Imriel, estou aqui, está tudo bem, estou aqui.

Os seus olhos abriram-se de imediato, e o som cessou. Fitou-me atônito, depois inspirou de um profundo trago entrecortado e rompeu em lágrimas.

Foi como uma represa rebentando. Os seus braços enrolaram-se-me ao pescoço, quase me sufocando, e eu abracei-o enquanto ele soluçava, rouco e arquejante, todo o corpo em convulsão. As lágrimas corriam-me livremente pelos olhos enquanto murmurava apaziguamentos sem sentido. A sua face estava encostada com força à minha, sedosa pele de criança, pegajosa e escaldante de angústia, os ombros encolhidos.

Ele tinha medo de que alguém o visse chorar.

Eu não sou forte, mas sou forte bastante; ele tinha apenas dez anos de idade, e era leve. Tomei-o nos braços e carreguei-o para a minha alcova, a alcova privada da favorita do *Mahrkagir*, os seus braços bem apertados em torno do meu pescoço, a sua dor ecoando-me no ouvido. E ali me deitei com ele no meu catre e ele agarrado a mim, o filho de Melisande, enterando o rosto na minha garganta, ainda tomado de convulsões com a força da sua miséria, encharcando-me a camisa de lágrimas escaldantes, até que por fim os soluços cessaram e os seus membros se quedaram imóveis e ele passou, esgotada a dor, para o sono sem sonhos da absoluta exaustão com a impensada naturalidade de uma criança, uma mão agarrando-me ainda a camisa, a outra enclavinhada no meu cabelo.

— Imriel — sussurrei, beijando-lhe a fronte. — Oh, Imriel!

E quedei-me insone por um longo tempo, ciente do peso desacostumado, ainda que leve, de uma criança a meu lado, dos seus braços agarrados a mim. Soube, nessa noite, que a minha vida mudara. Não estava certa de como, nem de porquê. E dado que os deuses nenhuma resposta davam — nem o cruel Kushiel, nem Naamah, nem o próprio Abençoado Elua —, a seu tempo adormeci.

Quando acordei, soube-me observada.

Ele estava sentado empoleirado no banco, os calcanhares firmados na trave, os cotovelos apoiados nos joelhos, observando-me no sono. Foi sobremaneira estranho acordar para aquele olhar, os olhos safira de sua mãe, no rosto avaliador de uma criança.

— Elua mandou-vos aqui para morrerdes? — perguntou-me.

Só no *zenana* de Darśanga soaria tal pergunta tão natural.

— Não — disse eu. — Penso que não. — E contei-lhe o meu plano.

Ele escutou cuidadosamente, de cenho franzido, desaparecidos todos os vestígios da criança assolada por um pesadelo. Não empolei as nossas chances. Imriel estivera em Darśanga tempo bastante para acreditar numa aprazível invenção; mais tempo do que eu. E, além do mais, eu não julgaria avisado, fosse em que altura fosse, ter papas na língua quanto à verdade com o filho de Melisande — e primo de Ysandre. Vi-o pela primeira vez nesse dia, a linhagem da Casa Courcel nas suas feições.

Eu ainda não lhe contara tudo, só a parte do *zenana*. — Imriel, escuta. O *Mahrkagir* deseja semear dúvida em Jagun, e forçá-lo a votar o seu juramento. Eu incitei-o a jogar com a inveja do kereita. Esta noite, ou porventura amanhã, o *Mahrkagir* enviar-te-á para Joscelin Verreuil, o guerreiro d'Angeline. Quero que lhe digas...

Não foi preciso ir mais longe para que os seus olhos se arregalassem, de novo os de uma criança. — Ele! — cuspiu. — Odeio-o! Ele olha para mim, e o seu rosto nunca muda. Mais depressa iria com Jagun...

— Imriel. — Agarrei-o pelos ombros. — Ele é meu consorte. Não te tocará.

O seu rosto transfigurou-se; estava a tentar dar sentido àquilo. — Ele veio aqui...?

— Ele veio aqui comigo — disse eu. — Porque eu lho pedi, e porque ele jurou um voto, há muito, a Cassiel, de me proteger e servir. E foi isso que eu lhe pedi.

— Um Cassiline — ecoou ele. — Por isso nunca sorri.

Assenti. Não estava longe da verdade. — Contar-lhe-ás o que eu te contei? Na noite da *vahmyâcam*, ele não deverá beber vinho, apenas água. Um quarto de hora depois de o *Mahrkagir* se retirar comigo, ele deverá ir até à entrada superior do *zenana*, e dar conta dos guardas. Se lograr arranjar outras armas, tanto melhor. Se não... — Encolhi os ombros. — Faremos o que pudermos.

— Contar-lhe-ei — disse Imriel. — Encurvou os ombros e olhou para mim. — Julgais que viveremos?

— Não sei — disse eu firmemente. — Mas tentaremos.

Face àquilo, ele pulou do banco, lançando-me os braços ao pescoço e enterrando-me o rosto no cabelo. — Alegro-me — disse numa voz abafada — que tenhais vindo aqui.

— Também eu, Imriel — disse-lhe eu, falando sério. — Também eu.

CINQUENTA E QUATRO



No terceiro dia antes da *vahmyâcam*, o *Mahrkagir* soube. Não precisei que mo dissessem. Vi-o, no instante em que entrei no salão de festas. Os seus olhos, sempre luminosos, brilhavam como sóis negros. Estava por demais jubiloso. Estava extasiado. As suas mãos, quando tomaram as minhas, estavam trémulas; gélidas e trémulas.

— *Íshta* — murmurou, abraçando-me. — *Íshta*, bem-amada! — Deu um passo atrás e esboçou um sorriso radioso. — Eu sabia, eu sabia desde o princípio! Sabia que eras especial. Que dádiva, *íshta*, que dádiva que me deste. Eu buscava, e não sabia o que buscava. Não sabia que tinha um nome, até o *Daeva Gashtaham* mo dizer.

Eu sorri de volta, com as mãos nas dele. — Tudo o que tenho é vosso, meu senhor; tudo o que sou. De que falais?

Ele riu-se, animado e jubiloso. — Não tudo, ainda não! Oh, mas eu posso dizer-te. É uma surpresa, a maior das surpresas. — Abraçando-me de novo, esfregou-me o nariz no pescoço. Estas coisas, estas ternas amenidades, fora eu que lhas ensinara. — Viverás para sempre, *íshta*, através de mim; por dez mil anos! É a maior das surpresas, prometo.

E por isso eu sorri e tornei a sorrir e fiz que mal podia esperar pela grande surpresa, e os *Áka-Magi* sorriram também, *Gashtaham* acima de todos, sorrindo face ao meu prazer inocente. Foi a grande representação da minha vida. Até *Joscelin* sorriu, impávido e divertido, com o braço em torno da cintura de *Imriel* enquanto *Jagun* o kereita rangia os dentes de

fúria. Imriel representou o seu papel na perfeição, rancoroso e retraído, arredando-se a cada ensejo.

Na câmara de dormir do *Mahrkagir*... Elua.

Há coisas que mais vale calar.

Se houve alguma coisa a aplacar o horror daquilo, foi ver a vida retornar às feições de Imriel após a primeira noite em que foi enviado para Joscelin, a centelha de desafio de novo acesa nos seus olhos. — Até os Drujani têm medo dele — disse ele, exultante. — Ninguém me tocará enquanto o *Mahrkagir* me tiver dado a ele! E ele diz que não os deixará, jamais.

— Contaste-lhe o nosso plano? — perguntei.

Imriel assentiu, ambos os pés firmados nas traves do banco. — Ele diz que sois tão louca como o *Mahrkagir*, e que provavelmente morreremos todos.

Eu não esperara coisa diferente. — Fá-lo-á?

— Sim.

E assim progrediu o nosso plano. O palácio de Darśanga fervilhava de actividade. Foi erigido um palanque no salão de festas, atrás do poço coberto onde outrora ardera a chama eterna de *Ahura Mazda*. Havia muitos rostos novos; *Áka-Magi*, seus acólitos e aprendizes, e outros tantos atarantados — pais, irmãos, entes queridos, vítimas incautas da iminente *vahmyâcam*. As negociações continuaram, também, com os homens das tribos tatars, com um punhado de ferozes circassianos que chegaram sem se fazer anunciar.

O *Mahrkagir* mal podia conter o regozijo. Se tudo corresse conforme planeado, contou-me ele, Drujan marcharia sobre Nineve dentro de um mês. E quando Nineve caísse... alastrariam para o sul entre rios, e, cidade a cidade, Khebbel-im-Akkad seria deles, como fora em dias de antanho.

— É um começo, *ishta* — disse-me. — Apenas um começo! — Os seus olhos negros reluziam. — A partir daí... onde ir? Os *Áka-Magi* têm viajado, estes nove anos — para Hellas, para Menekhet, para Efesium, até para Caerdicca Unitas! Ninguém se poderá levantar contra nós. E Terre d'Ange... — Acariciou-me, sorrindo. — Terre d'Ange, penso eu, será o maior prémio de todos. Tenho ouvido histórias a respeito da tua terra. Foi por isso que enviei os *Áka-Magi* a buscar alguém como tu, alguém sem par, para que os teus deuses pudessem saber de mim e tremer, para que eu pudesse plantar as sementes da morte entre eles, e aprazer poderosamente a *Angra Mainyu*. — Riu-se, suavemente deleitado. — Eles trouxeram-me o rapaz, e eu disse dei parte sobre a sua carne na ponta de uma vergasta! Marquei-o bem, bem-amada. E eles ouviram-me, *ishta*, os teus deuses ouviram-me e conheceram o medo. Julguei que ele servisse no fim... mas estava enganado, *ishta*; tão enganado. Isto é mais glorioso do que eu poderia

ter imaginado. Ainda assim, foi bom ter esperado, pois a sua dor carregou a mensagem. — Sorriu para mim. — Ouviste-a, não ouviste?

Pensei nos meus sonhos, em Imriel ajoelhado na sombra do *Skotophagotis*. Se fracassássemos, isso não seria nada mais que a verdade. Apenas podia rogar, para bem de todos nós, que a nossa desesperada aposta fosse bem-sucedida. — Sim, meu senhor — disse eu suavemente. — Oh, sim. Ouvi-a.

— Tal como fizeram os teus deuses. — Riu-se mais uma vez, acariciando-me a face com dedos frios, frios. — E os deuses de Terre d'Ange já deram a sua resposta, não deram?

— Sim, meu senhor — disse eu, com um arrepio. — Deram, verdadeiramente.

Assim corriam as coisas no palácio. No *zenana*, prevalecia uma atmosfera lúgubre, e os nossos planos prosseguiram a passo acelerado. A bola de ópio no cesto de Drucilla estava cada vez maior. O cozinheiro jurara amor imorredouro a Nazneen a efesiana, e prometera ajudá-la fervendo-o em tintura. Eu não vira, antes, os efeitos sobre os opiómanos quando a droga era retirada; vi-o então. Sofreram agonias, com espasmos no ventre, insónes e febris.

— Deixa-as — disse Kaneka quando a piedade me enfraqueceu a vontade. — Já o suportaram antes. Desta vez, é por escolha delas. Deixa-as.

Deixei. E aquelas que resistiram, aquelas que arrebanharam o seu ópio, pagaram preço igualmente grande. O rapaz efesiano, a única criança sobrevivente no *zenana* para além de Imriel, por isso morreu. Embora disso não possa estar certa, penso que a mulher que cuidava dele, soprando-lhe amorosamente fumo na boca, o sufocou com uma almofada no negrume da noite. Quanto a ela... não sei quanto ópio consumiu. O bastante para fazer os seus sonhos durarem para sempre.

— Fadimah — disse Nazneen em tom lamentoso, postada à beira da sua otomana. A morta jazia de rosto distendido e imóvel, a forma inerte do rapaz agarrada ao seu peito. — Não precisava de ter sido assim. — E olhou para mim, os olhos húmidos sob as longas pestanas. — Não mais. Por isso vos ajudo. Vedes? Não mais.

Vi, e assenti. Não havia palavras para esta morte.

Palavras. Faltam-me; não tenho palavras para descrever a coragem das mulheres do *zenana* nessa altura. Tantos detalhes! Era duro, tão duro, engendrar um plano deste alcance, desta magnitude, face a perspectivas tão titubeantes que se me seca a língua só de nisso pensar, ainda agora. Pela maior parte do que aconteceu, não posso colher os louros. Uma vez postas as rodas em movimento, foram umas quantas valentes que executaram grande parte dele. Kaneka... Drucilla... Nazneen... até Jolanta. E as outras,

as incontáveis outras. Mulheres houve que morreram, outras cujos nomes nunca conheci — embora recorde os seus rostos, cada um deles —, que desempenharam papéis cruciais, superintendendo o servir dos jarros velados de ópio. Pequeno papel, sim, mas vital.

Os nossos planos estavam traçados. Nada mais podíamos fazer.

Eu sabia um pouco o que esperar, pois que o *Mahrkagir* me contou. — Um festim, *îshita*, como tu nunca viste em Darśanga! E tu irás comparecer a ele comigo. E depois a *vahmyâcam*, e os aprendizes serão dedicados, e os acólitos... — Os seus lábios recurvaram-se ternamente. — ...e os acólitos apresentarão as suas oferendas a *Angra Mainyu*, e os *Áka-Magi* julgá-las-ão apropriadas ou não. Eu apresentar-te-ei a ti, *îshita*, eu apresentar-te-ei como minha noiva. — Não havia ironia naquilo; verdadeiramente, ele assim o via. — Isto é para ti — disse, presenteando-me com um esplêndido vestido carmesim, as orlas rígidas com bordados a ouro. — Apraz-te? — perguntou-me em tom ansioso. — Pertenceu à Rainha de Hoshdar Ahzad, a primeira esposa de meu pai. Gashtaham disse que seria bom realçar toda a tua beleza para a *vahmyâcam*.

— É lindo, meu senhor — murmurei.

— É! — Abriu-se num sorriso. — Adornar-te-á, *srîra*. E isto, e isto... usarás tudo isto. — Com mãos descuidadas, depositou-me no regaço um resgate de jóias digno de uma rainha — brincos de rubis, um colar de cordões de ouro entrelaçados, braceletes para ambos os braços. — Também eu quero que estejas mais bela que nunca — sussurrou-me ao ouvido.

— Farei por isso, meu senhor — prometi-lhe.

Não poderia tê-lo feito sozinha, quando o dia chegou, e o medo me provocou um nó no ventre. A despeito de toda a nossa preparação, sentia-me despreparada, incerta e horrivelmente ciente do perigo.

As mulheres do *zenana* ajudaram-me a vestir, combinando habilidades e meios. Uma costureira caerdicci trabalhando com uma agulha de osso e fios arrancados ao xaile de Drucilla fez astuciosas alterações ao vestido de modo que me caísse bem. Uma outrora vaidosa rapariga manekhetana que fizera *kohl* da fuligem das candeias pintou-me os olhos, grave como um fidalgo armando um guerreiro para a batalha, enquanto uma aragonesa me passava óleo de sândalo nos pulsos e na garganta. Duas das *ch'in*, com encantadores rostos de porcelana, armaram-me o cabelo numa elaborada coifa ao alto, fixando-a no lugar com um par de pentes e os alfinetes de Kaneka.

Estava feito.

Jolanta mostrou-me o meu reflexo num diminuto espelho de mão que ela roubara algures. Não penso que o *Daeva* Gashtaham e o *Mahrkagir* ficassem desagradados. Na obscuridade do *zenana*, o vestido carmesim

brilhava, tremeluzindo com a orla de ouro. Rubis brilhavam-me nas orelhas, e a garganta e os pulsos reluziam-me de ouro. Se a minha face estava pálida, os meus olhos eram poças de escuridão, o cisco escarlate ecoando a cor do vestido. Os alfinetes de marfim eram discretos nos elegantemente penteados caracóis do meu cabelo, meros realces delicados.

— Este — disse uma das *ch'in* no seu limitado e cantado zeniano, guiando-me a mão para o alfinete do lado direito. — Puxar. Cabelo não cair.

— Obrigada. — Tinha a garganta apertada de medo.

Uru-Azag, entrando no *zenana*, estacou subitamente ao ver-me. — Está na hora, senhora — disse quando eu me levantei. — Nariman vem aí com as intimações. Devereis comparecer no festim, e os demais irão mais tarde, quando o vinho for servido.

— Estou pronta. — Olhei para Imriel. Ele avançou vagarosamente, arrastando os pés, todo o medo que eu sentia reflectido no seu rosto. — Imriel — disse eu, inclinando-me para lhe tomar o rosto entre as mãos. — Aconteça o que acontecer, fica com Joscelin, entendes? O *Mahrkagir* enviar-te-á para Jagun, mas ele estará afectado pelo vinho. Faça o que fizeres, não deixes o salão de festas com ele. Foge o mais depressa que puderes. Joscelin fará o que puder para te proteger.

Ele assentiu miseravelmente. Beijei-lhe a fronte e levantei-me. Nada mais havia que pudesse fazer.

E assim fui eu para o salão de festas pela última vez.

Fez-se um pequeno silêncio quando eu entrei no salão. Pareceu-me levar uma eternidade a atravessá-lo. Não estão habituados a ver beleza adornada, em Darśanga, e não era costume as mulheres comerem entre os homens. Os antigos *Magi*, os verdadeiros *Magi*, estavam amontoados em grupo à sombra do palanque; recuaram repugnados quando passei. Os homens, drujani e tatars, quedaram-se de olhos fitos em mim. O *Daeva* Gashtaham uniu as pontas dos dedos e sorriu.

— Minha Rainha — anunciou o *Mahrkagir*, com os olhos brilhantes. — Minha bem-amada!

Com isso, teve início o festim. Não recordo o que foi servido — peixe, suponho eu, e javali. Havia uma boa quantidade de javali fresco, devido à caçada. Bem poderia ter sido serradura pelo que me foi dado saborear. Não recordo o que disse, nem como o suporrei. Por uma vez tive um vislumbre de Rushad tardando no umbral da porta que conduzia às cozinhas, e o coração bateu-me tão ferozmente que julguei que o *Mahrkagir* o veria certamente através do vestido. Nem sequer ousei olhar de relance para Joscelin.

A ceia durou uma eternidade, e, uma vez acabada, desejei que houvesse durado mais. Os criados começaram a trazer jarros de vinho da cozinha,

Rushad entre eles, os olhos baixos e humildes. A primeira rodada não teria ópio; todos concordáramos que seria mais seguro. Deixar que os seus palatos se entorpecessem antes de servirmos a droga. O vinho foi vertido, e a cerveja e o *kumis*. O estridor foi aumentando à medida que os homens bebiam, e as mulheres do *zenana* entraram no salão.

Nenhuma deixou trair o que quer que fosse. Eu, que sabia, pude vê-lo. A cautelosa pavana de jarros, orquestrada por um aterrorizado Rushad, servida por mulheres de rostos empedernidos. Imriel atendia a Jagun, enchendo solícitamente a taça do tatar. Dei graças ao Abençoado Elua que a atenção do comandante de guerra kereita estivesse fixada na cerimónia de oferecimento. Joscelin, discreto, pairava a uns passos de distância, coisa em que nenhum dos tatars reparara. Era uma pequena coisa na qual discernir que o Abençoado Elua nos guiava, mas era tudo o que tinha.

Quanto tempo levaria, até que os efeitos do ópio se tornassem evidentes? Uma hora, quiçá mais. Ninguém sabia ao certo. Drucilla calculara-o o melhor que pudera, mas não havia como dizer. A droga estava diluída, e alguns bebiam mais que outros.

E alguns menos. O carrancudo e fulgurante Tahmuras, para começar. Perguntei-me quando teria início a *vahmyâcam*.

Em qualquer outro lugar, este seria um rito sagrado, com todas as solenidades inerentes. Não significava em Darśanga o que significava alhures. Este folgado profano, levado a cabo num templo profanado — no culto de *Angra Mainyu*, era ritual. Nem todos os presentes sabiam, ou disso cuidavam. De nada importava. Os *Âka-Magi* sabiam, e os seus acólitos. O *Mahrkagir* sabia. E eu sabia.

E o deus... Abençoado Elua, o próprio deus sabia. Vivendo sob a escura, voraz *presença*, eu meio me acostumara a ela. Senti-a como nova nessa noite. A Primavera chegara a Darśanga, e as oferendas acercavam-se do altar. *Angra Mainyu* estava despertado, o bucho de fome sem fundo bem escancarado, ávido por devorar o mundo. Quando pestanejei, vi as paredes de Darśanga escorrendo vermelhas de sangue. Ele estava nos rostos dos homens, acerbo e lupino. Estava nos belos olhos insanos do *Mahrkagir*, no sorriso amoroso que ele me prodigalizava. Estava no ar que respirávamos, pesado como trovoada.

Matar... morrer... destruir.

Abençoado Elua, orei no silêncio do meu coração, guarda-nos a salvo na tua mão.

— *Shahryar Mahrkagir* — murmurou Gashtaham, baixando a cabeça em deferência. — A vontade de *Angra Mainyu* é manifesta. Podemos dar início à *vahmyâcam*?

— Sim! — O *Mahrkagir* riu-se, feliz e excitado como um menino nas

suas festividades natais. — Ide, Gashtaham, avançai com ela! Estou ansioso pela minha dádiva.

— Assim seja. — O sacerdote olhou de relance para mim, o seu sorriso oculto nas sombras. — Estais muito bela esta noite, minha senhora.

— Sois amável. — Forcei as palavras através dos lábios congelados. Deixá-lo saber que estava com medo; não importava. Toda a gente estava com medo, no *zenana*. Eu vivera no medo desde Nineve. Não lograva lembrar-me de como era não o ter, excepto no leito do *Mahrkagir*. E isso era pior.

Fazendo uma vénia ao seu senhor, Gashtaham percorreu a nave e subiu ao palanque, os outros *Áka-Magi* seguindo no seu encaço, carregando fardos amortalhados nos braços. Eram uma dúzia, ao todo. A sombria luz das tochas bruxuleava nos seus elmos de crânio de javali, nas vestes negras, nos cintos de falanges. O *Daeva* Gashtaham levantou os braços, com o bastão de ébano na mão esquerda.

No salão de festas, tombou o silêncio qual martelo.

— *Angra Mainyu* — disse ele, e a sua voz sussurrou em cada canto do salão —, postamo-nos diante de ti para professar a nossa fé. Deste mundo somos criados, e na morte renascemos em teu nome. As obras de *Ahura Mazda* abjuramos nós! O seu gado, chacinamos e fazemos morrer à fome; a sua terra, salgamos nós e tornamos estéril. Abraçamos as trevas e a mentira, abominando todas as verdades. A tua tripla senda trilhamos com fé: maus pensamentos, más palavras, más acções. Que a tua presença entre nós se manifeste, e a tua vontade alastre, até que os corações de toda a humanidade busquem apenas destruição, e irmão se vire contra irmão, e tudo seja devastado.

Havia poder nas suas palavras, terrível poder. E eu, sentada ao lado da sua sorridente fonte, fui tomada de arrepios até que as braceletes no meu pulso tilintaram docemente e tive de unir as mãos com força no regaço para as silenciar.

— Vinde — chamou Gashtaham. — Que todos os que fizeram a *vahmyâcam* e prestaram o seu aprendizado avancem para receber o seu galardão.

Nove homens avançaram, alguns envergando armaduras, outros com trajes comuns, cada um com um cinto de falanges à cintura. Um a um, ajoelharam diante do palanque e desapertaram os seus cintos, depondo-os à sua frente. Vi Arshaka, o velho Magus-Chefe, chorar de horror ao lado do palanque. À medida que cada homem se acercava, os *Áka-Magi* atendiam-no. Dois tosavam-lhe o cabelo, deixando-o cair em descuidados punhados. Um passava-lhe uma veste negra por sobre os ombros, e outro atava-lhe o cinto de falanges. Um quinto colocava-lhe um elmo escavado

de crânio de javali sobre a cabeça tosquiada, e um último fazia uma vénia, estendendo ao novo *Áka-Magus* um bastão de ébano, encimado por uma reluzente bola de azeviche. Feito tudo isso, cada novo membro tomava o seu lugar entre as fileiras.

Levou algum tempo. Varri o salão com os olhos, tentando avaliar os eventos. Os homens estavam extasiados, observando a cerimónia, e o beber abrandara. Estaria a droga a surtir efeito? Era demasiado cedo para dizer. — *Íshita* — disse calorosamente o *Mahrkagir*, afagando-me o pescoço. — Não tarda!

A dedicação terminou. O *Daeva* Gashtaham levantou os braços uma vez mais, agora flanqueado por vinte e um *Áka-Magi*. — *Angra Mainyu* — disse. — Espírito Destruidor, Senhor das Trevas, Demónio de Dez Mil Anos! Extinguimos os fogos do teu antigo inimigo e mergulhámos a nação em terror. Com a tua vontade para nos guiar, mais, muitos mais traremos ao teu altar. — Levantou a voz. — Que aqueles que desejam fazer a *vahmyâcam* avancem com as suas oferendas, salvo o que é último e maior entre nós, bem-amado de *Angra Mainyu*!

O *Mahrkagir* recostou-se, observando; ao que parecia iríamos por último. Dezasete homens avançaram à proclamação de Gashtaham, cada um trazendo um acompanhante. Eram os que eu havia visto, os novos rostos — os pais, os irmãos, as esposas e filhos. Eu não vira os filhos antes. Uns quantos dos eleitos iam de bom grado, orgulhosamente. Outros iam aterrorizados. Cada par subiu ao palanque a postar-se diante dos *Áka-Magi*. Gashtaham pousou-lhes as mãos sobre os ombros, fitando-os nos olhos, decifrando os seus corações e a vontade de *Angra Mainyu*.

Três foram dispensados, o sacrifício julgado indigno. Tinha de ser amor, pensei; verdadeiramente amor. Os outros foram aceites, e a cada um foi dada uma corda, desenrolada da cintura de um dos verdadeiros *Magi*, seguidores de Arshaka, os sacerdotes de *Ahura Mazda*. Cada par foi dispensado, e um *Áka-Magus* nomeado para segui-lo. Onde foram eles, não sei dizer. Para as trevas e a morte, só.

Portanto, pensei entorpecida, é assim que é feito. Deverei ser estrangulada, se fracassar. Bem, há mortes mais cruéis.

E então já não havia mais pares, e Gashtaham levantou os braços uma vez mais, o rosto afogueado e triunfante sob o elmo de crânio. — *Angra Mainyu* — entoou baixinho —, Pai das Mentiras, convoco o teu mais bem-amado, o teu filho na Terra da morte gerado, a postar-se diante de ti e fazer a *vahmyâcam*. Convoco o *Shahryar Mahrkagir*!

Os homens aclamaram, gritando e batendo com as canecas; pelo canto do olho, vi Jolanta sobressaltar-se e cutucar a mulher mais próxima, circulando uma vez mais com os jarros de bebida drogada. As outras mulheres

responderam de bom grado, e os guerreiros beberam, drujani e tatars, aclamando o seu senhor. Jagun o kereita berrava, esquecida a presença de Imriel a seu lado. O *Mahrkagir* pôs-se em pé, fazendo uma vénia de reconhecimento, saboreando o momento, o seu sorriso ofuscante de júbilo.

— Vem, *ishta* — disse para mim, estendendo a mão. — Está na hora.

Eu tomei-lhe a mão e levantei-me, e juntos percorremos a nave até ao palanque, onde aguardavam o *Daeva* Gashtaham e os outros. Teria fraquejado, penso eu, não fosse a sua mão no meu cotovelo, apertando-mo firmemente, guiando-me ao mesmo tempo que sorria amorosamente para mim.

— Tão bela — sussurrou por sob o clamor. — Estás tão bela, minha Rainha!

Juntos, subimos ao palanque.

Gashtaham pousou uma mão sobre os nossos ombros, o bastão negro na esquerda passando por trás do pescoço do *Mahrkagir*. Senti um vago assomar ao seu toque e a minha carne retraiu-se; a presença de *Angra Mainyu* intensificou-se. Senti-me terrivelmente desnudada e exposta sob o olhar perscrutador do sacerdote, tão ferozmente tomada de arrepios que pude sentir os brincos de rubis tremer-me contra a pele, aterrada de que os pentes ch'in cedessem, fazendo cair as tranças, os alfinetes de marfim tombar ruidosamente no chão do palanque, aterrada de que a qualquer instante Gashtaham visse através das minhas patéticas tentativas de dissimulação até à ainda mais patética trama que elas buscavam mascarar.

Não viu. O seu interesse jazia no *Mahrkagir*, o seu orgulho e júbilo, o portal do deus.

— Meu senhor — disse ele, numa voz tão íntima como a de um amante — é vossa vontade fazer desta mulher a *vahmyâcam*?

— É — replicou o *Mahrkagir*, apertando-me a mão.

— E amai-la?

Ele sorriu para o meu rosto voltado para cima, um mundo de adoração nos seus brilhantes olhos negros, toda a glória do Abençoado Elua. — Amo.

— *Angra Mainyu* — disse o sacerdote, profundamente satisfeito — está agradado. — Voltou-se para um dos seus camaradas. — *Daeva* Dâdarshi, trazei-me o cinto sagrado de Arshaka.

O velho debateu-se, coisa deplorável de se contemplar, enquanto os *Âka-Magi* cortavam a corda imunda que trazia enrolada à cintura. Eu não soubera, antes dessa noite, que fazia parte das suas insígnias sagradas. Gashtaham susteve a corda nas mãos, contemplando-a. — Usei o meu cinto, que tu próprio me ataste à cintura, velho tolo, para enfiar as falanges de meu pai — disse ele para o derrotado Magus. — O teu, e a tua vida, tenho mantido de reserva, esperando e rezando para que este dia chegasse. Agora aqui está ele. — Erguendo a corda aos lábios, beijou-a, depois depô-la com

reverência sobre as mãos estendidas do *Mahrkagir*. — Tomai-a, meu senhor, e com ela esta vida. Eu próprio vos acompanharei, e ficarei de sentinela à vossa porta. E uma vez feito... ah, meu senhor, haveis servido toda a vossa vida em aprendizado até este momento. *Angra Mainyu* não esperará mais. Uma vez feito e quando lhe tiverdes aberto o peito e consumido o seu coração ainda quente, sereis verdadeiramente o avatar das trevas. — Gashtaham largou a corda e fez uma vénia, o rosto inundado de profunda emoção. — E Drujan conquistará a Terra!

Um rugido de aprovação respondeu às suas palavras finais; essas, tinham eles ouvido. O *Mahrkagir* aceitou a corda. — Vês, *ishta* — disse, exaltado, dando-me parte do glorioso segredo, tomando-me o rosto nas mãos, a corda malcheirosa contra as minhas faces, e beijando-me. — É uma dádiva, a maior dádiva de todas! E tu ma deste.

Pelo canto do olho, vi Joscelin dar um passo mais para junto de Imriel, as mãos pairando-lhe sobre os punhos das adagas. Ao lado do palanque, o velho Magus Arshaka caiu de joelhos e chorou, a barba espojada nas lajes de pedra.

Foi a última coisa que vi quando saímos do salão.

CINQUENTA E CINCO



Fiel à sua palavra, o *Daeva* Gashtaham acompanhou-nos até aos aposentos do *Mahrkagir*, juntamente com o colossal Tahmuras. Depois do clamor do salão, parecia estranho, este silêncio, as familiares paredes de pedra. Tudo aquilo, pensei, apenas para acabar aqui, onde começou; sem pompas nem cerimónia. Apenas isto, ele e eu, juntos a sós de novo como havíamos estado tantas vezes antes.

— Uma candeia — advertiu o sacerdote, fora da dupla porta. — O bastante para dar com o coração dela, e nada mais.

Tahmuras foi à frente para se certificar de que assim fosse. O *Mahrkagir* riu-se apenas. — Quando foi que jamais precisei de luz, Gashtaham? — perguntou, folião, apertando-me contra ele. — Uma candeia é mais que bastante para dar com o coração da minha bem-amada. — O sacerdote fez uma vénia; o enormíssimo guarda abandonou os aposentos com um firme assentir de cabeça de que estava tudo em ordem. O *Mahrkagir* apressou-me lá para dentro. — Convocar-vos-ei — disse para o sacerdote — para verdes que tudo foi bem feito.

E, com isso, fechou as portas.

Levei uma mão ao cabelo enquanto ele estava de costas, libertando o alfinete de marfim do lado direito dos caracóis apanhados ao alto e virando-o de modo que a longa ponta de adaga me ficasse encostada à parte de dentro do antebraço. Os dentes batiam-me. Apertei mortalmente o alfinete, buscando impedir que tilintasse contra as braceletes.

Uma candeia, a única candeia, ardia num nicho. Era o bastante, para

ele, a quem a luz queimava como fogo; porventura claro como o dia. Para mim, era escuridão. Como supostamente deveria ser — a sós na escuridão.

— Vês? — O *Mahrkagir* gesticulou, acenando com uma mão. — Tinha de ser aqui, onde conhecemos tal júbilo. Que acções, *ishta!* — Os seus olhos brilhavam. — Que más acções. Pensarei sempre em ti, e recordarei a tua dádiva. — Acercou-se, passando-me a corda em torno do pescoço, cruzando-a, apertando-a bem rente à garganta, a parte inferior do seu corpo firme contra a minha. — Estás pronta? — perguntou ternamente. — Se estás, começaremos, e conceder-te-ei a morte quando a pedires Será a minha dádiva para ti, bem-amada.

— Meu senhor, não. — Pousei-lhe a mão esquerda aberta sobre o peito. — Peço-vos que não o façais. O amor é a sua própria recompensa.

— Sim. — Ele sorriu para mim, os seus insanos e belos olhos brilhando na escuridão. A corda estreitou-se-me em torno da garganta. — Bem sei, *ishta*, bem sei.

Por sob os dedos espalmados da minha mão, podia sentir o seu coração bater, um pulsar firme e constante. Conhecia-o bem. Sentira-o contra a pele demasiadas vezes para serem contadas, disparado com os esforços do cruel desejo. Ergui a mão direita entre nós, colocando a ponta do alfinete de Kaneka entre o indicador e o polegar esquerdos, directamente sobre o seu coração, posicionando-o pelo toque, leve como uma pluma. Forte e pulsante, a sua vida jazia sob a minha mão a postos. Houvesse ele olhado para baixo, tê-lo-ia visto. Não olhou. — Gashtaham o deseja — sussurrei. — Vós podeis dizer que não.

— Não. — Ele abanou gentilmente a cabeça, retesando a corda, não me despregando os olhos do rosto. Porque o faria ele? Fosse o que mais fosse verdade, confiava em mim. — *Angra Mainyu* o deseja, *ishta*, e tu também, no mais profundo do teu coração. — A corda cerceava-me o ar, e na escuridão começavam a brilhar centelhas. O mundo desvanecia-se à minha volta. Apenas o seu sorriso adorador me pairava, vívido, na visão. — Os teus deuses enviaram-te como tributo.

As palavras foram proferidas num tom profundamente amoroso.

E sob a minha mão batia constante o seu coração.

— Verdade até certo ponto — arquejei, sufocando. Com toda a força que me restava, enterrei o alfinete de marfim no seu lugar, na sua carne resistente. A sua boca escancarou-se, os olhos estupefactos. — Os meus deuses enviaram-me... mas não como tributo.

Silencioso e abalado, o *Mahrkagir* de Drujan tombou de joelhos, a haste de marfim do alfinete de Kaneka sobressaindo-lhe do peito. Era uma coisa de nada, bonita e decorativa. Era o bastante. A ponta perfurara-lhe o coração.

— Lamento — sussurrei, miserável. — Lamento.

Os olhos rolaram-lhe nas órbitas e a boca abriu-se e fechou-se. Nenhuma palavra emergiram. E, assim, morreu.

Cobri o rosto com as mãos e rompi em lágrimas.

Essa parte, não contei a ninguém, nem mesmo a Joscelin. Não durou muito. Ele era um monstro, e merecia morrer. Eu sabia ser isso verdade. Mas ele fora um menino, outrora; um menino com um cão, o fruto régio de uma meretriz, trazida para o *zenana*, e as atrocidades akkadianas é que haviam feito dele o que era. Isso, não podia eu esquecer.

E amara-me.

Esgotadas as lágrimas, recompus-me, ajoelhando no chão junto ao corpo do *Mahrkagir*; à escuta de sinais de distúrbio. Nenhum se ouvia. Não soubera o que aconteceria quando o matasse. Pensara, quiçá, que os *Skotophagoti* de imediato soubessem, pressentindo uma alteração na presença manifestada de *Angra Mainyu*. Mas não; haviam-se tornado por demais dependentes dele, do Conquistador da Morte, certos de que não morreria.

Não às mãos de uma meretriz d'Angeline.

Pois muito bem; ficariam a sabê-lo então, da primeira vez que buscassem o poder de *Angra Mainyu* e descobrissem que desaparecera, o portal fechado pela morte. E o próximo passo não seria mais fácil que o último. Vasculhei a confusão dos aposentos do *Mahrkagir* até encontrar algo que servisse os meus propósitos — uma lança curta e um açoite de tiras de couro, incrustado de sangue seco. Muito provavelmente meu.

Quanto tempo teria passado desde que deixáramos o salão? Um quarto de hora, pelo menos; quiçá mais. Abri de par em par as portas dos seus aposentos, com genuíno pânico. — O meu senhor *Mahrkagir*! — disse com urgência, apontando para a figura prostrada. — Está com convulsões!

Com uma imprecisão resmungada, Gashtaham arredou-me do caminho e correu para dentro da câmara, Tahmuras imediatamente no seu encalço. Fechei as portas com estrondo atrás deles, enfiando a haste da lança nas pegadas dos batentes e firmando-a no lugar com o longo fio do açoite.

As portas estremeceram sob o impacto de Tahmuras, do outro lado, arremessando-se contra elas. A lança vergou-se, e resistiu. Não o conteria para sempre. Corri através da passagem oculta do *Mahrkagir* para o *zenana*, caminho que era capaz de fazer às escuras. Nessa noite, fi-lo.

Estavam à espera, no *zenana*. Nariman o Eunuco-Chefe jazia silenciosamente no chão, a sua roliça garganta degolada como a de um porco. Uru-Azag sorria de prazer lúgubre.

— Está feito? — perguntou Kaneka.

Assenti, não confiando na minha voz.

Estivesse alguém à escuta, a aclamação que se elevou face ao meu as-
sentimento teria feito cair a ira de Darśanga sobre o *zenana*. Não estava
ninguém. Uma verdadeira turba lançou-se direita à porta de treliça, e ape-
nas a cabeça fria de Erich, praguejando e desviando-os à força, os manteve
momentaneamente ao largo. — O sacerdote da espada está lá em cima?
— perguntou-me em Skáldico, apontando com a cabeça para as escadas.

— Verei — disse eu. — Era esse o meu plano.

Uru-Azag foi comigo, subindo os degraus a dois e dois, arrastando-me
com ele, a adaga na mão livre. Atrás de nós, as mulheres do *zenana* logra-
ram fugir a Erich, empurrando com força. Não estivesse Joscelin lá... não
estivesse Joscelin lá, ousou dizer que elas teriam desmembrado os guardas.

Mas ele estava lá, à espera, usando uma camisa de cota de malha sobre
uma jaqueta de coiro.

Hordas de mulheres abriram caminho à força para o corredor vazio.
Dois eunucos akkadianos ajoelharam-se e começaram a despojar eficien-
tamente os guardas drujani das suas armas e armaduras. E eu tudo igno-
rei, lançando os braços ao pescoço de Joscelin, disposta, nesse momento, a
morrer nem que fosse para senti-lo abraçar-me uma última vez, com cota
de malha ou não.

— Phèdre — murmurou-me ele contra o cabelo.

Eu disse alguma coisa; sabe Elua o quê. Então, levantando a cabeça,
perguntei, — Onde está Imriel?

— A salvo — sussurrou ele. — Não te apoquentes, tirei-o do salão en-
quanto o tatar estava distraído. Pensa que Imriel foi encher o jarro de novo.
— Os seus braços eram fortes em torno de mim, e estava capaz de chorar
de alívio, mas isso não podia durar. Não havia tempo, e a multidão crescia.
Joscelin largou-me. De imediato, sentimo-nos expostos e vulneráveis.

— Senhora. — Uru-Azag dirigiu-se-me, trajando um corselete que
não lhe servia bem, com a adaga na mão. Dera a espada do guarda a Erich.
— Deveríamos ir para os portões do palácio, e para o porto.

— Lograremos fazê-lo? — perguntei a Joscelin.

— Não — disse lugubrememente. — Não somos bastantes. Há casernas
dentro das muralhas, fora do palácio propriamente dito. A guarnição se-
cundária far-nos-ia em pedaços. A nossa única esperança é tomar Darśanga
e barrar as portas.

— *Joscelin!* — Era a voz de Imriel, alta e estridente, repercutindo-se nas
paredes. Assomou correndo disparado da esquina do corredor.

— Tinha-lo postado de *sentinela*? — sibilei para Joscelin. — Chamas a
isso *a salvo*?

— Foi ideia dele — disse-me ele, e para Imriel, — O que foi?

— Está a começar. — Empertigou-se, ofegante e lívido, articulando

as palavras numa mescla esbaforida de d'Angeline e zeniano. — Jolanta... Phèdre!... Jolanta matou um homem, no salão, e eles estão... estão... e um veio... — Voltou-se e apontou. — Atrás de mim.

Alguém gritou quando o *Skotophagotis* que vinha atrás de Imriel apareceu ao fundo do corredor, praticamente invisível na escuridão a não ser pelo elmo de crânio e pelo cinto, e pelo rosto ultrajado. Apontou o bastão de ébano para a multidão reunida, que se dispersou na direcção das paredes.

Joscelin rodopiou. Nem sequer o vi sacar de uma adaga, apenas o seu lampejar ao ser arremessada pelos ares, cravando-se na garganta do sacerdote. O *Skotophagotis* soçobrou.

E foi aí que o inferno irrompeu.

Não sei quem o começou, apenas que, uma vez começado, se tornou imparável como uma maré. A raiva baldada de *Angra Mainyu*, privado do seu avatar, encontrou um escape na loucura nessa noite — e que loucura foi. Eu bem que o vira. As paredes de Darśanga escorrerem vermelhas de sangue. Há quem diga que as mulheres são o género fraco. Não o diriam se estivessem presentes na noite em que Darśanga caiu.

Começou com um longo grito ululante, e se foi uma só garganta que o articulou primeiro, passou a uma dúzia no instante seguinte, e a três vezes mais depois. Não logrei ver quem liderou a louca arremetida, pois pareceu que todas foram ao mesmo tempo, quais Fúrias² desarmadas ataviadas de trapos, correndo desvairadas para o salão de festas, e a maior parte dos eunucos com elas.

Joscelin praguejou e agarrou Uru-Azag pelo braço. — Vós — disse em Persa. — Barrai as portas. Lograrei fazê-lo sozinho?

— Sim. — O akkadiano levou a lâmina da sua adaga curva aos lábios e beijou-a. — A minha arma — disse com reverência — está juramentada a *Shamash*. Consagrei-a em sangue esta noite.

— Bom. — Voltou-se para mim. — Phèdre, leva o rapaz e esconde-te...

— *Imriel!* — Vi-o demasiado tarde, o brilho feroz dos seus olhos, os seus dentes arreganhados. A mesma loucura selvagem que se havia aposado das outras tomara-o a ele, gerada por longos meses de ódio e abuso. Qual relâmpago, desatou a correr, corredor fora. — Vai — disse para Joscelin, tomada de pânico. — *Vai!*

Ele já a caminho ia.

Gelada de medo, segui-o.

² Personificações da vingança na mitologia grega e romana, que puniam os mortais e castigavam os seus crimes, especialmente os de sangue. (N. da T.)

CINQUENTA E SEIS



Um pesadelo tinha lugar no salão de festas. Foi um banho de sangue. Não há outra forma de descrevê-lo. E grande parte da matança fora levada a cabo pelas mulheres do *zenana*.

Quando cheguei, a primeira vaga de derramamento de sangue ocorrera já. Ouvi contá-lo, mais tarde, àqueles que sobreviveram. Os efeitos do ópio haviam-se tornado evidentes quando eu saíra com o *Mahrkagir*, e mais pronunciados a cada momento que passava, os homens com os olhos cada vez mais mortiços de devaneio, sorrindo, dizendo coisas sem sentido. Um ou dois haviam perdido o acordo de si.

E os *Áka-Magi* que restavam, novos iniciados na sua maior parte, foram ficando nervosos.

Tudo começara quando um tatar uighur com expressão sonhadora no rosto pusera a mão entre as coxas de Jolanta. Fora como Imriel dissera. Jolanta tirara-lhe a adaga do cinto e plantara-a até ao punho sob o ouvido do tatar.

Durante longos momentos, ninguém reagira. Os homens olharam estupidamente, tardando a abarcar o que se passara. As mulheres fitaram-se mutuamente, inseguras do que fazer. Imriel, espreitando pela porta, voltou-se para fugir — e fora então que um dos *Áka-Magi*, um *Skotophagotis*, o avistara e seguira, suspeitando já.

O que lhe aconteceu a ele, já eu sabia.

Depois disso, o *zenana* caiu em fúria.

Quantos mataram as mulheres, naquele abalo inicial? Vintenas, no mínimo. Fora o puro imprevisto do ataque. Tomando armas — adagas, facas de trinchar, espadas, até mesmo um machado — das mãos dos aturdidos guerreiros, as mulheres exerceram terrível vingança, e os gritos dos *Áka-Magi* perderam-se entre os guinchos delas, cavos e inofensivos como o crocitar de corvos.

Então os homens de Drujan, intoxicados e entorpecidos, começaram a lutar de volta.

Foi quando eu cheguei.

Foi medonho de contemplar. Intoxicados ou não, eram guerreiros exercitados, muitos deles trajando parcialmente armaduras ou coiro. Tal era o protocolo do salão de festas do *Mahrkagir*. E sob a fúria do seu ataque, as mulheres do *zenana* morreram aos magotes... efesianas, hellenas, jebianas — de todas as nações, sangue espalhado igualmente em peles claras e escuras, coagulado em tranças de louras e morenas, na seda negra das ch'in, nos caracóis lanosos de Jebe-Barkal.

Aqui e ali, algumas resistiram. Vi Kaneka brandir um machado qual martelo, os dentes reluzindo num sorriso de guerreiro, com sangue até aos cotovelos. Um grupo de mulheres chowati lutou implacavelmente. Os eunucos akkadianos despojaram de armaduras os mortos e lutaram com os vivos. Do outro lado do salão, Erich o skaldi sustinha a passagem para as cozinhas, com Rushad e um punhado de criados atrás, lutando com toda a ferocidade da sua nação.

E no centro do salão...

Joscelin.

Isto juro eu: não era a insanidade de *Angra Mainyu* que o movia. Eu sei. Estava com ele no corredor, quando ela se abatera sobre os outros. Isto era diferente, incontaminado, uma raiva nascida nas velas secundárias de Amílcar onde encontráramos as crianças aprisionadas pelos mercadores de escravos, acalentada pelo destino, reprimida e canalizada e aguçada ao mais imaculado gume ao serviço do *Mahrkagir*.

Era a coisa mais pura e mortífera que jamais me fora dado ver.

Com a espada empunhada por ambas as mãos, Joscelin movia-se graciosamente através das suas formas Cassilines, o seu rosto tão calmo e centrado como quando executava os seus exercícios matinais no jardim. Sorria, os seus olhos azul-verão bem abertos de exaltação, e onde fluía a sua espada, urdindo um fio de prata na atmosfera escura, a morte se seguia. Ouso dizer que a camisa de cota de malha ajudou, rechaçando uns quantos golpes de relance.

Na sua maior parte não chegavam a aterrar.

Ele era praticamente intocável.

E eles eram atraídos para ele — atraídos, quais traças para as chamas, tanto drujani como tatars, abandonando as mulheres e cambaleando para o centro do salão de festas para desafiá-lo. Jagun, o comandante de guerra kereita, veio direito a ele com um grito de fúria nos lábios, trôpego e selvagem, só agora constatando a magnitude do prêmio que se lhe escapara por entre os dedos. Com um só golpe a duas mãos, Joscelin abateu-o; de um golpe só, o tormento de Imriel às mãos do tatar foi finalizado e vingado. O cadáver do kereita ficou estendido ao comprimento no chão do salão. E outros mais vieram, arremessando-se contra ele. Era insano, verdadeiramente. O tenebroso senhor de Darśanga soube, demasiado tarde, o que estava no seu seio. E Joscelin, Servo de Cassiel, o meu Companheiro Perfeito, executou a dança das armas com os esbirros de *Angra Mainyu*, por entre um círculo crescente de cadáveres, as lajes de pedra escorregadias de sangue.

— *Imriel!* — gritei, avistando-o.

Lá estava ele, o filho de Melisande, brandindo uma faca de trinchar e rosnando, retrocedendo de um soldado drujani, amarinhando para cima de um banco, de uma mesa. O drujani, de espada na mão, perseguiu-o, subindo para o banco. Tinha um joelho sobre a mesa e golpeava com a espada quando eu agarrei no banco com ambas as mãos e o virei num ímpeto de puro terror, derrubando-o e com ele o seu ocupante.

O drujani caiu com força, a nuca embatendo nas lajes de pedra. — Senhora — disse em Persa, pestanejando para o meu rosto suspenso acima dele, sabe Elua com quanto ópio correndo-lhe nas veias. — Senhora.

— O *Shahryar Mahrkagi* está morto — disse eu gentilmente. — Meu senhor soldado, acabou.

— Então... isto é vosso? — Deu-me a sua espada, aturdido, ainda deitado de costas, estendendo-a com o punho para mim. Dado que não soube o que mais fazer, tomei-a, a espada desajeitada e pesada nas minhas mãos. Ele suspirou e fechou os olhos.

O tumulto da batalha ia cessando.

Era estranho, o silêncio que se fazia. Por todo o lado, pessoas gemiam, sangrando e moribundas, mas o tinido das armas começara a esmorecer. Por impossível que parecesse, chegava ao fim, os combatentes mergulhando em exaustão ferida, intoxicados e confusos. As mulheres sobreviventes do *zenana* amontoavam-se em grupos. Vi Drucilla coxeando por ali, agarrada ao ventre onde uma mancha escura alastrava, cuidando dos feridos. O salão de festas era um matadouro sangrento, mesas viradas, os atavios do palanque esfarrapados, até o entulho que enchia o poço de fogo disperso por todo o lado. *Áka-Magi* e *Magi* vagueavam desolados e entorpecidos,

impotentes. No meio de tudo aquilo, Joscelin apoiava-se sobre a espada, ofegante, circundado de morte.

Não restava ninguém vivo com alento para continuar.

Salvo uma pessoa.

Não houve qualquer exclamação à sua aparição, mas um silêncio ainda mais profundo. Pareceu que até os feridos sustiveram o fôlego, observando. A sombra de Tahmuras obscureceu o salão. Como não, descomunal como era? Os seus ombros pareciam encher o umbral da porta. Mesmo à distância, pude ver-lhe marcas de lágrimas no rosto. Ouso dizer que, naquele lugar, só ele chorou o *Mahrkagir*, a morte mortal de um homem que ele amara. Tínhamos isso em comum, ele e eu — só nós derramáramos lágrimas. Ele entrou no salão com passos lentos e deliberados. Ninguém se moveu para interceptá-lo. A cabeça de Joscelin levantou-se lentamente, o olhar exausto fixando-se no gigantesco guerreiro.

— Tu — disse Tahmuras dirigindo-se a ele, a voz crispada de dor, apontando com a haste da sua clava. Foi como se uma montanha houvesse falado. — Tu morrerás. — Fez girar a estrela-d'alva, abarcando-nos a todos. — Morrerás pelo que fizeste!

Demasiado cansado para falar, Joscelin limitou-se a assentir, a ponta da sua espada erguendo-se das lajes de pedra ao mesmo tempo que se punha a postos para fazer face a este derradeiro desafio.

Não é batalha que eu cuide recordar.

Não é uma que os poetas cantem.

A estrela-d'alva é uma arma mortífera, e difícil. Poucos guerreiros a manejam bem. Tahmuras de Drujan tinha um dom. Mais lesto de pés do que o seu tamanho sugeriria, avançou veloz e baixo, abrindo caminho por entre os cadáveres, a bola espigada açoitando as pernas de Joscelin. Na mão esquerda, empunhava uma longa adaga, usando-a para desferir lenhos enquanto Joscelin rodopiava nos seus esforços para se esquivar à clava, deitando por terra toda a sua cuidadosa perícia Cassiline.

Rompidos os seus padrões, Joscelin foi forçado à defensiva, cambaleando para trás, tropeçando nos corpos dos que haviam morrido às suas próprias mãos. Aparando desvairados golpes a esmo, a imprevisível estrela-d'alva desfazendo-lhe a guarda em estilhaços, a corrente serpenteante ameaçando arrancar-lhe a espada das mãos. Retrocedendo face ao assalto furioso de Tahmuras, alcançou o palanque, sentindo-lhe os limites com passos cautelosos enquanto o adversário o acoitava. Agarrei o punho da minha espada drujani, esquecida no meu terror, e senti a mão de Imriel fechar-se-me com força no braço, ajoelhado em cima da mesa atrás de mim.

— Phèdre! — sussurrou com urgência.

— Bem sei — disse eu, com lágrimas nos olhos, observando o combate. — Bem sei.

— Não! — A voz dele elevou-se. — Olhai!

Segui-lhe o dedo que apontava por sobre o meu ombro e vi o sacerdote Gashtaham acercar-se.

— Minha senhora — disse ele numa hedionda paródia de cortesia, empunhando o seu bastão de ébano como um porrete. Os seus passos eram vacilantes, mas os olhos, sob o elmo de crânio de javali, estavam fitos de determinação. — Minha senhora Phèdre nó Delaunay de Terre d'Ange, temos assuntos de que tratar.

— *Daeva* Gashtaham. — Lembrando-me da espada, ergui-a, sustendo o punho com ambas as mãos para impedir que ela vacilasse. — Pousai o vosso bastão. Acabou. O portal fechou-se.

O sorriso do sacerdote era um pavoroso esgar. — Pode ser, senhora. Pode ser. Mas fostes prometida a *Angra Mainyu*, e ele vos terá, nem que eu próprio tenha de vos abrir o crânio. E, em seguida, o do rapaz, e de seja quem for que de pé reste depois dele. — Puxou o bastão atrás para o atirar, sem atentar na espada que eu empunhava, apontando-mo à cabeça. — Sabeis o que haveis feito? — berrou, com pintas de espuma nos cantos da boca. — Sabeis que preço paguei? Sabeis o que haveis destruído, maldita seja a vossa alma?

— Sim, meu senhor — disse eu firmemente, mantendo a ponta da espada apontada ao seu coração, ciente do seu peso, ciente de Imriel atrás de mim, ciente de um furtivo movimento nas sombras do escuro salão e não ousando olhar. — Sei.

— Então *morrei!* — sibilou Gashtaham, os músculos crispando-se-lhe para desferir o golpe.

Retesei-me para fazer face ao abalo. Não veio.

Uma forte mão negra tomou-lhe o rosto por trás, os dedos tapando-lhe a boca, torcendo-lhe a cabeça para lhe desnudar a garganta, e vi o sorriso de Kaneka reluzir nas sombras enquanto a sua outra mão se erguia, o gume de uma adaga lampejando nas trevas.

Um jorro brilhante de sangue arterial esguichou para diante, e eu arremessei-me para o lado para a ele me esquivar, arrastando Imriel comigo.

— Bravo, pequenita — disse Kaneka com complacência, vendo o *Âka-Magus* contorcer-se e morrer, arroios de sangue correndo ao longo do chão e formando poças nos espaços entre as lajes de pedra. — Estava com esperança de matar um dos da sua laia.

Ignorando-a, pus-me de pé e fui à procura de Joscelin.

A coisa não ia bem.

Debatendo-se, ele recuava desesperadamente, a espada inclinada diante de si, impelido a retroceder passo a passo, não já no palanque, mas forçado a atravessar toda a largura do salão. Tahmuras avançava implacavelmente, brandindo a sua estrela-d'alva. Cada golpe era aparado por Joscelin com crescente lentidão, enfrentando-o com os ombros e retrocedendo para retomar a guarda, a espada chanfrada e manchada de sangue sustida cada vez mais abaixo. Pude ver os braços tremendo-lhe do esforço, os pés buscando apoio nas pedras escorregadias.

E Tahmuras perseguia-o com implacável vingança, desferindo golpes altos, baixos, a bola espigada andando à roda, sem jamais abrandar. Aconteceu; tinha de acontecer. A bola aterrou, golpeando de relance um joelho. Joscelin cambaleou, baixando a guarda, e a clava desferiu-lhe novo golpe, com força esmagadora, contra a parte superior do braço esquerdo.

Ouvi o seu grito de dor, vi a sua mão esquerda deslizar inerte do cabo, e Tahmuras com os seus olhos vermelhos de desgosto esboçar um sorriso lúgubre, brandindo a estrela-d'alva. A bola espigada enrolou-se em torno da espada de Joscelin, e a corrente prendeu-se e firmou-se.

O drujani aplicou um safanão brusco na haste da sua arma e Joscelin foi desarmado, a espada caindo com estrondo no chão. Enfiei os nós dos dedos de uma mão na boca, abafando um grito. Num derradeiro esforço, Joscelin girou, arrancando uma das poucas tochas existentes no salão do candelabro de parede e brandindo-a como uma espada, com a mão direita. Passo a passo retrocedeu, impelindo as chamas para o rosto de Tahmuras à medida que o gigante o perseguia, forçando-o de volta para o centro do salão. O seu braço esquerdo pendia, inerte e imprestável. Ele ignorou-o e aparou os golpes com uma mão, a tocha urdindo fios de luz contra a escuridão, rechaçando o inevitável golpe final.

Eu esquecera-me de Imriel.

Ele foi veloz; tão veloz. Quando eu pensei detê-lo, já ele estava em movimento, dardejando através do salão pejado de cadáveres, agarrando de um salto o punho da espada Cassiline.

— *Joscelin!* — berrou, numa voz aguda e estridente.

Eles detiveram-se, os combatentes, voltando-se. Imriel susteve a espada ao alto, e centelhas chisparam quando ela resvalou através das pedras. Joscelin desfez-se da tocha, arremessando-a com a ponta para baixo como um guerreiro cravando uma espada...

...directamente dentro do poço de fogo descoberto.

Com um som que fez tremer as vigas do tecto, uma coluna de fogo incendiou-se, o Fogo Sagrado de *Ahura Mazda*, uma chama viva e retorcida, dourada e açafraão e vermelha, estendendo-se direita ao teto abobadado.

Tahmuras era uma vasta sombra diante dela, estacado imóvel de consternação, a boca aberta para emitir um grito de contrição ou angústia. Joscelin nem vacilou, deitando mão à espada com o braço direito são. De um só golpe, trespassou o gigante.

Acabara.

CINQUENTA E SETE



Ninguém poderia ter antecipado o desfecho.

O que melhor recordo, assim que a coluna de fogo esgotou a sua fúria inicial e esmoreceu para um moderado braseiro, é o velho Magus-Chefe Arshaka, os olhos remelosos marejados de lágrimas, os braços estendidos numa bênção, os lábios movendo-se numa prece enquanto se ajoelhava diante do Fogo Sagrado, as chamas brilhantes iluminando-lhe as vestes imundas. Recordo-o porque para isso não tive tempo.

Fui direita a Joscelin, sentado nas pedras ensanguentadas e arquejando com falta de ar, a mão direita frouxamente cerrada em torno do punho da espada amassada, o braço esquerdo aninhado no regaço. Cheirava a lâ chamuscada e metal em brasa. — O rapaz? — perguntou, rolando os olhos ao encontro dos meus.

— Vivo — disse eu, com a voz sufocada. — Vivo, meu amor.

— Vedes? — Imriel ajoelhou diante dele, o rosto ansioso. — Vedes, Joscelin? Estou aqui.

Joscelin assentiu e fechou os olhos. — Vai ver dos outros — murmurou. — Não morrerei de um braço partido.

Pus-me em pé. — Fica com ele — disse para Imriel. — Ouves-me? Fica com ele, ou, juro, eu própria te matarei.

— Ficarei. — A voz de Imriel embargou-se ao falar. Enroscado nas lajes de pedra, olhou para mim com os olhos de sua mãe, e com uma expressão neles que jamais luzira nos dela. — Prometo, Phèdre, ficarei.

Teria de servir. Enquanto os drujani e tatars sobreviventes, atarantados

de ópio e terror, procediam à rendição — alguns perante estupefactos membros do *zenana* e outros ante os *Magi*, chorando abertamente diante do Fogo Sagrado —, fui avaliar os feridos e contar os mortos.

E, para lá dos portões de Darśanga, a revolução alastrou.

Que histórias se contam em Drujan, não sei dizer. Não fiquei tempo bastante para ouvir contá-las, e jamais retornei, nem retornarei, não enquanto respirar. Isto sei eu ser verdade, pois apurei-o nessa noite: os fogos acendidos no palácio inflamaram-se na cidade e por todo o lado. *Jahanadar*, a Terra dos Fogos, reclamou o seu antigo título, e a mão de *Ahura Mazda* estendeu-se a reclamar o seu.

Pois muito bem; isso podia ele fazer. Mas foram as gentes de um cento de díspares nações, feitas cativas e escravas, que pagaram o seu resgate.

Tantos morreram. Tantos.

Na passagem que conduzia às cozinhas, Erich o skaldi jazia moribundo, o seu corpo perfurado por dezenas de golpes, uma espada na mão e uma expressão de paz no rosto. Rushad, com uma faca de trinchar na mão, jazia chacinado atravessado sobre os seus joelhos, tendo feito o seu valente melhor para defender o amigo caído; o gentil Rushad, que não era mais guerreiro que eu. Tudo o que pude fazer foi apertar a mão de Erich e cantar suavemente para ele, cantigas de embalar, que aprendera como escrava. Erich morreu sorrindo, a sua mão afrouxando na minha. E passei ao seguinte. Tantos, tantos mortos. Jolanta, os dedos cravados em torno do punho de uma espada drujani, colados de sangue. Nazneen a efesiana, complacente na morte como em vida, um machado de guerra tatar enterrado no crânio. Entre as mulheres do *zenana*, uma em três havia morrido... Erich, Rushad — dois dos eunucos akkadianos. Desaparecidos, todos eles.

Mas havia sobreviventes, também.

Uru-Azag veio claudicante dos portões interiores de Darśanga, de rosto pardacento e soturno, recolhendo um contingente para assegurar a fortaleza. Após o Fogo Sagrado, não houve resistência. Com a ajuda de Kaneka, conferenciando com Joscelin, que se encostara a um banco, tomaram as coisas nas suas mãos. Aqui e ali, um iniciado da *vahmyâcam* vagueava aturdido de abalo, tendo apurado tarde de mais que as suas oferendas haviam sido em vão. O reinado de *Angra Mainyu* quebrara-se.

Um homem houve, com um fio carmesim de sangue secando-lhe no queixo, que o encarou pior. Recordava-me dele. Era um que havia trazido o filho para o palanque, um menino com não mais de quatro ou cinco anos. A idade do *Mahrkagir*, pensei, quando os Akkadianos haviam tomado Darśanga. Irrompêramos demasiado tarde para o rapaz; o pai comera-lhe o coração.

Oxalá houvesse sido diferente.

Fiz o que pude, ignorando as orações de graças dos *Magi*, apelando à minha experiência de demasiados campos de batalha para ajudar Drucilla, que ligara as suas próprias feridas e permanecia de pé, trêmula. Pressionava o punho com força contra o ventre e arquejava ordens. A filha de carpinteiro cartaginesa era uma sombra sobre o meu ombro, ajudando sem argumentar, recrutando outras. A costureira caerdicci que me alterara o cair do vestido aprendeu a coser carne e tendões sob a tutela de Drucilla.

Juntas, salvámos muitas vidas.

Até que por fim chegou a vez de Joscelin. Só o remover da camisa de cota de malha foi uma tortura.

Eu não o poderia ter feito sem Drucilla. Foi ela que me instruiu sobre como lhe endireitar o braço, puxando à força até que os ossos quebrados se alinhassem, sentindo delicadamente com as pontas dos dedos que estava cada um no seu lugar. Foi uma mercê que nenhum houvesse trespassado a pele. A fronte de Joscelin perlou-se de gotas de suor frio, e da sua boca jorraram pragas de carroceiro, termos que eu desconhecia ele saber. E depois acabou. Liguei a fratura seguindo as instruções de Drucilla, envolvendo-a firmemente em faixas de tecido de lã e firmando-a com uma cuidadosa tala.

— Uma funda — murmurou Drucilla, puxando pelo xaile. — Para manter o braço imobilizado. Usai isto. Não terei necessidade dele.

— Não — sussurrei, ajoelhando ao lado dela. — Drucilla, não.

— Não terei necessidade — repetiu ela debilmente, sorrindo, estendendo o braço para me tocar no cabelo com as mãos mutiladas. — Phèdre. Falastes verdade, não falastes? Nome malfadado. Ainda assim, morrerei como vivi, uma física até ao fim, e não uma criatura das trevas. Vós mo haveis dado. Não é dádiva que eu pensasse encontrar; não aqui.

— Não. — As lágrimas escorreram-me pelas faces, salgadas e amargas; parecia injusto que ela, que tão valentemente lutara para preservar a vida, para preservar a sua própria sanidade, tivesse de morrer. — Se ao menos nos disserdes o que é necessário fazer... Drucilla, nós podemos fazê-lo, juro-vos!

Atrás de mim, a costureira caerdicci murmurou em concordância, e outras vozes o ecoaram.

— A lâmina trespassou-me as entranhas — disse Drucilla gentilmente, a mão caindo para longe, os dedos roçando-me, húmidos, a face manchada de lágrimas. — Sinto-o, criança; o veneno no meu sangue. Ainda que tivésseis instrumentos e perícia de cirurgião... — Sorriu pesarosa e

bondosamente, puxando o tecido de lã que a envolvia. — Seria demasiado tarde. Tomai o xaile.

Tremendo de desgosto, assim fiz. Era o seu desejo. Ela viu a costureira Helena dobrá-lo com cuidado e atá-lo em nós precisos, fazendo uma funda para o braço de Joscelin. Uma vez isso feito, os cílios fecharam-se-lhe trémulos, e Uru-Azag e dois dos akkadianos carregaram-na com toda a ternura para o canto do salão onde estabelecêramos a nossa enfermaria, deitando-a sobre almofadas roubadas do *zenana* e cobrindo-a com um monte de cobertores.

— Lembra-te disto — disse eu para Imriel, que observava gravemente. — Lembra-te da sua coragem. Lembra-te delas todas.

Sem palavras, ele assentiu.

Foi algures a meio da noite que Drucilla morreu, e algum tempo depois disso que o Magus-Chefe veio à minha procura, com uma candeia na mão.

— Vinde — disse ele em Persa, quando eu pestanejei acordando de um meio-sono num catre improvisado onde mantinha vigília à enfermaria. Algures, fora encontrada uma túnica limpa para o ancião e a maior parte da imundície lavada do seu cabelo e barba. A despeito dos profundos sulcos que lhe marcavam o rosto, parecia mais forte do que eu teria julgado possível apenas umas horas antes. — Temos de falar.

— Fica com eles — disse eu para Joscelin, que se pusera instantaneamente alerta, deitando mão à espada com o braço direito são.

— E deixo-te sair da minha vista? Não me parece — resmungou, pondo-se a custo de pé e chamando um dos akkadianos para se postar de guarda aos feridos, e a Imriel adormecido. — Agora — disse ele para o antigo Magus —, iremos.

Arshaka inclinou a cabeça. — Portador de Augúrios. Como desejardes.

E assim falando, conduziu-nos através do palácio, por uma sinuosa escada acima até uma das torres de vigia. Ali, numa pequena mansarda, jazia morto um guarda drujani — quem o matara, não sei — e uma janela estilhaçada fora aberta à força, um quadrado de breu dando para a cidade lá em baixo e a nação mais além.

— Contemplai — disse o Magus-Chefe. — *Jahanadar*, a Terra dos Fogos.

Na cidade de Darśanga, o Fogo Sagrado ardia no templo em ruínas. Por todo o lado havia tochas acesas, tremeluzindo em fiadas. Vozes erguiam-se em celebração e preces ondulavam na brisa nocturna, gritando o nome de *Ahura Mazda*. Mais além, através da planura da península, fogueiras disseminavam-se quais estrelas emergindo das nuvens.

— Não podeis ficar aqui — disse gentilmente o Magus Arshaka. — O

Senhor da Luz reclamou o seu povo. Não tarda, virão para tomar Darśanga, e vós sois demasiado poucos para defendê-la.

Joscelin emitiu um som gutural que bem poderia ter sido uma severa risada.

— É nossa agora, meu senhor Magus — recordei-o eu.

— É — reconheceu ele. — Esta noite. Vós tendes cativos, servos, *Magi*, todos vergados à vossa vontade. Pelo que fizestes, permite-o *Ahura Mazda*. E ao alvorecer? Lutarão as mulheres do *zenana* assim que tiver passado a loucura de *Angra Mainyu*? Ou defendereis os portões com um punhado de eunucos e guerreiros feridos? Perdurá a graça de *Ahura Mazda*, enquanto mandais buscar auxílio a *Khebbel-im-Akkad* e nos apontais a Lança de *Shamash* ao coração? — Vagarosamente, lastimosamente, *Arshaka* abanou a venerável cabeça. — Não perdurará. Mais vale que abrais de par em par os portões de Darśanga e vos vades para casa. Deixai-nos sós.

Apoiei as mãos no parapeito, olhando para os homens da guarnição secundária reunindo-se nos portões lá em baixo, as mãos esvaziadas de armas, rogando admissão para que pudessem redimir-se à luz do Fogo Sagrado. — Restam ainda uns quantos milhares dos homens do *Mahrkagir* entre Darśanga e a fronteira, meu senhor Magus. Nós pensámos tomar uma via marítima.

— Tendes marinheiros entre vós, remadores? — Ele leu a resposta no meu rosto desviado. — Se houvesse embarcação que servisse as vossas necessidades, eu próprio abriria caminho por entre o povo e o ordenaria, criança. Mas não há; apenas barcos de pesca que vos fariam despedaçar contra os rochedos se tentásseis empreender tal viagem. A vossa via é por terra. O poder de *Angra Mainyu* quebrou-se, e os seus antigos servos responderão ao povo de *Drujan*. Se me derdes a vossa palavra de que apelareis à paz em nosso nome quando chegardes a *Akkad*, ordenarei que deixem passar a vossa comitiva sem que vos molestem.

— Tendes o poder para tal ordenar? — perguntei-lhe.

A luz da candeia emprestava às suas feições enrugadas uma dignidade austera. — Pela graça de *Ahura Mazda*, tenho.

— *Ahura Mazda*. — A minha voz endureceu. — Meu senhor Magus, jamais blasfemei intencionalmente contra os deuses de qualquer nação, e não desconsidero o vosso longo martírio. Mas esta noite... *esta* noite... deveis seja que poder for que detenhais à graça do Abençoado Elua e aos deuses de Terre d'Ange, à compaixão de Naamah, à cruel justiça de Kushiel, e acima de tudo à lealdade de Cassiel.

Joscelin agitou-se, face àquilo. O Magus-Chefe não se mexeu sequer. — Pode ser, filha de Elua — disse inabalável, as suas palavras um eco

sobrenatural das do *Âka-Magus* Gashtaham. — Pode ser. Mas foi a vontade dos vossos deuses que libertou o Senhor da Luz, e estais muito longe de Terre d'Ange. Acatai o meu conselho, aceitai a minha oferta, e ide-vos.

Era coisa por demais grande para eu decidir sozinha. Embora grata por estar viva, estava cansada até mais não, exausta de corpo e de espírito. Não sabia, até então, ser possível conhecer tão absoluto cansaço e viver. Os deuses de Terre d'Ange podem ser misericordiosos, mas usam com dureza os seus eleitos. Doía-me a cabeça das lágrimas derramadas pelos mortos, e ainda tinha de avaliar o custo para os vivos. Ah, Elua! Para mim própria, e para Joscelin acima de tudo. Ainda assim, a minha tarefa estava longe de estar feita. Tinha uma dívida para com o *zenana* — e havia a minha promessa. Havia Imriel. Ele confiava em mim. Fosse o que fosse necessário para vê-lo a salvo, tinha de ser feito. Para além disso, não estava capaz de pensar. Arredando-me do ancião, apoiei a fronte no caixilho da janela, mirando a planura escura, salpicada de fogos quais estrelas distantes. — Joscelin — murmurei. — O que fazemos nós?

Ele veio postar-se atrás de mim, o seu braço ao peito desajeitado entre nós. — Amor. — A carícia quebrada na sua voz trouxe-me lágrimas aos olhos. — Não me parece que tenhamos escolha. O sacerdote fala a verdade. Ordenarás a chacina dos cativos, se deitarem por terra a nossa defesa? Dos servos? — Na escuridão, ele abanou a cabeça. — Eu não poderia fazê-lo. Nem tu poderias. E os outros, fossem eles fazê-lo... de que os libertámos nós, se se tornassem iguais aos que desprezavam? Para bem ou para mal, o Abençoado Elua libertou *Ahura Mazda*. Foi a sua vontade que nos conduziu aqui. Penso que apenas temos de nele confiar, e rogar para que nos conduza daqui para fora.

Tentei pensar noutra forma.

Não logrei fazê-lo.

— Quero ajuda — disse, voltando-me para o Magus Arshaka. — Tanta quanta puderdes dar, seja ela qual for. Quero cavalos, montadas para quem quer que esteja capaz de montar, e carroças para aqueles que não estiverem. Quero armaduras e armas para quem quer que faça uso delas, e provisões, ligaduras e medicamentos, tendas e cobertores, e víveres bastantes para nos fazerem chegar à fronteira e mais além. Quero uma caravana de mulas para carregá-los, e estribeiros e carregadores. Quero quatro *Magi* que nos acompanhem, quem quer que julgais são bastante para a viagem. Se tiverdes talismãs ou insígnias que proclamem a protecção de *Ahura Mazda*, quero-os, também.

A cada frase ele assentia, e quando acabei, disse, — Será feito. Tudo isso.

— É bom que seja. — Acerquei-me do antigo sacerdote, o bastante

para que ele recuasse não fosse a minha proximidade maculá-lo, e reconheci que, a seus olhos, eu era ainda a Meretriz da Morte, a favorita do *Mahrkagir*. — Meu senhor Magus, juro-vos, se nos ludibriardes, que Elua tenha piedade da vossa alma.

— Eu não minto — disse Arshaka empertigado. — Jamais.
Assim foi decidido o nosso destino.

CINQUENTA E OITO



Partimos antes do sol-pôr. Não foi tempo bastante para aprestar uma jornada tão dura, nem de longe, mas sentíamo-nos impacientes face à presença do perigo, e todos ansiávamos por nos vermos livres da sombra de Darśanga.

O Magus-Chefe Arshaka manteve a sua palavra. As despensas foram pilhadas, os estábulos saqueados para providenciar tudo o que eu clamara. Quando os portões do palácio se abriram, armámo-nos de coragem para lutar ou morrer, mas os guardas que acorreram da guarnição exterior aclamaram os *Magi* como heróis.

Teria sido uma amarga ironia, houvesse eu cuidado disso. Não cuidei. Tudo que eu queria era ver-nos fora de Drujan, e a salvo.

A maior parte do *zenana* ia; apenas as mulheres tatars se retiraram, reunindo-se aos homens das várias tribos que haviam sobrevivido, preparando eles também já uma apressada retirada, caídos em desfavor. Admirou-me, um pouco, que as mulheres quisessem retornar aos mesmos homens que as haviam dado ao *Mahrkagir*. Não muito. A vontade que nos unira começara já a esmorecer, e o chamado do sangue — e de casa — é forte.

As outras viajariam connosco para Khebbel-im-Akkad, onde eu tentava fazer-me valer plenamente dos laços da Casa L'Envers e do trono d'Angeline para exortar Valère L'Envers e seu esposo a restituir cada uma delas à sua terra natal.

Se lográssemos lá chegar.

Aos mortos que ficavam seria dado repouso final em Drujan — com

honras. O Magus-Chefe Arshaka assim o prometera. Eu mais não pudera fazer do que aceitar a sua palavra. Ele jurara defender a verdade acima de tudo o mais e condenar a tenebrosa mentira. Suponho que o fizesse, e faço mal em guardar ressentimento contra ele e os seus após a sua longa provação. Mas não passo de uma mortal, e não pude esquecer a repulsa no seu rosto quando dele me acerquei.

Jamais, ousou dizer, foi empresa alguma tão tomada de caos. Só dar parte dela levou a maior parte da manhã, feito levado a cabo numa mescla de línguas, com o dialecto zeniano prevalecendo. O preparar das carroças para os feridos levou o restante, e o seu transporte a tarde. A essa parte, superintendi eu, tentando enquanto isso manter Imriel debaixo de olho. Por três vezes, ele foi ver os mortos para confirmar que o tatar kereita Jagun estava deveras chacinado, que seguramente estava, e por uma vez eclipsou-se em busca de uma das adagas Cassilines de Joscelin, a que havia matado o *Skotophagotis*. Uma das mulheres deitara-lhe mão de passagem na fúria selvagem do salão de festas. Encontrou-a, sim, o punho sobressaindo das costelas de um soldado drujani.

— Sujeitaste-o a isso? — perguntei a Joscelin, exausta e consternada.

Ele abanou a cabeça. — Mencionei-o, é tudo. Erro meu. Phèdre, estás certa de que estás em condições de montar? Estás branca como a cal. Podemos arranjar espaço na terceira carroça.

— Pôr-me-ei boa.

Joscelin ergueu os sobrolhos. — Phèdre — disse gentilmente. — Ouvi contar... histórias.

Desviei o olhar. — Sim, bem. Não importa. Deixa-me... deixa-me apenas partir como cheguei. Não... — Observei um par de servos drujani trazendo uma jovem mulher hellena numa padiola, com cuidado para não a sacudirem. — Não daquele modo. Feita vítima.

— Muito bem, então. — Ele esboçou um sorriso retorcido quando o olhei de relance, mudando o braço de posição na funda. — Lembra-te, se desfaleceres e caíres do cavalo, não vou poder apanhar-te.

— Não cairei. — As palavras embargaram-se-me na garganta; não me lembrava da última vez que o vira sorrir, a não ser em batalha. — Prometo. Joscelin... — Pressionei os dedos contra as têmporas dolorosas, intentando suster as lágrimas iminentes. — Poremos Imri na carroça.

— Não lhe aprazera — advertiu ele.

— Provavelmente não — disse eu. — Mas é o melhor lugar para ele. Deverias ter visto o que lhe fez Jagun no salão. Os vergões ainda estão a sarar.

Foi a vez de Joscelin desviar o olhar. — Odeio isto — disse baixinho. — Nem posso dizer-te até que ponto odeio isto.

— Eu sei. — Ainda que houvesse tempo, era coisa por demais monstruosa para discutir, por demais imediata. Jazia entre nós, ininteligível. Toquei-lhe a mão sã. — Joscelin. Tratemos apenas... tratemos apenas de sair vivos daqui, primeiro. O resto pode esperar. Se lograrmos fazê-lo, o resto pode esperar.

Passado um momento, ele assentiu. — Terá de esperar.

Restando-nos um par de horas de luz, partimos de Darśanga.

Era uma desajeitada caravana poliglota de cavaleiros e carroças e mulas, estendendo-se por entre gemidos, arvorando o alvíssimo estandarte branco de *Ahura Mazda* e flanqueada por quatro infelizes *Magi*. Ainda assim, avançávamos, e as muralhas pardacentas e os telhados negros de pez do palácio de Darśanga ficaram para trás de nós. Na cidade, as pessoas fitavam-nos boquiabertas, incertas do que pensar da nossa comitiva, mas não nos molestando. Ninguém se encolheu ou fugiu. No templo aberto, ardia o Fogo Sagrado, e um grupo de trabalhadores retirava o entulho, limpando a praça, arranjando os bancos de mármore. As forjas haviam esfriado. Atravessámos a cidade para estrada aberta.

Joscelin estava certo; doía cavalgar. Se me forçara a sobreviver a infundáveis noites de tormento, o meu corpo não esquecera o abuso a que fora sujeito, o dilacerar da verga de ferro do *Mahrkagir*. Estava dolorida e ferida, e a pressão da sela fazia-me morder o lábio num esforço para não gritar.

Mas cavalguei não obstante.

Quiçá seria uma punição, um meio de me castigar pela dor que infligira nesta demanda amaldiçoada pelos deuses; não sei dizer. Era tolo, até aí sei eu, mas era algo que eu precisava de fazer. Cavalgara para Darśanga de minha livre vontade. Do mesmo modo partiria.

E, atrás de mim, apertando a sela com os joelhos e agarrando-se-me com determinação à cintura, elevando-se com um estremecimento a cada solavanco, cavalgava Imriel. Recusara-se a ir na carroça — Joscelin estivera certo a esse respeito, também. Eu entendia-o, entendia o seu desvario melhor do que o meu próprio.

Ele tinha o orgulho de sua mãe, e eu não podia deixar de amá-lo nele.

Como não, quando o amara nela?

Assim começou a nossa longa, absurda viagem através de Drujan, que não vale a pena narrar. Basta dizer que lográmos fazê-lo, a maioria de nós. Por mais de uma vez vimos soldados, os lobos de *Angra Mainyu*, desolados e despojados de chefia. Alguns deles vieram buscar a bênção dos *Magi*, contritos. Outros viam as flâmulas brancas e fugiam. Não sei quem governava em Darśanga, não fosse o Magus Arshaka.

Algumas das vítimas morreram, a despeito de todos os nossos esforços. As feridas supuraram, ou sofreram hemorragias internas; uma, com

um golpe na cabeça, adormeceu para nunca mais acordar. Perdemos sete ao todo, deixando umas escassas cinquenta sobreviventes do *zenana*.

Uma era a rapariga hellena que eu vira ser carregada cá para fora, uma ilhoa vendida em hasta, entregue a um *Skotophagotis* a troco de um punhado de moedas. Ismene, chamava-se ela; conhecia-as a todas, por essa altura. Um golpe de espada apanhara-a sob a axila, e o lenho supurara. Quedei-me com ela na noite em que morreu, assolada de febre. Mesmo antes do alvorecer, a febre cedeu e ela recuperou a lucidez.

— *Lypiphera* — disse, vendo-me e sorrindo. — Pensei que seríeis vós.

— Chh, quedai-vos calada. — Removi o tecido húmido, palmando-lhe a fronte enquanto ela buscava levantar-se, achando-a fresca. — Ismene, porque me chamais isso? Já o ouvi antes.

— É uma história — sussurrou ela, vendo-me espremer o tecido. — Uma história que os escravos contam em Hellas. Por vezes os próprios deuses acham a dor da existência por demais grande para ser suportada. Porque são deuses, escolhem um mortal que a suporte por eles; uma *lypiphera*, uma sofredora. — Tomando-me a mão, encostou-a à face e fechou os olhos, sorrindo ainda. — Por vezes, tomam elas a dor mortal, também. É coisa afortunada, para os escravos.

— Ismene. — Engoli as lágrimas pela incontável enésima vez, encostando-lhe a palma da mão à pele delicada. — Fazei por dormir.

De manhã, estava morta.

Julgara passado o perigo quando a febre cedera. Sentei-me numa rocha de olhos fitos no alvorecer, cismando. Joscelin teve de vir à minha procura quando foi levantado acampamento.

— Phèdre. — A sua voz estava esganiçada de exaustão; estávamos todos cansados, por essa altura. — Está na hora de partir. Fizeste o que podias.

— Se houvesse estudado medicina em vez de...

— Não estudaste. — Algo no seu tom me fez olhar. Joscelin suspirou, passando a mão sã pelo cabelo emaranhado e meio-entrançado. — Phèdre, deixa para lá. Ela morreu em liberdade, rodeada de carinho. É uma morte melhor do que qualquer uma que pudesse haver encontrado em Darśanga. Deixa para lá.

Dado que nada mais havia a fazer, assim fiz, retornando ao nosso acampamento. A caravana aguardava. Um marco de pedras assinalava o local do derradeiro repouso de Ismene. Imriel, de joelhos atrás de mim, voltou-se na sela à medida que nos afastávamos a cavalo, vendo-o diminuir à distância. — Lembra-te delas todas — disse em voz alta, dando eco às minhas palavras. — Lembra-te delas todas.

De manhã não havia tempo, mas ao anoitecer, quando eram montadas as tendas, os cavalos e as mulas presos e acesas as fogueiras para cozinhar,

Joscelin procurava praticar os seus exercícios Cassilines, canhestros a um só braço. Toda aquela graça fluida, toda a sua longa disciplina, se centravam na simetria e no equilíbrio — os padrões urdidos pelas adagas gémeas, os braços cruzados formando um escudo vivo, o rodopiar do manejo de espada a duas mãos. Disso despojados, os seus movimentos eram desajeitados. O seu braço esquerdo atado entravava-lhe o desferir dos golpes, tornando-os desasados, deixando-o exposto. Uma vez atrás da outra, cambaleava desequilibrado, perdendo a forma, incapaz de completar os complexos padrões.

Doía-me contemplá-lo.

Ele jamais se queixava, nem uma só vez. E jamais cessava de tentar, forçando incessantemente os seus limites à medida que os ossos começavam a soldar. Durante os primeiros dias de jornada, as suas mãos incharam de modo alarmante. Mantive-me bem alerta, soprando uma prece de alívio quando o inchaço começou a ceder. Depois disso, ele começou a carregar uma pedra de bom tamanho na mão esquerda enquanto cavalgava, apertando-a compassadamente horas a fio, tentando impedir que os músculos perdessem a firmeza e o préstimo.

Dez anos de idade, tinha Joscelin quando fora exilado do amoroso caos de Verreuil para o soturno rigor da Irmandade Cassiline. Nunca vi tão claramente como isso o moldara como fiz nessa jornada, na sua inquebrantável determinação. Tão novo, pensei, observando Imriel; um menino apenas, com a frágil constituição da infância. E eu... tinha eu dez anos quando o meu senhor Delaunay me tirou da Casa Cereus, iniciando o longo aprendizado que fizera de mim o que sou.

Imriel tinha Darśanga.

Lembra-te disto.

Por duas vezes, ele teve pesadelos, acordando o acampamento inteiro com aqueles terríveis, estridentes gritos. Os carregadores drujani quase fugiam de terror, e os *Magi* encolhiam-se num reflexo temeroso, recordando os grilhões de ferro de *Angra Mainyu*. Joscelin, de olhos desvairados, punha-se em pé num instante, a espada sacada na mão direita, olhando à volta em busca de perigo. Os akkadianos e as mulheres do *zenana* apenas resmungavam. Eu tomava Imriel nos braços, apaziguando-o até ele acordar e me reconhecer. Depois disso, as lágrimas, e eu embalava-o enquanto ele estremecia com elas, os ombros franzinos encolhidos.

Joscelin sentava-se com a espada atravessada sobre os joelhos, observando exausto.

Não falávamos do que acontecera em Darśanga. Era demasiado cedo, demasiado vasto. Deixar-nos sair disto vivos, dissera eu. O que viria a ser de nós depois, não sabia dizer. Havia amor, ainda; isso, sabia eu. Confrangia-se-me o coração ao vê-lo. E Joscelin... ouvia-o na sua voz,

via-o no seu olhar ferido, sentia-o no seu toque. Amor, destroçado e danificado, quiçá de forma irreparável. Rogava para que assim não fosse. Ao entardecer, observava os seus exercícios vacilantes e claudicantes, e sentia medo. Ele sobrevivera, e o braço curar-se-ia. Se ou não a sua perícia tornaria a ser igual era outra questão. Algumas coisas, uma vez quebradas, jamais podem ser feitas inteiras de novo.

Eu rogava para que não fôssemos uma delas.

A meio caminho da viagem, encontrei o cão de jade, o presente do *Mahrkagir*, acondicionado no fundo das minhas coisas. Sentei-me abalada no chão da tenda, mirando-o. Recordei o prazer do *Mahrkagir* ao dar-me presentes, o seu deleite pueril. Julgava tê-los deixado a todos para trás. Recordei as noites de prazer angustiado, a refinada dor lacerante e o som da minha própria voz implorando. E recordei os seus olhos, negros e brilhantes e insanos, plenos de adoração, o seu coração batendo constante sob a minha mão quando eu punha a jeito o alfinete de cabelo.

— Pensei... pensei que o quereríeis. — Era Imriel entrando de lado pela abertura da tenda, a medo e inseguro. — Não sabia.

— Sim. — Ansiava por atirá-lo para longe de mim. Em vez disso fechei a mão sobre ele, suave e polido, o jade fresco ao toque. — Estavas certo. Obrigada, Imri.

Eu matara um homem, assassinara a sua confiança, tirara-lhe a vida. Se tivesse de fazê-lo de novo, faria. Acredito nisso. Ainda assim, não podia esquecer.

Não devia esquecer.

Para as outras, era diferente. Elas não haviam escolhido os seus destinos, e a sombra da culpa de sangue não lhes pesava nas almas. A despeito disso tudo, a despeito do sofrimento e da loucura, das muitas perdas, quanto mais nos distanciávamos de Darśanga, mais animadas ficavam. Alegrava-se-me o coração ao vê-lo, embora as invejasse. Uru-Azag e os akkadianos haviam encontrado na batalha parte do seu orgulho perdido. Se retornavam a casa menos que homens, ainda assim, eram mais do que escravos.

E as mulheres...

A princípio, penso eu, muitas delas nem ousavam crer. Quando por fim alcançámos as montanhas, o medo contido deu lugar à esperança, e esta a um cauteloso rejubilar. A nossa comitiva fracturou-se em grupos por nações, ecoando as divisões do *zenana*, o dialecto zeniano esmorecendo à medida que as mulheres começavam a falar de casa nas suas próprias línguas, as que tinham família e entes queridos recordando, especulando se ou não seriam bem acolhidas de volta.

Kaneka é que não tinha dúvidas. Feroz e incandescente, agarrava-se

à liberdade como um falcão enjaulado ao céu, carregando o seu surripia-
do machado de guerra na sela e a adaga enfiada numa faixa em torno da
cintura.

— Então, pequenita — disse-me ela no dia em que entrámos nas
montanhas, a nossa passagem abrandada pelas carroças. — Irás mesmo a
Jebe-Barkal, hein?

— Parece que irei.

— Porventura irei contigo. — Abriu-se num sorriso, mostrando os
dentes brancos. — Vem comigo até Debeho. Minha avó, possa estar viva
ainda, contar-te-á muitas histórias dos Melehakim.

— Tenho prometido um guia para Meroé em Iskandria — disse eu.

— Iskandria. — Kaneka acenou com uma mão de repúdio. — Um guia
de caravanas. Levar-te-á coiro e cabelo, pequenita. Mais vale viajar pelo
Grande Rio até Majibara, e contratar lá. Comigo não serás esmifrada.

O nosso andamento era vagaroso bastante para que uns quantos akka-
dianos houvessem desmontado e ido caçar ao longo do caminho, apontan-
do a perdizes ou alguma lebre assustada. Observei Uru-Azag ensinando
Imriel a disparar com um arco akkadiano. — Falais sério, *Fedabin?*

— O que te parece? — Kaneka tocou o saco de coiro que trazia à gar-
ganta com os dados de âmbar. — A tua sorte... a tua loucura. Devo-lhe a
minha liberdade.

— E outras devem as suas mortes — disse eu.

Ela encolheu os ombros. — Mataste-as? Não. Seja como for, eu estou
viva. É quanto basta. Podes aceitar a minha oferta ou não, não quero saber.
Estou grata não obstante.

Olhei para ela e assenti. — Aceito.

CINQUENTA E NOVE



Na terceira semana da nossa lenta jornada, Tizrav filho de Tizmaht encontrou-nos nas montanhas.

Estava à espera num acampamento ao largo da antiga estrada real, atarefado a esfolar um cervo fulvo. Ouvi o alvoroço à cabeça da caravana e fui a cavalo investigar, Joscelin uns passos atrás de mim.

— Senhora. — O mercenário saudou-me em Persa, abrindo-se num sorriso por detrás da oleosa pala ocular, as mãos sujas de sangue. — Fidalgote. Haveis retornado.

— Tizrav! — Fiquei tão contente de vê-lo que quase o beijei. — Foi o Lugal que vos mandou? Ou o Senhor Amaury? Eles estão nas cercanias?

— Amaury. — Enfiou uma faca de esfolar umas polegadas mais por sob a pele do cervo e apartou-a com um golpe hábil. — Foi ele que ofereceu uma recompensa. Viram os fogos acender-se do Forte Demseen, e os malditos akkadianos estão ainda por demais assustados para irem ver. O vosso Senhor Amaury ofereceu ouro a quem quer que o fizesse. Vim eu.

— Conheceis este homem? — Uru-Azag olhou do alto do seu nariz aquilino para Tizrav.

— É o guia de maior confiança do Lugal — disse eu, empolando consideravelmente a verdade.

— O Lugal vai clamar o coiro de alguém quando descobrir que os Drujani vos deixaram passar com um bando de mulheres e eunucos, e os seus homens por demais assustados para atravessar a fronteira — disse Tizrav, virando a carcaça esfolada. — O que aconteceu?

— É uma longa história — disse eu. — Concederam-nos salvo-conduto. Tizrav, quão longe estamos da fronteira?

— Ao vosso andamento? Dois dias, porventura três. — Olhou Imriel atrás de mim, observando a operação com fascínio mórbido por sobre o meu ombro. — Vejo que tendes o rapaz que queríeis.

— Sim. A fronteira está guardada?

— Por drujani? — Encolheu os ombros. — Poderíeis fazer marchar um exército intocado através dela, e provavelmente o Lugal fá-lo-á, quando souber. Achei por bem esperar. Sinaddan não prometeu ouro, não como fez o vosso Senhor Amaury.

Alguém escutou as suas palavras, que foram passadas pela comitiva, vertidas para uma dúzia de línguas. Elevaram-se aclamações à menção de um exército invasor. Levantei a mão. — *Não!* — A palavra saiu brusca e vigorosa, pondo fim às aclamações. Inspirei fundo, virando a montada para me dirigir a todos eles, falando em zeniano. — Drujan deseja apelar à paz, e eu dei a minha palavra de que entregaria a mensagem. Que ninguém aqui a desdiga. Fica entendido?

Ficou, relutantemente.

— E vós, filho de Tizmaht — disse eu para o mercenário. — Tereis tento na língua até eu ter falado?

Tizrav esboçou o seu retorcido encolher de ombros. — Guerra, paz; o que é isso para mim? Há mais a ganhar na primeira, e menos risco de morrer na segunda. Guardarei silêncio se o desejais. Meu pai, muito se alegraria ele ao ver os Fogos Sagrados acesos, tolo devoto que era. Penso que isso vos posso conceder.

E assim nos dirigimos para a fronteira.

No segundo dia, Tizrav cavalgou adiante para alertar a guarnição no Forte Demseen da nossa chegada. Mercenário ou não, levava-nos a salvo até Darśanga, e eu confiei que ele cumpriria a sua palavra. Nisso, não me enganei.

Lentamente, arrastando-se através das estradas de montanha, a nossa comitiva seguiu atrás.

Após tanto tempo, parecia irreal, a fortaleza pardacenta no horizonte, arvorando o estandarte do Leão do Sol de Shamabarsin, a antiga Casa de Ur. Alguns dos akkadianos, Uru-Azag entre eles, romperam a chorar. Os *Magi* relutantes que nos haviam acompanhado deram à sola, abandonando-nos, levando com eles os carregadores e estribeiros. Ninguém se moveu para detê-los, e as pedras resvalaram ruidosamente à sua passagem.

Das torres da fortaleza soaram trompas, ecos de clarim por sobre as fragas. Fôramos avistados.

A guarnição marchou ao nosso encontro.

À frente de todos eles vinha o Senhor Amaury Trente, a incredulidade e o júbilo bem patentes nas suas feições. — Phèdre! — Abraçou-me, beijou-me em ambas as faces, depois tomou-me os ombros nas mãos e abanou-me. — Nome de Elua, juro... Joscelin Verreuil, seu louco Cassiline... — Abraçou Joscelin com constrangimento, atento ao seu braço ao peito. — E vós... — Avistando Imriel à espreita entre nós, deteve-se e esboçou uma vénia cortês, a voz inusitadamente gentil. — Vós deveis ser Imriel de la Courcel. Meu senhor príncipe, sede bem-vindo.

— O quê? — Por entre o confuso torvelinho da reunião, a voz de Imriel soou perdida e perplexa, agudizando-se de pânico ao olhar de relance de Amaury para mim e vice-versa. — *O quê?*

Fechei os olhos e mordi o interior da bochecha. Não havia pensado.

— Phèdre. — A mão de Amaury no meu braço forçou-me a prestar atenção. — Não lhe haveis *contado*?

— Não. — Abanei a cabeça. — Amaury... não podeis saber como era aquilo.

— *O quê?* — O clamar de Imriel agudizou-se ainda mais, estridente de medo. Na sua experiência, o desconhecido jamais era coisa boa. Desta vez, ousou dizer que estava certo. — *Contado o quê?*

— Imri. — Ajoelhei diante dele, tomando-lhe as mãos nas minhas. — Não te contei toda a verdade. O Senhor Amaury está certo. O teu nome, o teu nome completo, é Imriel de la Courcel, e és um Príncipe de Sangue, terceiro na linha de sucessão ao trono d'Angeline.

O rosto dele tornara-se exangue. — Dissestes... dissestes que meu pai estava morto.

— E está — disse eu firmemente. — O teu pai era o Príncipe Benedicte de la Courcel, tio-avô da Rainha Ysandre. Ela é tua prima, e muito tem rogado pelo teu retorno a salvo. O Senhor Amaury aqui é o seu emissário. Viajou toda esta distância para te levar para casa.

Imriel arrancou as mãos das minhas, cerrando os punhos com força. — *Mentistes* — sibilou, os olhos com um brilho febril no rosto pálido. — Dissestes que minha *mãe* vos enviou!

— Vossa mãe! — Amaury Trente soltou uma curta risada, e retomou a compostura. — Meu senhor príncipe, vossa mãe... — Olhou o meu rosto. — Ele não sabe.

— Não. — No momento em que falei, Imriel cuspiu sobre mim e saiu disparado qual dardo, correndo freneticamente para a fortaleza.

— Eu vou atrás dele — disse Joscelin baixinho, passando das palavras à ação. Suspirei e endireitei-me, limpando saliva da face.

— Lamento. — O Senhor Amaury deslizou os dedos por entre os cabelos. — Phèdre, lamento. Assumi...

— Deveria ter contado — disse eu, calando-o. — Bem sei. Amaury, o rapaz passou o último meio ano no serralho de um homem insano. Vedes estas mulheres? Viveram um inferno, cada uma delas. Assim como eu, assim como Imriel. Todos nós vivemos. Portanto, não. Não lhe contei. E sim, a mãe dele enviou-me. Ysandre — disse eu, sustendo-lhe o olhar — enviou-vos a vós. Melisande enviou-me a mim.

— Melisande — repetiu Amaury duvidosamente.

— Sim — disse eu, exausta até mais não. — Melisande.

Não tardámos muito no Forte Demseen, apenas o bastante para recuperarmos para a jornada até Nineve. As acomodações eram toscas, não preparadas para fazer face a tantos refugiados, e dormíamos apinhados em enxergas no salão principal. Durante duas noites e um dia, Imriel evitou-me, agarrando-se ferozmente à noção de haver sido traído. Deixei-o. Joscelin, de algum modo isento do seu ultraje, seguia-o zelosamente como uma sombra, tal como Kaneka e Uru-Azag, que se haviam ambos afeiçoado pela obstinada criança.

Na manhã em que deveríamos partir, Imriel desapareceu.

— Phèdre. — Joscelin deu comigo a superintender ao transporte das feridas, ajudando a providenciar almofadas para acomodar a perna de Ursalina, uma mulher aragonesa cuja coxa fora aberta quase até ao osso. Milagrosamente, estava a sarar bem, as camadas de músculo e pele fechadas numa costura irrepreensível pela mão da costureira caerdicci Helena.

— Encontrei-o? — perguntei.

Ele assentiu na direção das fragas distantes nas quais se empoleirava a fortaleza. — Está além. Julgo que deverias falar com ele.

— Como está isso? — perguntei a Ursalina em zeniano, pondo à prova a estabilidade das almofadas. — Melhor? — Face ao seu grato assentimento, virei-me para Joscelin. — Vai tu. Ele está zangado comigo, e com toda a razão.

O rosto de Joscelin estava desfigurado à luz do sol matinal. — Ele sabe a respeito da mãe — disse ele, vendo a minha expressão mudar. — Phèdre, era natural que ele perguntasse, e natural que encontrasse alguém que lhe contasse. Não foi feito com gentileza.

— Quem lhe contou?

— Nicolas Vigny — disse ele, nomeando o braço-direito de Amaury. — E Martin de Marigot. Não é... não é culpa deles, também. Apenas falaram a verdade. Vigny lutou em Troyes-le-Mont; perdeu lá um irmão. Tem razão para estar ressentido. Foi feito dela, afinal de contas.

— Portanto — disse eu. — Porquê eu?

— Porque sim — disse Joscelin firmemente. — Para bem ou para mal,

entendes Melisande Shahrizai. És a única capaz de dizer ao seu filho que ela o ama sem se engasgar com as palavras.

Havia tanta coisa por dizer entre nós.

— Muito bem — disse eu, arredando da frente madeixas de cabelo ensopado de suor. — Irei.

Alçando as saias do meu fato de montar, atravessei o estreito carreiro que circundava o Forte Demseen e dei com Imriel sentado no afloramento mais distante, atirando ensimesmado pedaços de rocha solta para a garganta lá em baixo.

— Imriel — disse eu.

Os seus ombros estreitos puseram-se hirtos, os ossos sobressaindo quais asas por sob a pele fina; sobremaneira aguçados, pensei, embora, o que sabia eu de crianças? Ainda assim, parecia por demais magro, por demais frágil para a sua idade. As crianças à guarda do Santuário de Elua eram robustas em comparação. Até mesmo Alcuin, meu irmão de criação, com a sua graça esguia, o seu cabelo branco leitoso e sorriso gentil, fora são que nem um pêro ao lado deste rapaz.

Caminhei através das fragas para me juntar a ele, sentando-me sem falar. Abaixo de nós, a garganta florestada abria-se escancarada, uma ligeira neblina brilhando dourada ao sol da manhã. Imriel manteve o rosto desviado, entretido com um punhado de seixos.

— Porque não me contastes? — perguntou sem levantar os olhos.

— Fiz mal. — Mantive a voz serena. — Imri, ia fazê-lo. Queria esperar até estarmos a salvo, é tudo. Não contava que o Senhor Amaury te saudasse assim. Foi estúpido da minha parte.

— Minha mãe fez algo tolo. — Inspirou um alento destroçado, a voz faltando-lhe. — Foi isso que me contastes! Algo tolo! Minha mãe traiu Terre d'Ange para os *Skaldi!* — A sua cabeça levantou-se, os olhos ardendo em brasa para mim. — Desposou meu pai pelo poder, e teve-me como peão, uma peça de jogo! Tentou que *matassem* a Rainha! Algo tolo!

— Sim — disse eu, inabalável. — É muito para suportar, não é?

As lágrimas dele refletiram a luz matinal. — Dissestes que ela me *amava*. Dissestes que ela vos enviou.

Apertei as mãos em torno dos joelhos. — E ama, Imri. A Rainha enviou o Senhor Amaury. Tua mãe enviou-me a mim. E eu fiz-lhe a promessa, em nome do Abençoado Elua, de que faria o que pudesse para te encontrar e manter-te livre de perigos. Não foi o bastante. Sei disso. Mas foi o melhor que eu pude fazer.

— Porque haveríeis de ajudá-la? Porque haveria ela de pedir-vos? — Imriel desviou o olhar, fitando a garganta lá em baixo. — Destes o testemunho que a condenou. Nicolas Vigny assim mo contou, e ele estava lá.

— Sim — disse eu. — Estava. — Pensei na caravana, praticamente carregada e à espera. Olhei o perfil finamente esculpido de Imriel e pensei em tudo o que ele havia passado, e na vida que o esperava como filho de Melisande, nascido de dupla traição, na corte de Ysandre de la Courcel. — Queres ouvir a história? A história toda?

Sem olhar para mim, ele assentiu.

E, inspirando fundo, eu contei-lhe — a história, o melhor que sabia; a dele, a de sua mãe e de seu pai, e a minha própria. Contei-lhe das alianças maritais que haviam forçado laços com a Casa Courcel, do voto secreto do meu Senhor Delaunay, e da minha criação como peão, uma Serva de Naamah marcada por Kushiel, adestrada nas artes da dissimulação e envolta numa mortalha de ignorância. Contei-lhe do patronato de sua mãe, e de como ela me libertara, pagando o preço final da minha marca; e contei-lhe sem fraquejar da traição dela após a morte de Delaunay — embora lhe poupasse o conhecimento de como me interrogara — e de como Joscelin e eu acordáramos dando connosco numa carroça coberta destinada à Skaldia. Contei-lhe o nosso tempo passado lá, e o que apuráramos; contei-lhe como escapáramos, e a nossa demanda desesperada até Alba, do Senhor do Estreito e do terrível sacrifício de Hyacinthe, e depois da batalha que se seguiu.

Alguma coisa, sabia ele. O Irmão Selbert não o mantivera completamente ignorante da história. Sabia da invasão skaldi, e do Senhor do Estreito, embora não houvesse ouvido falar do nome de Hyacinthe. Do papel de Melisande, nada sabia — nem do quase derrube do trono em La Sereníssima.

Foi duro, contar-lhe essa parte. Ele estava certo. Ele era uma peça de jogo, tida para clamar o trono d'Angeline. Não o neguei, apenas sublinhei como sua mãe buscara protegê-lo, entregando-o ao cuidado do Irmão Selbert. No meu próprio papel, toquei ao de leve, dizendo apenas que retornara a tempo de dar o aviso.

E depois o seu desaparecimento, e a barganha de sua mãe.

Quanto a isso, não menti nem tive papas na língua.

— Ela comprou-vos — disse ele suavemente depois de eu acabar, de olhos fitos na neblina que se dispersava. — Comprou-vos com conhecimento, tão seguramente como se de diamantes ou ouro se tratasse.

— Imriel. — Vi-o encurvar os ombros ao seu nome. — Tua mãe valoriza o orgulho e o conhecimento acima de uns e de outro, e gastou-os a ambos para comprar o meu auxílio. Gastou tudo o que tinha.

— O que me aconteceu deve-se a *ela* — resmungou ele amargamente. — Podeis negar que assim é?

— Em Siovale, acreditei dever-se — admiti. — E amaldiçoei o nome

de Kushiel por isso, crendo-o injusto, que tivesses de sofrer para punição de tua mãe. Na Aragónia, em Amílcar, fiz o mesmo. Em Darśanga... Imri, a barganha de tua mãe e a minha promessa levaram-me tão longe como Nineve. Foi a vontade do Abençoado Elua que me enviou a Drujan à tua procura, e juro-te eu, por nenhuma outra coisa o teria feito. Imriel... não sou sacerdotisa alguma, para julgar a vontade dos deuses. Mas o que pensas tu que teria feito o *Mahrkagir*, se não o houvéssemos detido?

— Matado muita gente — murmurou ele, raspando a escarpa rochosa com um pedaço recortado de pedra. — Conquistado o mundo.

— E rido. — Apoiei o queixo nas mãos. — Tê-lo-ia julgado uma grande recreação.

Imriel assentiu. — Ter-se-ia rido.

— Bem. — Tomei alento. — Não se ri agora. E isso deve-se a ti, Imri. Não fosses tu... quem tu és, o horror que te aconteceu... o *Mahrkagir* estaria vivo, e a rir. Pois bem. Não sou assim tão lesta a amaldiçoar os deuses, e muito menos o Abençoado Elua.

Ele mirou teimosamente o precipício sob os seus pés. — Mas não é *justo*.

— Não. — O coração doía-me por ele; por mim, por Joscelin, por todos nós. — Não é. Ah, Imri! Até mesmo os deuses podem titubear, e eu não passo de uma mortal. Ter-te-ia poupado qualquer dano, mas fracassei em proteger-te em Darśanga, e fracassei aqui, também. Lamento. Fiz o melhor que pude.

Os ombros dele contraíram-se. — Fostes mais magoada. Em Darśanga.

— Quiçá. — Encolhi-me à memória, sabendo que ele não podia ver, e certifiquei-me de que a voz me saía firme. — Mas foi escolha minha, Imri, e valeu a pena no fim. O *Mahrkagir* já não existe. E tu... tu estás a salvo, e não tarda estarás com a Rainha, que ansiou todos estes anos por te acolher na sua casa como um dos seus. Mais não posso pedir.

— Continua a não ser justo — resmungou ele.

— Bem sei. — Estendendo uma mão, afaguei-lhe o cabelo. — Ah, amor! Bem sei.

— Quero ficar convosco. — Abruptamente, Imriel levantou a cabeça, a sua expressão simultaneamente beligerante e vulnerável. — Convosco e Joscelin. Não quero retornar com o Senhor Amaury, para ser filho *dela* e pertença *sua*, onde todo o mundo me odiará! Não quero saber de tronos e coisas que tais! Não quero saber da Rainha! Quero ficar convosco.

— Não podes — disse eu gentilmente. — Apraza-te ou não, é verdade. És Imriel de la Courcel, Príncipe de Sangue, e tens um futuro à tua espera. Neste preciso momento, uma caravana espera a teu bel-prazer, e um pónei escolhido só para ti. O próprio Uru-Azag providenciou os arreios. E há

mulheres feridas à espera, que seriam mais bem servidas pelos cirurgiões de Nineve do que pelas minhas pobres diligências. Mantê-los-ás à espera todo o dia?

— Não. — Sóbrio face ao lembrete, Imriel pôs-se em pé à beira da vasta garganta. Engoli o medo e levantei-me, estendendo a mão. Ele tomou-a gravemente, transpondo o espaço que nos apartava. — Lamento, Phèdre — disse, fitando-me com olhos culposos. — Odiar-me-ão eles por isso, o que pensais? Por ser filho de minha mãe?

— Não. — Apertei-lhe a mão com força, o coração confrangido. — Eu não os deixarei.

SESSENTA



Sinaddan-Shamabarsin não quis que entrássemos em Nineve com fanfarra, e por isso passámos os portões pela calada da noite, quando a meia-lua pairava branca e distante lá no alto, difundindo uma luz argêntea sobre os edifícios de barro, projectando sombras bizarras nas ruas vazias.

Era a única maneira. Uma comitiva do nosso tamanho, maioritariamente composta por mulheres destituídas de véu oriundas de uma dúzia de nações, teria atraído as atenções. Congratulei-me por isso, pois significava que o Lugal levava a peito a advertência que eu enviara adiante por mensageiro. Não agiria até me ter ouvido.

Ainda assim, era estranho, tudo encapotado na noite, os rostos que eu tão bem ficara a conhecer tornados indistintos. E mais estranho ainda quando nos apartámos no Palácio de Nineve. Valère L'Envers, a Lugalín, ordenara que uma ala não usada dos aposentos das mulheres fosse aberta e aprestada para a sua chegada, e ali seriam albergadas, enquanto os seus destinos eram decididos.

Um acolhimento diferente esperava os d'Angelines.

Nós outros — Amaury, Joscelin, Imriel e eu — seríamos tratados como hóspedes reais, e os três camaradas de Amaury aquartelados no interior do palácio. E a despeito da hora tardia, fomos formalmente recebidos como tal pela própria Lugalín.

— Comtesse Phèdre nó Delaunay de Montrève. — A cor sobressaía nas faces de Valère L'Envers, sentada que estava qual efígie dourada no trono do

seu salão de audiências privado, e não saberia dizer se lhe aprazia ver-me ou não. — Meu senhor Trente, Messire Cassiline. — O toucado ornamentado de jóias baixou-se, e a sua voz mudou. — Príncipe Imriel de la Courcel.

Todos fizemos uma deferência. Imriel fez uma vénia rígida, circunspecta. — Vossa alteza.

No salão enclausurado, vi-o com novos olhos — vi o que Valère via, a beleza de pedra preciosa, o cabelo negro-azulado da Casa Shahrizai, os olhos da cor das safiras, do matiz do crepúsculo. O rosto de sua mãe, esculpido em miniatura.

A boca dela retorceu-se quando me encarou. — Pois de novo, a despeito de todas as probabilidades, retornais viva, Comtesse. Ao que parece não terei afinal de contas de incumbir-me da dolorosa tarefa de dar parte da vossa morte a minha prima Ysandre.

— Ao que parece — disse eu —, não tereis, minha senhora. Somos gratos pela vossa hospitalidade.

— Sim. — Valère contemplou-nos. — Providenciei para que vós e Messire Joscelin partilhásseis aposentos, Comtesse. Confio que vos aprazera. No que diz respeito à nobreza akkadiana, bem podeis ser considerados casados. E o príncipe será acomodado num aposento contíguo. Disseram-me que vos haveis tornado... chegados.

Verdadeiramente, estávamos de retorno ao mundo, e todas as políticas que lhe eram inerentes. Recordei a genuína amabilidade que ela me demonstrara antes de partirmos; Valère L'Envers, receava eu, gostara bem mais de mim quando me julgara morta. Esbocei uma graciosa mesura, perguntando-me se ela já teria escrito o meu panegírico nos últimos meses. — A minha senhora é sobremaneira graciosa.

Ela acenou com uma mão desinteressada. — É o mínimo que posso fazer. O meu senhor Sinaddan está ansioso pelo vosso relato, assim que estiverdes repousada. Meu senhor Trente, foram preparados igualmente aposentos para vós. Meus senhores, minha senhora... damos-vos as boas-vindas a Nineve.

E, com isso, fomos dispensados e escoltados aos nossos aposentos. Eu estava exausta até aos ossos, por demais cansada para pensar em tudo aquilo. Com Joscelin e Imriel, segui o eunuco de serviço aos aposentos que nos haviam sido destinados, luxuriosos e generosos. Uma única porta dividia a nossa alcova da de Imriel. A última coisa que vi quando pousei a cabeça sobre almofadas fofas numa enxerga de penas foi a silhueta de Joscelin recortada à luz do candeeiro, postada na porta de comunicação e fazendo uma pergunta. Quando mergulhei em sonhos, a voz de Imriel seguiu-me, dando uma resposta...

...e então adormeci, e não dei mais acordo de mim.

De manhã, o físico pessoal de Valère, um cirurgião eisandine que viajara com ela para o virtual exílio em Khebbel-im-Akkad, veio examinar-nos. Após tanto tempo, foi um alívio render-me à sua perícia. Com dedos cuidadosos, ele removeu as ligaduras do braço de Joscelin, examinando o soldar do osso com um grunhido.

Constituiu algum abalo ver como os músculos haviam encolhido com a falta de uso, a pele descorada e a descascar. A rogo do cirurgião, Joscelin moveu o braço, cerrou o punho esquerdo. O cirurgião limitou-se a grunhir, banhando com cuidado o membro lesionado e deixando-o secar antes de tornar a aplicar ligaduras de algodão branco limpo, formando uma tala. Ao xaile de Drucilla, lançou-o fora com desdém, substituindo-o por uma elegante funda de tecido brocado.

— Recuperará ele o uso do braço? — perguntei.

— Provavelmente, embora por isso dê graças para o resto dos seus dias. — O cirurgião encolheu os ombros. — Está bem soldado, trabalho bárbaro ou não.

Recolhi o xaile de Drucilla, sujo da viagem e vincado em pregas gordurosas, e encostei-o ao peito. Trabalho bárbaro. — Eu própria o soldei, meu senhor cirurgião — disse. — Sob a direcção de uma física de Tiberium.

— Fizestes um bom trabalho. — Acenou-me. — Vinde, então, e deixai-me dar uma olhada.

Joscelin deixou o quarto quando o cirurgião eisandine me examinou. A despeito da sua brusquidão, o seu toque era gentil e impessoal. Manteve a cabeça baixa, e não teceu comentários até ter acabado.

— Vi pior, entre as outras — disse ele, lavando as mãos numa bacia. — Sua majestade enviou-me na noite passada. Não o teria julgado, se é que entendi bem o que haveis sofrido. Consolda, e óleo de lavanda... mandarei o meu assistente fazer um unguento. Mas sarais como nova, enquanto elas ganharam cicatrizes. Os vossos tecidos... dom de Kushiel?

— Sim. — Sentando-me, alisei as saias sobre os joelhos. — Se lhe quiserdes chamar assim.

Ele assentiu, com inesperada compaixão nos olhos cinza. — Ouvi falar. Dar-vos-ei um bálsamo, também, para esfregardes no braço do Cassiline ali, chegada a altura. Três semanas mais, atentai, antes de serem retiradas as ligaduras. Ajudará o sangue a fluir, e contribuirá para que sare. Não lhe digais que vo-lo dei, ou descartará a funda num abrir e fechar de olhos. Conheço a sua laia.

— Obrigada — sussurrei. — Meu senhor cirurgião, obrigada.

— Não tendes de quê. Fiz um juramento, tal como vós. — Fez uma pausa. — Vi o rapaz, há pouco.

— E? — A ansiedade fez-me bater o coração um pouco mais depressa.

— Sarará. — O cirurgião recolheu as suas coisas. — O ferrete deixará cicatriz, mas os vergões estão limpos e ele é jovem, e forte de espírito. A amargura é que mais supura. Deixai-o falar, se assim desejar. À medida que se fizer homem... — Recordando-se de quem falava, calou-se. — Bem. Dele cuidarão, sem dúvida.

— Sem dúvida — ecoei. — Obrigada, meu senhor cirurgião. Levarei a peito as vossas palavras, e providenciarei para que sejam passadas a quem necessita de ouvi-las.

O unguento chegou nem passada uma hora, e com ele o bálsamo de Joscelin, rolhado num pote de cerâmica e cheirando a cânfora e gaultéria. Escondi-o entre as minhas coisas. Valère L'Envers enviou indumentárias de presente, vestidos e véus deslumbrantes ao estilo akkadiano, e unguentos e cosméticos. Após uma imersão bem acolhida nas águas da casa de banhos, ataviei-me devidamente. Sabe Elua, foi estranho. A minha própria pele parecia-me desconhecida, lavada e fragrante de óleos perfumados. O toque da seda contra a minha carne era inusitadamente luxurioso.

— Minha senhora. — Era um dos eunucos de Valère à porta, de olhos baixos. Atrás dele postava-se Joscelin, exótico numa longa túnica de mangas largas granada, usada sobre calças. Parecia manifestamente desconfortável, e não devido à funda de brocado. — O Lugal receber-vos-á.

Não se objecta ao comando de um príncipe. Coloquei o véu e fui.

— Onde está Imri? — perguntei a Joscelin enquanto atravessávamos os salões.

— No *zenana*. — Disse-o sem pensar; a palavra era a mesma, em Akkadiano. — Nos aposentos das mulheres. Uru-Azag ficará de olho nele.

— Bom. — Olhei-o furtivamente de lado. O seu cabelo louro, lavado e entrançado, pendia-lhe numa corda irrepreensível ao longo das costas e o traje sumptuoso realçava a sua beleza austera. — Isso vai bem contigo, sabes.

O canto da sua boca elevou-se, muito fugazmente. — Não. Vai bem contigo.

E então chegámos à sala de audiências privada de Sinaddan-Shamabarsin, e não houve mais tempo para conversas. Éramos apenas nós e a sua noiva, mas não menos intenso por isso. O Lugal andava de um lado para o outro da sala quando entrámos, os sobrolhos negros franzidos sob o turbante de tela de ouro.

— Rumores — disse abruptamente, detendo-se diante de nós. — Ouço rumores, Comtesse, rumores de Drujan. Do Forte Demseen, vêm eles; de toda a largura da fronteira, da minha própria senhora esposa. Rumores de que o poder do *Mahrkagir* jaz em estilhaços, de que os seus exércitos perderam o alento, de que os Fogos Sagrados ardem e os sacerdotes dos ossos de

Angra Mainyu fogem aos guinchos diante do braseiro. E no meio de tudo isso chegais vós, viva e imprevista, trazendo uma caravana de mulheres e eunucos, portadora de palavra que me roga que tenha tento na mão. Pois muito bem, assim fiz. Agora contai-me porquê.

Contei-lhe.

Embora houvesse levado uma eternidade a vivê-lo, o conto era de breve narrativa. Eu chacinara o *Mahrkagir*, e o *zenana* derrubara Darśanga. Depois disso, os Fogos Sagrados haviam sido acesos, e nós fizéramos uma barganha com o Magus-Chefe Arshaka. Tão breve conto, para tanto sofrimento abarcar.

Valère L'Envers fez-se pálida entrementes. Gostasse de mim ou não, era d'Angeline, e adivinhava melhor do que o seu real esposo o que se passara, e o seu custo.

— É por isto — disse eu —, meu senhor, que peço o vosso auxílio para que estas mulheres sejam restituídas a suas casas. Sofreram gravemente e muito sacrificaram, cada uma delas.

O Príncipe Sinaddan olhou brevemente de relance para a esposa, que assentiu. Ao que parecia estavam de acordo. — Assim será feito — disse ele. — Cada uma delas. Sobre as cabeças dos meus filhos o juro; Khebbel-im-Akkad proverá cada uma delas de dote, digno de uma filha da Casa de Ur. Mas o que, minha senhora, dizeis de Drujan? A vossa barganha está concluída; chegastes a salvo a Nineve. Estais entre amigos, e podeis falar livremente. Tenho um pequeno compasso de tempo antes que tal questão chegue à atenção de meu pai, e prementes decisões a tomar até lá. Apelaís à paz, mesmo depois do que sofrestes?

Inspirando fundo, apertei as mãos uma contra a outra. — Meu senhor — disse —, apelo. Jamais foi da vontade do povo de Drujan... de lavradores, de pescadores, de tecelões e servos... prestar culto a *Angra Mainyu*. Foram uns poucos, uns amargurados poucos, que arrebanharam poder onde o encontraram. E esse poder, meu senhor, tem as suas raízes na crueldade de Khebbel-im-Akkad. Foram as atrocidades cometidas contra a família de Hoshdar Ahzad que deram nascença ao *Mahrkagir*. Meu senhor, apelo à paz em nome de Drujan para que alguém como ele jamais torne a existir.

— Morreram homens — disse ele numa voz grave —, homens akkadianos, dois poderosos exércitos destruídos. Deveremos permitir que Drujan se renda pacificamente e deixar que isso passe sem punição? Seguramente, a nossa fraqueza será desprezada, e persas por todo o lado rirão à socapa, encorajados a nova insurreição.

— Não. — Abanei a cabeça. — Meu senhor, durante oito anos a lei drujani seguiu o caminho de *Angra Mainyu*; maus pensamentos, más palavras,

más ações. A terra está devastada, salgada e tornada estéril em muitos lugares, o gado ao abandono e maltratado. O povo está faminto e cansado de viver no medo. Perguntai aos vossos batedores, se não credes em mim; perguntai a Tizrav, que nos acompanhou até Darśanga. — Pensei no mercenário persa, na sua lealdade jurada à radiosa luz do ouro. — Meu senhor, se entrardes em Drujan com vingança e derramamento de sangue, fomentareis o ódio. Se entrardes com ordem e ajuda, distribuindo vitualhas, restaurando o comércio, aclamar-vos-ão como libertador.

— Hmm. — O Príncipe Sinaddan estudou Joscelin. — O que dizeis vós, meu silencioso guerreiro? Vistes mais do que a Comtesse das manobras internas da governação drujani. Estais de acordo com ela?

— Meu senhor. — Joscelin inclinou a cabeça. Aprendera o bastante da língua akkadiana para responder à letra. — O exército do *Mahrkagir* está desbaratado, havendo sempre sido dependente dos temíveis dons dos seus *Áka-Magi*. O poder deles foi quebrado, os seus aliados fugiram, e o povo olha para os antigos *Magi* para que o governem. Estou de acordo com a minha senhora Phèdre. O momento é oportuno. Conquistareis melhor Drujan com compaixão do que com exércitos.

E o Lugal, a nova casta de déspota akkadiano, ciente das responsabilidades do poder, assentiu para consigo próprio, a sua barba negra irrepresentavelmente aparada oscilando. — Assim é — disse, meio para com os seus botões. — Embora meu pai possa não o ver. Bem, e dado que ele me confiou a guarda das fronteiras setentrionais, assim posso escolher. Ditarei os termos de uma rendição pacífica e enviarei uma delegação a esse Magus Arshaka. Vejamos como responde ele.

Senti-me inundada por uma profunda onda de alívio. — O meu senhor é avisado.

— Veremos. — Sinaddan permitiu-se esboçar um sorriso. — Comtesse, estou ciente da dívida que tenho para convosco. Vós e o vosso consorte apenas haveis feito o que dois exércitos akkadianos não lograram fazer. Não nomeareis uma recompensa?

— A vossa gratidão é recompensa bastante, meu senhor — disse eu mecanicamente. — Quanto ao resto, apenas peço reparações para as mulheres do *zenana*, e quiçá um lugar de honra na vossa guarda para Uru-Azag e seus camaradas, a cuja bravura devemos as nossas vidas.

— Formarão o núcleo da minha guarda pessoal — anunciou Valère L'Envers. — Sendo eunucos, não podem servir entre homens inteiros, mas julgo que será honra bastante. Phèdre nó Delaunay, não há recompensa que queirais clamar para vós mesma?

Havia um toque de impaciência na sua voz. Ouso dizer que à Lugalín de Khebbel-im-Akkad não aprazia ficar em dívida para com uma cortesã

d'Angeline, fossem quais fossem as circunstâncias. — Uma escolta até Tiros não seria inoportuna, minha senhora.

— Escolta! — O Príncipe Sinaddan riu-se. — Tereis isso, e mais.

E com isso fomos dispensados, concluída a audiência.

Acabada ela, senti-me tão exausta como se houvesse travado uma segunda guerra. Verdadeiramente, a política é coisa cansativa, repleta de pressão e ciladas, e com tantas vidas pendentes da decisão de um homem. Nos nossos aposentos, fui até à porta de comunicação ver se Imriel retornara à sua alcova, mas ainda estava vazia. Demasiado cansada para me mexer, quedei-me simplesmente ali. Joscelin seguiu-me, o seu braço sobre o meu ombro, levando-me ao de leve em torno da cintura. Era o bastante. Por muito que o amasse, não teria suportado nada mais.

— Vai levar-me algum tempo — disse baixinho.

— Bem sei.

— Lamento. — Desejei não me sentir destroçada por dentro.

— Phèdre. — Ele voltou-me gentilmente para si. — Bem sei. Fizeste o que tinhas de fazer. Tomara que houvesse sido diferente, mas não te condeno por isso. O que tu fizeste... foi feito valente e nobre, verdadeiramente.

— Então porque me sinto eu tão mal? — sussurrei.

Joscelin tocou-me o cabelo, parecendo agoniado. — Queres... queres falar disso?

— Do que se passou em Darśanga? — Pousei-lhe uma mão no peito, mantendo-o ao largo, sentindo-lhe o coração bater firme e constante sob ela. As lágrimas assomaram-me espontaneamente aos olhos. — Oh, Joscelin! Ainda que o fizesse... suportarias ouvi-lo?

A resposta dele, quando veio, foi rouca e honesta. — Não sei.

— Pois bem. — Engoli em seco com força, assentindo. — Vamos esperar e ver.

SESSENTA E UM



Foi o grito de Imriel que nos acordou aos dois, rompendo o sono — curto, agudo e urgente, um grito de perigo iminente. — Aquilo não é pesadelo nenhum. — Instantaneamente alerta, Joscelin rolou para fora do leito e pôs-se a pé, nu como viera ao mundo, tacteando em busca de uma arma. Envergando atabalhoadamente um robe de seda, segui-o que corria já disparado para o quarto de Imriel, alumiado por uma luz difusa do corredor iluminado por tochas.

No seu leito, Imriel jazia de joelhos, o rosto lívido de puro terror, as mãos presas em garras rígidas. Um vulto trajando vestes negras soltas, um albornoz escuro ocultando-lhe o rosto, retrocedeu na direcção da porta exterior, que jazia entreaberta.

Com uma imprecação, Joscelin arremessou a adaga.

Falhou, indo contra a ombreira da porta. O vulto girou e saiu disparado para o corredor, Joscelin correndo no seu encalço. Acendi uma candeia com dedos trémulos, apenas então ousando olhar para Imriel. — Estás bem?

Ele assentiu, as mãos relaxando lentamente, o peito estreito arfando.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe.

— Acordei e estava aqui alguém. Gritei, e... — Fez semblante de arremeter com uma mão em garra. — Então apareceu Joscelin. Julgais que ele tentava matar-me?

Sentei-me na beira da cama de Imriel. — O que julgas tu?

— Sim. — O seu rosto ainda estava lívido, mas ele estava mais calmo.
— Julgo que sim.

Também eu julgava, mas aguardei até Joscelin retornar, soturno e de mãos vazias.

— Perdi-o — disse abruptamente. — Ou a ela. Não logrei discernir. O que julgas tu, Imriel? Era um homem ou uma mulher?

— Não sei. — O rapaz soava miserável. — Estava escuro.

— Portaste-te bem. Portaste-te muito bem. — Joscelin foi apanhar a adaga e franziu o cenho para o seu braço esquerdo preso na sua funda. — Tê-lo-ia apanhado, não fosse isto. Tira-me a pontaria. Não posso mover-me com tanta presteza, também. Com três passos de avanço? Deveria tê-lo apanhado.

Imriel foi tomado de arrepios, enroscado na cama e abraçando os joelhos. Afaguei-lhe o cabelo. — Deves ter feito uma figura um tanto estranha — disse, olhando para Joscelin. À parte a funda, permanecia ainda esplendorosamente nu. Imriel espreitou por sobre os joelhos e soltou uma risadinha.

— Um tanto. — Joscelin levantou as sobrancelhas. — Vem daí, tu. Doravante, ficarás nos nossos aposentos.

Levou bem quase uma hora, mas Imriel lá acabou por adormecer no nosso leito. Joscelin e eu quedámo-nos sentados, envoltos em robes e discutindo o que se passara em surdina.

— Poderia ter sido qualquer um — disse ele desgostado. — Homem, mulher, eunuco; akkadiano, d'Angeline... jebeano até... Não me foi dado ver como deve ser. Ele meteu por um corredor lateral adentro, e quando finalmente lhe dei com o rasto, perdera-o.

— Nenhum dos guardas lá fora viu nada?

Ele abanou a cabeça. — Nenhum o admitiu.

— Ou mentiram, o que significa tratar-se provavelmente de uma conspiração akkadiana, ou nada viram fora do comum, o que continua a significar ter sido provavelmente um akkadiano. Não uma mulher; uma mulher sem escolta atrairia as atenções, a esta hora.

— Podia ser uma d'Angeline. — A voz de Joscelin soou baixinho. — Valère tem serviçais d'Angelinas no seu séquito, bastantes para passarem despercebidas.

— É verdade. — Nenhum de nós precisou de declarar o óbvio, que era o facto de Valère L'Envers ser filha do Duc Barquiel, e de o Duc com toda a certeza preferir Imriel morto. — Os homens do Senhor Amaury também dispõem de liberdade de movimentos no palácio.

Joscelin suspirou, passando a mão livre pelo cabelo embaraçado de dormir. — Amaury... seguramente não suspeitas de Amaury.

— De Amaury, não. Mas dos outros... — Fitei a chama dançante da candeia. — Quão bem os conheces? Vigny, de Marigot, Charves... Vigny está ressentido, tu próprio o disseste. — Levantei os olhos. — Seria um golpe de génio para alguém que quisesse o rapaz morto fazer-se colocar na missão que partiu à sua procura.

— A comitiva de Amaury foi escolhida a dedo — disse ele. — Valère é uma mais provável candidata.

— Concordo. — Pensei na descrição que Melisande Shahrizai fizera do Senhor Amaury Trente em La Sereníssima. *Um homem capaz, ao que se diz, e leal à Rainha, mas não, penso eu, muito esperto.* — Todavia, devemos considerar a possibilidade.

— Então o que fazemos nós?

— Procuramos rostos arranhados — disse eu. — Imri fez sangue; tinha vestígios dele debaixo das unhas. Se não for nenhum dos homens de Amaury... — Fiz uma careta. — Tudo o que temos a fazer é fazê-lo chegar a Tiros vivo.

— Com a generosa escolta do Lugal — observou Joscelin. — Repleta de sabe Elua quantos potenciais assassinos. — Olhou de relance na direcção da câmara de dormir. — Sabes... toda a minha vida, desde os dez anos de idade, me exercitei para isto, para isto mesmo... servir como guarda pessoal a um membro da Casa Courcel, a melhor protecção possível contra a ameaça de homicídio. E agora? — Encolheu os ombros, o robe deslizando-lhe por sobre o braço ao peito. — Estou imprestável.

— Não imprestável — disse eu ferozmente. — Jamais isso! Preferiria ter-te a ti só com uma mão do que a uma companhia inteira de Escudos Negros!

Ele sorriu, mas os seus olhos estavam desolados. — Não posso lutar, Phèdre. Viste-o tão bem como eu. Até isto acontecer... não cuidei, não tanto como pensei que cuidaria. Após Darśanga, só desejo nunca mais ter de matar alguém. Mas o rapaz... — Olhou de relance para trás, para Imriel. — Ele precisa de um Cassiline, não de um aleijado.

— Joscelin. — Tinha os olhos marejados de lágrimas. — Quem quer que o queira matar terá de passar por cima de nós dois primeiro. E ninguém o fez ainda.

Passado um momento ele assentiu, estendendo o braço para me acariciar a face. — Vai para a cama — murmurou. — Eu farei o primeiro turno e acordar-te-ei antes do alvorecer.

Dormi desassossegada e levantei-me quando Joscelin, de olhos remelosos, me acordou. Enquanto eles dormiam, estudei o pergaminho jebeano que Valère L'Envers me havia restituído. Aprendera bem mais jebèz do que julgara, espiando Kaneka e as suas companheiras. Ponderei as vestimentas

das figuras, o peito de armas ornado de jóias, o diadema colocado na frente de Melek al'Hakim depois de haver sido ungido. Ponderei as duas figuras escapando do Templo em ruínas, carregando o fardo coberto por um pano entre ambas sobre dois varais. Lentamente, os mistérios que estudara coaram-se-me de volta à memória, as longas horas passadas com Eleazar ben Enohk, com o Rebbe antes dele, os muitos textos que perscrutara. Pensei nas palavras de despedida de Eleazar. *Devereis do ser fazer um receptáculo onde o ser não esteja.* O que significava isso, senão o que eu passara em Darśanga? Verdadeiramente, os desígnios dos deuses são insondáveis.

Uma risada ofegante quebrou-me a concentração e levantei bruscamente a cabeça, sobressaltada.

— Vês? — Disse Joscelin para Imriel. — O próprio Lugal podia passar junto dela montado num tigre, que ela por nada daria.

— Daria, sim — disse eu. Não penso que nenhum dos dois acreditasse eu mim.

Passámos o dia em investigações, o melhor que podíamos; não era coisa fácil, em terreno desconhecido. Joscelin, com Imriel a seu lado, procurou os homens do Senhor Amaury, examinando-os em busca de arranhões. Por meu lado, fui até aos aposentos das mulheres onde estava albergado o *zenana*, esperando encontrar Uru-Azag. Ai de mim, cheguei demasiado tarde — Valère pusera já o seu plano em acção, e os akkadianos eram já submetidos a provas para librés e armaduras decorativas de acordo com os seus novos postos como guardas pessoais da Lugalín.

Falei com Kaneka em vez disso, valorizando a sua sabedoria. — Envia-o para aqui, pequenita, se receias pela sua segurança à tua guarda. Somos ainda bastantes para proteger um rapaz. — Abriu-se num sorriso, sopesando o seu machado. — Não me esqueci de como usar isto!

— Enviarei, *Fedabin* — disse eu. — Obrigada.

Kaneka encolheu os ombros. — Quanto mais cedo nos formos, melhor. Os meus pés ardem por chegar a casa.

Tudo era folguedo nos aposentos das mulheres, à parte a mortalha lançada pelas minhas inquietações; Valère e Sinaddan haviam sido generosos nas suas dádivas. Nisso, não lhes encontrei defeito. Novos guarda-roupas, presentes de jóias, visitantes indo e vindo ao longo do dia, trazendo algum novo tributo. Mensageiros haviam já sido enviados, e, em alguns casos, entre persas e akkadianos, dava-se início às negociações para o seu retorno a casa.

Em Darśanga, alguém no *zenana* teria sabido caso se houvesse dado uma tentativa de homicídio. Aqui, eram estranhas, ainda mais que eu, e Nineve apenas uma estação intermediária. Eu não tinha aliados, Rushad algum que me trouxesse rumores da corte. O pensamento, velado de alguma

nostalgia não inteiramente enraizada no desgosto pela memória de Rushad, era perturbador.

Lembra-te disto.

De algumas coisas lembrava-me eu sobremaneira bem.

Depois do *zenana*, dirigi-me a Valère L'Envers. Nada havia, determinara eu, a ganhar em acusá-la, nem em dar parte do incidente — ostensivamente, tudo o que ela podia fazer era expressar profundos lamentos e oferecer-se para nos destinar guardas, o que poria a sua gente ainda mais à mão. Isso desejava eu evitar a todo o custo. Ainda assim, desejava vê-la, e passar uma subtil mensagem.

Valère recebeu-me no seu paraíso privado, que Sinaddan havia mandado construir para ela. Não tão esplêndido, ao que me disseram, como os famosos jardins suspensos da Babilónia. Quiçá assim é; dado que não os vi, não sei dizer. Este era assaz esplêndido, um diminuto recanto de Terre d'Ange recriado entre as paredes de barro vermelho de Nineve.

Havia sido importado solo fértil, e luxurioso relvado verde. Só o custo do sistema de irrigação deveria ter sido fenomenal, criando o gentil córrego que serpenteava através do jardim, atravessado por mimosas pontes em arco. Flores desabrochavam em profusão, apressadas pela primavera akkadiana — violetas, rosas, doce alyssum, misturadas e fora da estação. Valère L'Envers fazia um piquenique com as suas damas de companhia sob uma cerejeira, luxuriantes tapetes estendidos na relva semeada de pétalas.

— Phèdre nó Delaunay — aclamou-me ela em Akkadiano, erguendo um copo de vinho d'Angeline gelado. — Rogo-vos, vinde juntar-vos a nós. Escapamos aos dissabores do mundo por uma tarde de lazer.

— Tem o mundo tantos dissabores assim, minha senhora? — inquiri, ajoelhando num tapete e ajeitando as saias à minha roda.

— Não o haveis achado? — O tom de Valère era ligeiro, mas algo nele me ficou no ouvido. Ela sorriu amenamente, acenando a um criado para que me servisse vinho. — Dada a vossa recente experiência, seria de pensar que o julgaríeis deveras pleno de dissabores.

Beberiquei o meu vinho. — E que experiência seria essa, minha senhora?

As pálpebras de Valère tremeluziram. — Ora, Drujan, claro está. Seguramente não tivestes dissabores em Nineve?

— Não, não. — Abanei a cabeça. — Nada de monta. Dormi mal a noite passada, é tudo. Confio que não tornará a suceder. O pobre Joscelin esteve a pé metade da noite.

Face àquilo, uma das suas damas riu-se a coberto da mão, e fez um comentário especulativo quanto à destreza de Joscelin, perguntando-se se a sua condição imberbe indicaria tratar-se de um eunuco. Assegurei-lhe que

a sua virilidade estava intacta, e outra mulher comentou que ouvira dizer ter ele sido visto nos corredores do palácio na noite anterior, com tal falta de indumentária que se tornara evidente encontrar-se ele deveras sobremaneira intacto. Isto deu azo a especulações sobre porque andaria Joscelin a percorrer os corredores tal como viera ao mundo, sendo o consenso que, à exceção da Lugalín, todos os D'Angelines eram loucos e imprevisíveis, mas não obstante apazíveis à vista, particularmente os espetacularmente desnudos, visão indubitavelmente desperdiçada nos guardas do palácio.

O tempo todo, o sorriso ameno jamais deixou o rosto de Valère L'Envers.

Eu sorri também, e agradeci-lhe uma vez bebido o vinho, retirando-me.

Pois muito bem; aquilo não me deixou dúvidas no espírito, embora o lamentasse. Ela era prima da própria Rainha, e eu devia a minha vida a seu pai. Além do mais, era prima de Nicola, também — Nicola, a quem eu dera um penhor de amante, e que me dera em tempos uma valiosa lição quanto às minhas próprias suspeitas. Tomara eu, pensei lastimosamente, prová-las falsas. Valère L'Envers havia feito boas coisas em Khebbel-im-Akkad. No breve tempo que passei em Nineve, apurara que a sua influência junto de Sinaddan era para o bem, temperando a sua ferocidade akkadiana e acalentando o seu método vanguardista de governação, contrário ao pulso de ferro de seu pai o Califa. Ela dera-lhe três filhos homens, e muito provavelmente o primogénito seria nomeado lugal quando Sinaddan assumisse o califado.

Porque queria ela Imriel morto?

Lealdade, quiçá; a Casa L'Envers protege os seus. Por isso são tão ferozmente leais ao código da sua senha. Que planos teria Valère para os seus filhos mais novos? Não saberia dizer; não conhecia nenhum dos moços, que haviam sido escudados da nossa presença aqui. Lealdade, ou ambição? Ysandre era o primeiro membro da sua Casa, até onde me era dado saber, a pôr o bem do reino acima da sua família... mas Ysandre, pensei, era um ser raro nos termos de quem quer que fosse. Senti a sua falta, então; senti-a terrivelmente. Fria e calculadora poderia ela ser, governada pelo seu intelecto, mas, a seu próprio modo, honrava até mais não o preceito do Abençoado Elua. *Ama à tua vontade*. No que a isso tocava, a minha gélida e precisa Rainha estava na disposição de arriscar a sua própria vida por amor. Recordava-me de como ela cavalgara através das fileiras do exército de de Somerville, apartando-as quais hastes de erva vergando-se ao vento. E recordava-me de como ela e Drustan mab Necthana haviam dançado juntos na festa em nossa homenagem, com olhos apenas um para o outro, sorrindo, evidenciando um amor tão profundo que contemplá-lo parecia um trespasse.

Vira essa expressão nos olhos do *Mahrkagir*.

Perguntei-me se eu e Joscelin alguma vez olháramos de novo um para o outro desse modo.

E perguntei-me, no meu âmago, se Valère teria agido por sua própria iniciativa, ou se tivera ordens do pai. O Senhor Amaury Trente enviara palavra de Menekhet. Se o Duc Barquiel dela soubera, teria havido tempo, durante os meses que passáramos em Drujan, para que ele enviasse ordens a Valère. *Não farei menção de que lamentaria saber do falecimento do rapaz*, dissera-me ele. Faria ele por isso? Tinha as suas próprias ambições, e netos para cumpri-las. Acaso faria. E, se o fizesse, Imriel corria perigo, não menos na Cidade de Elua do que em Nineve.

Quero ficar convosco, dissera Imriel. A memória dilacerava-me o coração. Quanto lhe custara confiar em mim e em Joscelin? Quem que me dera que pudéssemos ficar com ele. Ah, Elua! Confiava em que Amaury Trente o entregaria a salvo, mas Imri mal o conhecia. Sentir-se-ia magoado e traído, e, na verdade, preferiria vê-lo sob a proteção da espada de Joscelin. Tomara que pudéssemos protegê-lo para sempre de qualquer dano. Quem me dera estar de retorno a Terre d'Ange, e não rumando a Jebe-Barkal. Nem sequer lhe poderia fazer a promessa de que retornaríamos. Parecia um destino tão remoto, tão irremediavelmente remoto.

Mas tinha outras promessas a cumprir, e havia destinos piores que a morte.

Hyacinthe.

SESSENTA E DOIS



Nada aconteceu nessa noite, nem nas noites que se seguiram, embora eu e Joscelin fizéssemos turnos e permanecêssemos alerta até de manhã, cansados e em frangalhos. A minha advertência, ao que parecia, fora levada a peito e um Cassiline com um só braço continuava a ser intimidação bastante.

Sinaddan, pensava eu, não deveria saber. Se soubesse, Valère não teria de fazê-lo pela calada — teria sido empresa bastante fácil, em Nineve, matar-nos ou envenenar-nos a todos nós. Não, este era assunto privado, e não coisa sancionada pelo Lugal de Khebbel-im-Akkad, a quem nada aprazeria encontrar a mais famosa cortesã de Terre d'Ange e o seu consorte mortos dentro das suas paredes, juntamente com o príncipe resgatado.

Congratulava-me por isso, pelo menos, e congratulava-me que a busca de Joscelin e Imriel não houvesse dado com suspeitos marcados de arranhões entre os homens do Senhor Amaury. Isso não garantia que não viesse perigo daquele quadrante, mas tornava-o menos provável.

Tudo contado, permanecemos outra semana em Nineve, e pareceu uma eternidade. Houve festas privadas e uma cerimónia pública, todas por demais gloriosas. O Príncipe Sinaddan cumulou-nos com um embaraçoso monte de presentes — especiarias raras, jóias de ouro trabalhadas nas elegantes e fluidas linhas do estilo akkadiano, tapetes de intrincados padrões. A Imriel, ofereceu ele uma adaga curva com punho de ouro em forma de cabeça de aríete. Imriel agradeceu-lhe em akkadiano com acento zeniano, perfeito cortesão de dez anos de idade, a sua expressão nada deixando trair.

Sem outras habilidades ao meu dispor, começara a ensinar-lhe as artes da dissimulação tal como o meu senhor Delaunay me ensinara a mim quando era criança: a observar, a ler expressões, tons e posturas, a ouvir o não dito; a passar despercebido, e a atentar no que revelam as pessoas quando julgam ninguém dar por elas, e nos nove indícios de uma mentira.

Ainda que novato, ele tinha pendor para aquilo. E porque não? Era, afinal de contas, filho de Melisande — e Melisande era uma hábil adepta, casando a arte com o seu dom de manipulação e encobrimento. O meu senhor Delaunay ensinara-a, também, a troco de aprender a vergar as pessoas à sua vontade quais ferramentas vivas.

Agora ensinava eu o seu filho, não com o fito de ganhar poder, mas de salvaguardar a sua vida.

Mantendo vigília à noite, cuidando de guardar Imriel a cada hora do dia, cuidando de nada comer ou beber que não houvesse já sido provado por outra pessoa... deste modo, mantínhamos nós vigilância em Nineve, e enquanto isso a pele arrepiava-se-me de temerosa antecipação. Na festa de despedida, fiz a melhor cara que pude, agradecendo a Sinaddan-Shamabarsin a sua hospitalidade e generosidade. Na verdade, ele fora um gracioso anfitrião, e eu nada tinha a apontar à sua sinceridade. Valère L'Envers manteve o seu ameno sorriso e expressou a sua profunda gratidão pelos nossos feitos, pelo ensejo de conhecer tão augustas personagens.

Não descansei enquanto não saí de Nineve.

E lá partimos nós, com uma vasta caravana rumando a ocidente, pois que boa parte das mulheres do *zenana* viajavam connosco. E a nossa escolta... o Príncipe Sinaddan cumprira a sua promessa. Era praticamente do tamanho de um pequeno exército. As tendas, a caravana de provisões, as carroças carregadas de presentes e generosos dotes; foi necessário um pequeno exército para nos transportar.

Não me aprouve, nem um pouco. Havia centenas de rostos desconhecidos, e centenas de maneiras de ocorrerem acidentes na viagem. E não havia uma só abençoada coisa que eu pudesse fazer a esse respeito. Eu própria pedira esta escolta.

A despeito de tudo isso, foi uma aprazível viagem através das planícies inundadas entre os Grandes Rios. As cheias da primavera haviam depositado um sedimento de rico solo aluvial nas planuras áridas, e havia terreno cultivado até perder de vista, campos de trigo e cevada ondulando ao sol, aldeias flanqueadas por fiadas de tamareiras. Os dias estavam quentes sem estarem insuportáveis, e as noites aprazivelmente frescas. Não fosse o meu medo de que matassem Imriel, poderia ter sido idílico.

Contáramos a Amaury Trente, é claro, que nos ouvira até ao fim em silêncio, de ombros caídos. Apiede-me dele. Destituído de subtilezas ou

não, Amaury era bom homem e leal, e levava a cabo esta missão por consideração para com a Rainha. Provava já ser mais dura e levá-lo mais longe do que ele jamais julgara possível. Isto só lhe tornava a tarefa ainda mais difícil. Ainda assim, acabado de contar o ocorrido, ele suspirara, endireitara os ombros e fora informar os seus homens, que apançou serem dignos de confiança. Roguei para que estivesse certo.

Entre nós, mantivemos Imriel sob guarda constante, a menos que ele cavalgasse com Kaneka e as jebeanas, a que por vezes se juntavam as chowati. Ele não comia prato que não proviesse da panela comum, e não bebia água que não houvesse sido retirada por mãos amigas.

Tudo correu bem até ao dia em que atravessámos o Eufrate.

As cheias haviam cessado, mas o rio ainda estava dilatado numa perigosa torrente. Não me aprazera a travessia em balsas da primeira vez, e não me inspirava menos pavor da segunda. Havia dez passageiros na nossa balsa de junco — Joscelin, Imriel e eu, Kaneka e quatro outras mulheres, a par de dois soldados akkadianos, que não pareciam menos molhados e miseráveis do que todos os outros, ostensivamente ali colocados para nossa protecção pelo capitão, Nurad-Sin.

A nossa pouco firme embarcação pulava e oscilava nas águas revoltas, atravessando o rio pela ação dos balseiros, que cantavam e riam com constantes vivas, fazendo-a passar de mão em mão ao longo de uma das maciças cordas ensopadas de água que transpunham o rio de uma margem à outra, enquanto um grupo no outro lado puxava por uma segunda corda. Uma vez mais, os nossos pobres cavalos tiveram de fazê-lo a nado, e eu muito temi pelas suas vidas. Imriel ajoelhou-se ansioso à beira da balsa, atento ao seu pônei akkadiano que se debatia valentemente contra a corrente.

Eu atentava nele. Deveria ter acatado os meus próprios ensinamentos, e atentado nos soldados.

Aconteceu tão subitamente.

A meio do rio, a balsa balançava com tal violência que não reparei quando um dos soldados se pôs de pé, julgando-o sim inclinar-se pelo movimento da balsa. De um só ímpeto, quase caindo, ele atravessou cambaleante a balsa, de braços estendidos, empurrando Imriel borda fora.

Um grito de consternação embargou-se-me na garganta. Salpicado de espuma, o redemoinho de água castanha arrastou Imriel rio abaixo para cima dos corpos dos cavalos que se debatiam, abalroando-o entre as suas patas que se agitavam sem parar. Com um sorriso amarelo, o soldado seguiu-o borda fora, deixando-se cair no rio enfurecido. Por entre os gritos e o pânico, um dos balseiros de algum modo afrouxou a mão que sustinha a corda, e a força do rio arrancou-a das mãos dos restantes, o ímpeto da balsa fazendo vacilar e cambaleiar os balseiros na outra margem.

O que teria acontecido se Joscelin não houvesse deitado mão à corda, apanhando-a com o braço direito são, não sei dizer. O rosto contorceu-se-lhe num esgar de dor, e o braço retesou-se até mais não na articulação. Não imagino como resistiu ele sem ser arrastado da balsa — mas resistiu. Em segundos, o outro soldado agarrara-lhe as pernas, ancorando-o, e o balseiro recuperou a corda com gritos ansiosos. A nossa embarcação estabilizou.

E Imriel fora arrastado vinte jardas, o seu corpo agora imóvel, a sua cabeça uma mancha escura nas águas revoltas.

Poderia ter sido irremediável, contra aquela torrente, mas ele sabia nadar; eu sabia-o, ele ensinara as crianças mais novas no Santuário. Porque não se debateria ele sequer? Pensei em como ele ficara enredado entre os cavalos, entre os seus cascos dando sem parar, e senti o coração agoniado. Na balsa, Joscelin pôs-se tropeçadamente de joelhos, debatendo-se com o nó da funda, aprestando-se para ir atrás dele.

— Joscelin... — sussurrei.

Ele parecia tão agoniado como eu me sentia. — Tenho de tentar.

Foi então que ouvimos o repentino chapinhar, e vozes jebeanas elevando-se em gritos ferozes de encorajamento.

O vulto de Kaneka fendeu as águas qual lança negra, os longos braços rutilando em movimentos constantes, as pernas dando com força, desembaraçando a fiada de cavalos. Onde a corrente estava a seu favor, arremessava-se rio abaixo; onde formava redemoinhos e turbilhões, contornava-os com perícia, acercando-se cada vez mais do objectivo.

— Puxai — disse eu para os balseiros. — *Puxai!*

Eles assim fizeram, freneticamente, não se rindo já. Ouso dizer que atravessámos o Eufrate a velocidade inaudita. Quando finalmente alcançámos a outra margem, Kaneka e Imriel não se avistavam já. Cambaleei para terra firme, ignorando as minhas saias encharcadas, e agarrei nas rédeas do cavalo mais à mão, arrancando-as das mãos de um sobressaltado soldado akkadiano.

— Fica de olho nele — disse para Joscelin, apontando para o segundo soldado na balsa. — E chama Amaury.

Sem esperar que ele desse sinal de ter ouvido, lancei-me para cima do cavalo e dei meia-volta, rio abaixo. O cavalo estava ensopado e amedrontado e desaparelhado, mas, se nada mais, tornei-me uma cavaleira assaz competente nas minhas viagens, e agarrei-me à sua pelagem escorregadia e incitei-o para diante.

Dobrada a segunda curva, dei com Kaneka içando Imriel dos baixios.

A água escorria-lhe pela pele negra em arroyos e ela arquejava como um corredor de longo curso, os braços tremendo-lhe do esforço. Imriel era

um peso morto, suspenso inerte das suas mãos. Fiz estacar o cavalo tão bruscamente que os seus cascos dianteiros espalharam uma nuvem de terra e desmontei a correr.

Juntas trouxe-lo para a margem.

— Vira-o... de... barriga — arquejou Kaneka em Jebèz, tombando de exaustão. — Tira... água... para fora.

Imriel não respirava. Seguindo as instruções dela, voltei-o de estômago para baixo, pressionando-o compassadamente entre os ombros. Um fio de água emergiu-lhe da boca entreaberta, escorrendo para o solo. Continuei a fazer pressão. Então, subitamente, ele inspirou engasgando-se, tossiu, e deitou para fora metade do Eufrate.

Sentei-me sobre os calcanhares e soprei uma prece de graças.

Quando finalmente o Senhor Amaury e os outros chegaram, o devastador tossir e cuspir de Imriel cessara e ele já dava acordo de si, ainda que aturdido. Sob as madeixas de cabelo negro retinto coladas à sua frente via-se uma contusão em forma de crescente onde um casco de cavalo o apanhara na têmpora, azul-escura contra a sua palidez exangue.

— Ele está bem? — perguntou Amaury, desmontando e oferecendo o seu manto a Kaneka, que se desnudara antes de mergulhar.

— Julgo que sim. — Arredei o cabelo molhado da frente de Imriel, ensombrando-lhe os olhos para ver se as pupilas se contraíam, de algum modo sabendo o que um golpe na cabeça podia fazer. Elua seja louvado, contraíam-se. — Estás bem, Imri?

Encharcado e tomado de arrepios, tanto do abalo como de frio, ele assentiu. — Kaneka?

— Aqui, pequenito. — Ela própria lhe respondeu em zeniano, envolvendo-se no manto de Amaury e pousando uma mão no ombro do rapaz. — Bela corrida me deste.

— Elua! — disse Amaury fervorosamente, avaliando-a. — Ela nada como um peixe. Phèdre, transmitis-lhe os meus agradecimentos e cumprimentos?

Assim fiz, vertendo-os para Jebèz. Kaneka riu-se, a água cintilando como diamantes no seu cabelo lanoso. — Chamam a isto um Grande Rio? — disse ela desdenhosamente. — Deixá-los tentar o Nahar na estação das cheias, onde passa pelas cataratas e os crocodilos esperam. Isso, sim, é um rio!

Alguém apanhou o cavalo que eu tomara emprestado, que se transviara a certa distância, e Imriel foi enrolado noutra manto. Quando finalmente retornámos à nossa comitiva, Imriel não tremia já de arrepios e mostrava-se excitado da aventura, ostentando a contusão na têmpora a Joscelin com orgulho pueril.

— Bonito — disse-lhe Joscelin, erguendo os sobrolhos. — Phèdre, podemos falar?

O corpo afogado do soldado culpado dera à margem do outro lado. O Capitão Nurad-Sin apresentou sentidas desculpas, jurando até mais não poder que o homem era um recruta de última hora, e que ele não tivera conhecimento das suas ações, tal como o seu inocente camarada. Ouvi-o até ao fim, julgando as suas palavras sinceras. No final, não tive escolha senão aceitá-las. Estávamos por demais em minoria para fazer outra coisa.

— Obrigada pelo vosso cuidado, meu senhor Capitão — disse polidamente. — Sua Majestade a Rainha Ysandre de la Courcel aguarda ansiosamente o retorno do seu jovem parente, Príncipe Imriel. Muito irada ficaria se algum mal lhe sobreviesse agora, após tais atribulações, e ousou dizer que sua alteza o Lugal muito desagradado ficaria também. Rogo-vos que vos assegureis de que os vossos homens o saibam.

Ele esboçou um lúgubre assentimento. — Podeis ficar segura disso, minha senhora.

E quiçá assim fez, pois a etapa seguinte da nossa jornada passou-se sem acontecimento de monta. Passei o tempo a prover-me de papel e tinta tão discretamente quanto me era possível, redigindo variadas missivas à luz das fogueiras à noite, e, durante o dia, cavalgando entre as mulheres do *zenana* e confabulando com as efesianas.

Elas foram as primeiras a deixar a nossa comitiva, partindo com uma guarda de honra de akkadianos e uma carroça cheia de presentes reais para se dirigirem por terra para Efesium. Procedemos às nossas despedidas, e fiquei a vê-las ir, plena de sombria satisfação.

— Cuidas dizer-me o que augura essa expressão? — perguntou Joscelin.

— Espera até que tenhamos atravessado o Yehordan — disse eu.

Assim que o fizemos, contei-lhe. Joscelin riu alto, e ele próprio foi buscar Nurad-Sin. Devidamente velada, sentada no interior da minha tenda enquanto ele se postava à entrada, dirigi-me de novo ao capitão akkadiano.

— Meu senhor Capitão — disse-lhe eu. — Estais ciente de que acalentado... cuidados... pela segurança do Príncipe Imriel.

Nurad-Sin fez uma vénia. — Minha senhora, estou. Perante *Shamash*, afianço-vos, tomei todas as precauções para assegurar que não ocorrerão mais incidentes.

— Também eu — disse — as tomei. Cada uma das mulheres efesianas de quem nos apartámos há uns dias carrega consigo uma missiva, dirigida em meu nome a sua majestade Ysandre de la Courcel, Rainha de Terre d'Ange. As quais dei instruções para que fossem entregues ao embaixador d'Angeline na cidade de Efesium, e, graças à generosidade do Lugal, as mulheres do *zenana* terão meios de fazê-lo. Nessas cartas, fiz a crónica dos

eventos que até à data nos sobrevieram, e avancei as minhas suspeitas quanto à sua origem.

O capitão akkadiano fez-se pálido. — Minha senhora, o Lugal estima-vos mais que ao ouro. Seguramente não suspeitais...?

— Não. — Disse-o com uma amenidade que teria feito honras a Valère L'Envers. — De todo. Enquanto o Príncipe Imriel viver, as minhas suspeitas serão silenciadas. Sobrevenha-lhe algum acidente... — Encolhi os ombros. — Dei instruções para que as cartas fossem enviadas. Quiçá, meu senhor Capitão, possais providenciar para que cada homem de entre vós... cada recrutado à última hora, cada veterano, cada estribeiro e cozinheiro e aguadeiro, pois não espero que respondais por todos eles... disto fique ciente.

Ele esboçou uma profunda vénia. — Minha senhora, assim será feito.

— Bem — disse Joscelin quando ele se retirou. — Fizeste o que podias. Não me parecia o bastante.